

ROBERTA MERCADANTE SANTOS

## Saídas, invenções e poderes: estudos sobre velhices de mulheres

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Curso de Pós-Graduação em Política Social  
Da Universidade Federal Fluminense, como  
Requisito parcial para obtenção do Grau de  
Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> SUELY GOMES COSTA

Niterói  
2005

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

TABELA DOS SUJEITOS DE PESQUISA	24
CAPÍTULO I	25
Entre privações e saídas: a cadeira de balanço está vazia	
CAPÍTULO II	49
Novas invenções de velhice	
CAPÍTULO III	74
Experiências de novas velhices: a descronologização da vida e a desbinarização dos papéis sexuais	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
BIBLIOGRAFIA DE APOIO	106

## **Introdução:**

Este trabalho resulta dos anos de pesquisa e estágio no Projeto de Valorização do Envelhecer – PROVE - INDC/UFRJ (Instituto de Neurologia Deolindo Couto – Universidade Federal do Rio de Janeiro), um centro de convivência destinado a pessoas com mais de 60 anos.<sup>1</sup> Abre-se à reflexão das experiências vividas por algumas velhas mulheres participantes de centros de convivência para idosos<sup>2</sup>, no tempo presente. Para tanto, investiga um pequeno grupo de freqüentadoras do PROVE.

Nessa investigação, buscaremos conhecer dilemas de saídas das mulheres idosas para o espaço público, em especial, para os centros de convivência. Essas saídas sugerem transformações nos modos de viver a velhice, pois, rompem com uma programação de experiências e comportamentos que tendem a confinar os idosos no mundo privado, recriando estruturas protecionistas tradicionais. As experiências de saída dessas mulheres parecem produzir transformações nas relações sociais, incluindo as de gênero. A ocupação desses novos lugares possivelmente permite o exercício de novos poderes, expressando formas de empoderamento de mulheres.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Estágio curricular em psicologia – Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IP/UFRJ).

<sup>2</sup> A denominação “centro de convivência para idosos” é ampla e abrange inúmeras modalidades de encontro e proteção social de pessoas com mais de 60 anos. Em síntese, ao falarmos em “centros de convivência” estaremos nos referindo a grupos que possuem na idade seu fundamento de constituição e que possuem dentre suas propostas a valorização do sujeito idoso como cidadão, promovem e exercitam a expressão de sentimentos relacionados às transformações sociais, individuais, físicas, entre outras que perpassam o processo de envelhecimento (Debert, 1999; Py, 1996).

<sup>3</sup> O termo *empoderamento* inexistente na língua portuguesa. É uma aproximação/apropriação da tradução hispânica – *empoderamiento* – do termo anglo-saxão *empowerment* – pelo Português. A complexidade da proposta de *empoderamento* está relacionada à complexidade da noção de poder. *Empoderamento*,

As considerações apresentadas neste trabalho restringem-se às experiências estudadas.<sup>4</sup> Visam, no entanto, dialogar com algumas pesquisas sobre as mulheres idosas. Muito tem se estudado sobre as novas experiências vividas pelas mulheres com mais de 60 anos, a partir de suas saídas para os centros de convivência e tantos outros mecanismos de lazer e proteção social dedicados à Terceira Idade. Nesse campo, destacam-se os trabalhos de Alda Britto da Motta, Andréa M. Alves, Clarice Peixoto, Guita G. Debert, Myriam Lins de Barros, entre outras, todos essenciais para a realização dessa pesquisa.

A velhice fora reinventada (Debert, 1999) e as mulheres assumem lugar de destaque nessa re-invenção. Elas não vivem mais como antes. Dizem a todo tempo *é tudo muito diferente*. Não ocupam somente os lugares de antes. Transitam nos lugares tradicionalmente relacionados às mulheres mais velhas – a casa – e também em outros – a rua (centros de convivência, bailes, teatros, cursos, ...). Estão entre-lugares (Bhaba apud Costa, 2004)<sup>5</sup>. E, é desse entre-lugares que se ocupa essa pesquisa. É isso que trazemos de novo aos estudos sobre as mulheres com mais de 60 anos. Inspirados por Michelle Perrot (2001), pretendemos ir além da identificação de lugares e condutas próprias às mulheres velhas. Os lugares das mulheres na velhice já foram descritos, nos resta ir além. Ir atrás do conjunto sempre movediço das experiências vividas pelos humanos. Aproximarmo-nos da pluralidade e contradição humana. Grande é o desafio. Lacunas neste trabalho, certamente, serão encontradas. Ora, mas aonde não há lacunas? Elas são próprias do humano. É por elas que nos movemos, na louca utopia de um dia preenche-las. Se outros não houvessem deixado lacunas, esse trabalho não teria razão de ser. E assim, esperamos que através de nossas lacunas, outros possam seguir em frente. Pois, grandes sempre serão os desafios.

Através do exame das experiências vividas por algumas mulheres idosas, no tempo presente, pretendemos apontar para macro-experiências, afinal, as

---

inicialmente e sumariamente, tem um sentido de “aumento do poder pessoal e coletivo de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais” (Vasconcelos, 2001: 5). Geralmente, se refere nas discussões em torno do desenvolvimento, seja das políticas sociais, seja dos movimentos sociais, à grupos minoritários submetidos, historicamente, a relações de dominação e/ou situações de pobreza. Ver: Léon, M. 2000. Vasconcelos, E. M., 2001, 2003.

<sup>4</sup> A descrição dos sujeitos de pesquisa encontra-se tanto no decorrer do texto, como no quadro logo após a Introdução.

<sup>5</sup> Estamos nos apropriando apenas da palavra usada por Bhaba (2003), o sentido que esse autor confere a essa palavra diz respeito aos sistemas de dominação e subordinação entrecruzados pelas relações de classe, gênero, geração, raça/etnia (apud Costa, 2004).

compreenderemos como dinâmicas, complementares e contemporâneas. Em nossa investigação buscaremos desvelar o que sai e o que fica. Em outras palavras, as rupturas e continuidades vividas por elas – os entre-lugares. Embora elas inventem uma nova velhice a todo tempo e lugar, re-inventam o tradicional papel da mulher-cuidadora. Ocupam tempos e lugares muito próximos dos de suas mães e avós. Vivem momentos de transição. Seus novos tempos e lugares são por tantas vezes limitados pelo cuidado com os seus. Seu marido, filhos, netos e bisnetos (apesar desses três últimos já não serem tantos) ainda precisam do olhar delas. As atuais conjunturas de Estado Mínimo reforçam e re-inventam a tradição de cuidar em (e pelos da) casa. E aquelas mais sós se preocupam em quem irá cuidá-las: *O meu maior medo na velhice é parar num desses hospitais públicos e não ter vaga. Não ter alguém para cuidar de mim*, conta Edna. O Estado não se ocupa (ou mal se ocupa) de cuidar. O mercado assim se propõe a cuidar da classe média, porém, nem sempre há dinheiro. Preocupações de Telma<sup>6</sup>:

*Eu nem sei até quando poderemos pagar o colégio dela [da neta]. É tudo muito caro. O meu plano de saúde parece que sobe a cada ano. O delas [neta e filha] até que não é muito caro, mas o meu. Prefiro nem pensar. E se o dinheiro não der para continuar a pagar meu plano.*

Elas também ainda gostam e valorizam o cuidar dos seus: *É tão bom a casa cheia, dá trabalho, mas é tão bom. (...) São pedaços da nossa vida [os filhos e netos]*, diz Taninha<sup>7</sup>.

Cuidar é poder (Perrot, 2001). Elas não abrem mão desse tão antigo exercício de poder das mulheres. Outras, todavia, já não tem mais a quem cuidar. Cuidam então de si. E, nos centros de convivência – nas infinitas relações intergeracionais forjadas ali – cuidam dos filhos e netos dos outros: *São os pasteizinhos que vocês tanto gostam. Não vou poder ficar, mas quis trazer para vocês*<sup>8</sup>. Também, nos centros, elas inventam e descobrem novos poderes: aprendem a dançar, representar, uma nova língua, seus direitos e tanto mais. Por que não dizer, se empoderam.

Seguindo os caminhos de Suely Gomes Costa (1996, 2002), demos os primeiros passos para revelar os nexos entre as saídas das mulheres velhas e os sistemas de proteção social no Brasil. Como veremos, os mecanismos de proteção social

---

<sup>6</sup> Relato de Telma durante atendimento psicológico em 2001.

<sup>7</sup> Fala de Taninha em 2003 durante Oficina, recolhida através da observação-participante.

<sup>8</sup> Diz Julia em 2002, recolhida através da observação-participante.

brasileiros são desenvolvidos primordialmente nas casas e pelas mulheres. Mulheres que sempre dividiram cuidados com outras. As mulheres velhas, as avós, parecem sempre ter estado presentes nessa divisão. Ao saírem a dinâmica de proteção é mexida. Surgem tensões. Embora não nos ocupemos propriamente dessas tensões e suas conseqüências, apontamos para isso. Abrimos lugar para novas pesquisas. Afinal, muitas histórias inquietantes estão sendo contadas e vividas por essas velhas mulheres.

O desejo de estudar velhices teve início em meados de 1999, quando ingressei no estágio curricular de graduação em Psicologia oferecido pelo Projeto de Valorização do Envelhecer – o PROVE. Diversas foram as descobertas e questões surgidas e fomentadas por esse estágio. A primeira delas ocorreu ainda no processo de seleção de estágio, um equívoco que propiciou inúmeras possibilidades. Estava buscando um estágio em psicologia hospitalar e ao chegar ao PROVE, deparei-me com um projeto para idosos. Grande foi a minha surpresa e decepção ao descobrir que estava no lugar errado. Imediatamente pensei: *Não vou ficar aqui não!* E, ainda hoje, permanece a pergunta: por que resolvi ficar para a entrevista?

Fui então entrevistada pela coordenadora do projeto: Ligia Py. Conversamos e me encantei por Ligia, não pelo projeto. Enfim fiquei, apesar de nunca haver pensado em trabalhar num projeto para idosos. Na verdade, nesses tempos, não conseguia entender a importância e a razão de um trabalho com pessoas já tão próximas do fim da vida. Embora já houvesse trabalhado com velhos, a relação velhice-fim-morte regia (e talvez ainda reja, porém, de outras formas) minhas percepções e representações sobre os mais velhos. Esse primeiro trabalho com velhos ocorreu na Associação Fluminense de Reabilitação (AFR). Lá participei por alguns meses de um grupo terapêutico para pessoas idosas. No entanto, durante esse tempo, as especificidades do envelhecer, o tema “velhice”, eram minimizadas por um enfoque individualista e atemporal – ou seja, centrado unicamente nas características subjetivas dos velhos ali presentes. Assim, foram afirmadas minhas percepções e representações negativas sobre o envelhecimento. Os componentes desse grupo eram, em geral, pessoas que traziam em seus corpos e falas as marcas de experiências vividas na pobreza e na desassistência. A desarticulação entre as condições sociais e individuais dessas pessoas favoreceu a permanência de (pré)conceitos sobre a velhice.

A segunda surpresa promovida pelo PROVE foi a descoberta de velhices afastadas das representações e percepções que havia construído. Os velhos do PROVE eram pessoas ativas, criativas e (re)inventavam, nessa fase da vida, recheada de representações negativas, o prazer. Importante destacar que apesar das marcas inerentes a todo processo de envelhecimento, os velhos do PROVE possuem experiências bem distintas dos velhos com que trabalhei na AFR. De modo geral, são (e foram) pessoas de camadas médias<sup>9</sup>, assistidos pelo Estado devido as suas (e/ou de seus parentes) inserções no mercado de trabalho, ou então por mecanismos privados que podem e/ou puderam comprar. As melhores condições sociais e econômicas desses velhos, durante suas trajetórias de vida, possibilitaram entre tantas outras coisas a chegada e a vivência de uma velhice aberta a mais e maiores possibilidades.

Apesar dos corpos já envelhecidos, esses velhos expressavam poderes através de suas decisões, do que querem ou não fazer, do que propõem e fazem. A rigidez que acomete nossos corpos, com o passar dos anos, parecia ultrapassada naquelas pessoas. Impossível esquecer, logo nos primeiros dias de estágio, durante uma aula de alongamento, as piadas escutadas devido à rigidez de um corpo tão jovem (no caso, o meu) e a flexibilidade de corpos já envelhecidos. Os velhos do PROVE questionavam incessantemente, por diferentes modos, a rigidez do meu olhar. Pareciam dizer que as minhas construções e pré-conceitos sobre a velhice não dariam conta da realidade vivenciada por eles. O encontro com essas novas velhices promoveu um re-pensar e novas descobertas.

As velhices encontradas no PROVE eram, entretanto, bem mais próximas das velhices que desde sempre convivi. As ambigüidades e aparentes contradições da velhice, expressas nas falas e nos corpos dos velhos do PROVE, sempre estiveram próximas de mim. Os velhos de minha família sempre exerceram, por símbolos diversos, poderes dentro e fora de nossas casas, mesmo quando seus corpos pareciam não poder mais. O mais velho, o mais doente, era também o mais poderoso dentro de nosso espaço mais privado. A talvez maior e mais surpreendente descoberta propiciada

---

<sup>9</sup> Os termos “camadas médias” e/ou “classe média” são para lá de heterogêneos (Barros, 1987). Nessa pesquisa, usaremos essa heterogeneidade a nosso favor. Não pretendemos delimitar rigidamente a condição de classe dessas velhas mulheres. Embora elas tenham diferentes experiências de velhice (algumas empobreceram, outras não experimentaram significativas mudanças econômicas, outras ainda, melhoraram seu status social devido à ascensão social de seus filhos e filhas), suas “visões de mundo” não sofreram significativas transformações. Seus códigos sociais e de valores, como veremos, referem-se às camadas médias da sociedade carioca.

pelo PROVE, e de certa forma sempre presente em minha vida, foi justamente as ambigüidades e aparentes contradições que marcam as vidas de todos nós. Pois, como nos ensina a poeta, somos seres fragmentados:

“Somos uma difícil unidade  
de muitos instantes mínimos, (...).  
Mil fragmentos somos, em jogo misterioso,  
aproximamo-nos e afastamo-nos eternamente,  
como poderão encontrar  
novos e antigos todos os dias,  
transparentes e opacos, segundo o giro da luz  
nós mesmos nos procuramos.  
E por entre circunstâncias fluímos” (Maireles, 1994: 118-9)

Essa nossa fragmentação permite a constante re-invenção de nós mesmos, seja em que idade for. Invenções feitas por nossos encontros, reconhecimentos e não reconhecimentos, com os outros. Encontros que nos fazem pertencer a tempos e lugares, muitas vezes ambíguos e contraditórios – “transparentes e opacos”. Tempos e lugares, outros, que nos dão o reconhecimento de nós mesmos, diz a psicanálise. Esse outro, no entanto, pode ser compreendido em sentido amplo. Ele é também a situação (social, econômica, física, psicológica, etc.) em que nos encontramos e, de certo modo, nos limita a encontrar novas formas de pertencer.

Todavia, o encontro com os velhos do PROVE possibilitou a percepção da fluidez e da pluralidade de papéis, representações e identidades que desempenhamos e construímos em nossas vidas. Impossíveis de serem apreendidos com rigidez no olhar. Afinal, novamente com a poeta: “Que mortal nos poderia prender?” (Maireles, 1994: 119).

Essas descobertas foram e são inventadas, sobretudo, a partir do encontro com os velhos do PROVE e de outros velhos que passam ou pertencem à minha vida, mas, também estão relacionadas às leituras e novos conhecimentos adquiridos. No PROVE, entrei em contato com uma ciência ainda desconhecida por mim – a gerontologia. Através das supervisões, grupos de estudo e aulas teóricas percebi o quanto minhas primeiras representações sobre o envelhecer são próximas de velhas construções sobre



os mais velhos, e, é possível também considerar, de todo um imaginário social da velhice.<sup>10</sup>

Esse imaginário da velhice construído como um momento de perdas, solidão e proximidade do fim dos anos de uma vida, apesar de ser constantemente posto em xeque pelas experiências vividas por muitos velhos de nossos dias, permanece. Possivelmente, uma das expressões dessa permanência é a negação da velhice nos mesmos espaços que a celebra. Os centros de convivência para idosos são atravessados por processos de negação do “ser/sentir velho” – sendo sustentados por novos nomes para designar os com mais de 60 anos (Terceira Idade, Melhor Idade, Feliz Idade, Ativa Idade, etc.). Essas expressões de negação da velhice são reinventadas a todo tempo e lugar nas falas e comportamentos dos velhos. Contudo, não impedem a transformação.

Buscando saber sobre as influências desta negação do envelhecimento, presente nos centros de convivência, na vida das pessoas idosas frequentadoras desses espaços, realizei o trabalho de conclusão de curso para a graduação em Psicologia.<sup>11</sup> Nesse trabalho, pretendi pesquisar se a participação nas atividades oferecidas pelos centros de convivência era um fator de empoderamento e de promoção da saúde, compreendendo o empoderamento como um mecanismo da promoção de saúde. Trocando em miúdos, o que eu perguntava era se: é possível falar de empoderamento – de aquisição de poder – ao negar o envelhecimento? O quanto os novos nomes criados para falar da velhice, produzidos e produtores de novas velhices, não negam e/ou apartam processos de envelhecimento? O quanto oprimem e dominam? O quanto emancipam?

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, me deparei com uma realidade, ao mesmo tempo tão nova e tão velha – a frequência no PROVE era essencialmente de mulheres. Nessa ocasião, estava sendo orientada por Cecília Mello e Souza – uma antropóloga que estuda algumas das realidades das mulheres no Brasil. Numa co-orientação Ligia me diz: *Acho que é importante você falar alguma coisa sobre gênero. Afinal, é essa banda que a Cecília toca e praticamente só há mulheres no PROVE.*

---

<sup>10</sup> Destaco as produções e/ou organizações de livros de E. Bosi, G. G. Debert, M. M. Lins de Barros, A. Neri, L. Py, R. Veras, S. de Beauvoir, M. Papaléo Netto e as revistas da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

<sup>11</sup> Monografia de Graduação em Psicologia realizada no 2º semestre de 2001 – “Saúde e envelhecimento: questões para a promoção de saúde” – Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientadora: Profª Drª Cecília Mello e Souza.

Como sabemos que um texto é sempre dirigido a alguém (Bakhtin apud Amorim, 2003), fui então pesquisar sobre gênero e velhice. Outros estudos revelaram que a frequência majoritária de mulheres não é uma característica exclusiva do PROVE e sim da maioria (quicá de todos) dos centros de convivência para idosos.<sup>12</sup>

Ora, logo quando acreditava que os velhos do PROVE eram meus *velhos* conhecidos, percebo que eram velhas! Nesse momento, me senti completamente estrangeira em minha própria casa. Foram inúmeros os estranhamentos sentidos e as questões suscitadas. Decidi, então, procurar um curso de pós-graduação em que pudesse conhecer o sexo dos centros de convivência.<sup>13</sup> Assim, cheguei, em agosto de 2002, ao curso de pós-graduação *lato sensu* em “Gênero e Saúde”.<sup>14</sup> Nessa época, inúmeras questões povoavam minha mente: Serão as mulheres as responsáveis por essa nova sensibilidade em relação ao envelhecimento – Terceira Idade? A negação da velhice que permeia os centros de convivência e nossa cultura é reforçada mais pelas mulheres do que pelos homens? Por que são as mulheres quem mais procuram os centros de convivência? O que torna esses centros tão interessantes às mulheres e tão desinteressantes aos homens? Onde estão os homens? As práticas dos centros estariam se tornando “femininas”? O que seriam “práticas femininas”? Quais as repercussões que essas saídas das mulheres idosas estariam provocando nas relações sociais? Quais as repercussões que essas saídas trazem às relações de poder?

No desenrolar do curso essas questões foram sendo problematizadas, promovendo um repensar de velhos saberes e o desenvolvimento do projeto de dissertação de mestrado. Ao entrar nesta especialização acreditava que gênero era sinônimo de mulher. Estudar gênero era estudar mulheres. Durante o curso, e até hoje, aprendo que o estudo de gênero ultrapassa o determinismo ou o fundacionalismo biológico dos sexos (Nicholson, 2000). Estudar gênero é estudar as relações entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, homens e homens, etc. É também atentar que papéis masculinos ou femininos são invenções e podem ser desempenhados por homens e mulheres, sejam eles homo ou heterossexuais. O estudo de gênero aproxima-se da tão

---

<sup>12</sup> Os trabalhos de A. Britto da Motta, A. Goldani, G. G. Debert, A. T. Nunes, M. L. de Barros, A. M. Alves e C. Peixoto contribuíram para o aprofundamento da temática do envelhecimento das mulheres.

<sup>13</sup> Referência ao trabalho de Lopes, M.J.M., O sexo do hospital *In*: Lopes, Meyer & Waldow (org). Gênero e Saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

<sup>14</sup> Programa de Estudos Pós-graduados em Política Social - Escola de Serviço Social de Niterói – Curso de pós-graduação *lato sensu* em “Gênero e Saúde”.

importante descoberta que realizei durante os anos de estágio no PROVE – ele trata da circulação entre papéis, representações e identidades que construímos e nos apropriamos durante a vida. A perspectiva de gênero questiona a rigidez do olhar, a fixidez da interpretação e olha *para baixo*. Olha para aqueles, durante muito tempo, excluídos da história e da produção de conhecimento. Aprende com eles. E, descobre novos poderes e possibilidades em vidas por tanto tempo ve(n)dadas por nosso olhar.

Os estudos de gênero contribuíram decisivamente para a ampliação do escopo teórico sobre as experiências vividas por essas mulheres e para utilização dessa perspectiva como categoria de análise numa pesquisa (Scott, 1995).<sup>15</sup> Pudemos então verificar a presença de dois modelos para pensar a velhice, no Brasil: leituras/interpretações diferentes, e muitas vezes contraditórias, sobre aspectos comuns da vida dos idosos, como: o morar só e a viuvez, por exemplo (Debert, 1999).<sup>16</sup> Outrossim, mesmo nos discursos positivos sobre o envelhecer foi possível perceber a utilização e re-atualização de pressupostos fundantes do discurso sobre a velhice – uma fase de perdas, deterioração e pobreza. Observamos, em alguns casos, certa cristalização e dicotomização na formulação desses discursos.

No Brasil, experiências de velhices tão distintas e ao mesmo tempo tão próximas parecem favorecer a assunção de falas dicotômicas. Descrever as realidades das populações faz parte de um tradicional modelo científico. Em falas de gerontologia é possível identificar aproximações com esse modelo descritivo. Essas descrições nos ajudam a dimensionar nossas desigualdades, no entanto, a análise das tensões e ambivalências de novas e velhas experiências vividas é obscurecida. Sem negar as diferenças vividas na desigualdade e a “conspiração do silêncio” em que ainda se encontram muitos dos velhos brasileiros, é imprescindível questionar os riscos de

---

<sup>15</sup> As disciplinas ministradas no curso de especialização em Gênero e Saúde (ESS/UFF) pelas professoras Suely Gomes Costa e Rita de Cássia Freitas e pelo professor João Bôsko Hora Góis foram essenciais para a aproximação e atualização dos estudos de gênero. Entre os estudos desenvolvidos é preciso destacar as contribuições de E. Badinter.; E. Blay; C. Bruschini; P. Boudier; G. Bock; J. Butler.; T. De Lauretis; M. G. Castro; S. G. Costa; L. Gandelman; J. B. H. Góis; G. Lopes; M. Perrot; G. Rubin; J. Scott; R. Soihet; T. Swain; E. Varikas, entre outras e as revistas: Estudos Feministas (CFCH/UFSC); Gênero (UFF) e Cadernos Pagu (UNICAMP).

<sup>16</sup> Nessa nova experiência intelectual aberta pelos estudos de gênero, a disciplina do Prof<sup>o</sup> Góis no curso de especialização e a participação (já como aluna do mestrado) no Núcleo Transdisciplinar de Estudos da Homocultura (NUTEHC/UFF – coord: Prof<sup>o</sup> Góis) promoveu discussões acerca das relações de gênero, para além da binaridade heterossexual. Possibilitando verificar a inexistência, no contexto brasileiro, de trabalhos na área da gerontologia sobre velhices de gays e lésbicas. E, da ausência de trabalhos sobre homossexualidade que verssem sobre a temática da velhice. Abrindo, assim, o desejo para novas pesquisas.

discursos dicotômicos e *duros*. O quanto esses discursos não marcam a diferença e não a alteridade? O quanto não estigmatizam e diferem? O quanto não podem calar inúmeras possibilidades de envelhecer?

No estágio docente (Prof<sup>o</sup> Serafim F. Paz), a heterogeneidade do envelhecimento se fez presente a cada encontro através das diferentes experiências de estágio trazidas pelas alunas. Novos conhecimentos foram adquiridos e tantos outros revistos sobre as diferenças e desigualdades das velhices no Brasil. Podemos conhecer, mais de perto, trabalhos com velhices em condições miseráveis. Novas questões se impuseram ao pensar o empoderamento na velhice – a questão de classe assume, certas vezes, barreiras aparentemente intransponíveis. Os relatos das experiências trazidas pelas alunas desvelavam, no entanto, que as representações positivas e negativas da velhice transitam nas experiências de vida de velhos e velhas – pobres ou ricos, negros ou brancos, sãs ou doentes. Entretanto, seus relatos nos faziam pensar sobre a formação e/ou atualização de *guetos* na velhice. Velhos e velhas com experiências vividas na pobreza também promovem e vivenciam a celebração e a rejeição da velhice (Britto da Motta, 1999). Contrapondo, então, a marca na questão de classe, por vezes, não permite observar semelhanças vividas na desigualdade.

Nessa trama da diferença e da desigualdade é fundamental nos aproximarmos do outro, o diferente de nós. Perceber onde nos reconhecemos e onde nos desconhecemos num outro/estranho transforma nosso olhar. Desmistifica o outro. Abala preconceitos. Permite reconhecê-lo como um outro sujeito/ator. Não nos enganemos em ser o outro, tarefa impossível. Possível, é dialogar com o outro. Interrogá-lo, conhecê-lo e estranhá-lo. É permitir mesmo que por instantes ser tocado. Produzir o nós. Inventar e re-inventar o eu e o outro. E, ao sairmos já não mais seremos os mesmos. Em minhas idas e vindas do PROVE, em meus encontros e desencontros com aquelas mulheres, procurei ser tocada por elas. Dialogar com elas. Conhecê-las. Estranhá-las. Reconhecê-las. Nem sempre nos permitimos... todavia, tentamos (Amorim, 2001, 2003; Geertz, 1997, 1989; Todorov, 1993).

No percurso da pesquisa, muitas foram as descobertas. A disciplina ofertada pelo curso de mestrado “Proteção Social no Brasil” (Prof<sup>o</sup> João B. H. Góis) promoveu o aprendizado de processos, modelos e dinâmicas históricas e culturais dos sistemas de proteção social no Brasil. Desse modo, nos aproximamos da dinâmica entre a história

das mulheres e as práticas protecionistas de nosso país. Diversos trabalhos de Suely Gomes Costa acerca dessa temática foram essenciais para a constatação das permanências e rupturas vividas pelas mulheres idosas. Para além do avanço do neoliberalismo, a supervalorização dos cuidados de e em casa permanecem na história de muitas delas.

Estudos, em geral, afastados de perspectivas mais subjetivas, as quais estava acostumada, foram realizados em outras disciplinas<sup>17</sup>. Novos temas como Estado, sociedade, cidadania, exclusão social e formulação, implantação e implementação de políticas entraram em cena e contribuíram num maior aprofundamento da proposta inicial. Nesses novos intercâmbios com estudos que privilegiam abordagens macro-sociais, buscamos os sujeitos. Percebemos como nossas representações guiam a formulação de práticas e políticas sociais inventadas para e por sujeitos. Constatamos as infinitas e nem sempre aparentes contribuições de setores excluídos na formatação de políticas destinadas a eles.

A tese de doutorado de Serafim Fortes Paz – Dramas, cenas e tramas: a (situ)ação de Fóruns e Conselhos do Idoso no Rio de Janeiro – colocou-nos a frente das muitas encenações de nossos velhos na invenção da Política Nacional do Idoso (Lei 8842). Seja na luta ou na fragilidade de velhos e velhas aposentados e pensionistas, seja na faceirice ou na solidão de homens e mulheres com mais de 60 anos, seja ainda no silêncio audível das mortes na Santa Genoveva, esses velhos e velhas influíram na invenção de uma política destinada exclusivamente a eles.

Chegamos, então, a uma das linhas centrais que tecem esse trabalho. Pessoas comuns são capazes de inventar idéias, valores, representações, códigos de comportamento e exercer poder. São atores do acontecimento histórico.<sup>18</sup> É assim que nas relações com essas mulheres buscaremos compreendê-las. E, ademais, ao falarmos de poder, estaremos pautados nas análises de Michel Foucault e nas propostas dos estudos de gênero: o poder é relação. Está presente entre e nos sujeitos. É exercido, de diferentes modos, por todos nós. Buscaremos então ir além da relação dicotômica

---

<sup>17</sup> Disciplinas: “Estado, sociedade e cidadania” (Prof<sup>o</sup> André Brandão) e “Avaliação, Formulação e Implementação de Políticas” (Prof<sup>a</sup> Lenaura Lobato).

<sup>18</sup> As disciplinas “Culturas, Subjetividades e Identidades” (Prof<sup>a</sup> Rita Freitas); “Processo de Produção do Conhecimento – Representações Sociais” (Prof<sup>o</sup> Ralph Mesquita) e “Dialogismo, Alteridade e Pesquisa Social” (Prof<sup>a</sup> Deise Nunes) fomentaram essa discussão. Nessa orientação, destacam-se alguns autores como: E. P. Thompson, M. Bakhtin, Carlo Ginzburg, Robert Darton, Roger Chartier e Peter Burke.

dominador = dominado. As relações entre humanos são complexas e contraditórias. É, portanto impossível percebê-las através de dicotomias. Mesmo aquele tão fraco e frágil expressa seus poderes, de modos tantas vezes inusitados e quase invisíveis: “A vida é que já é por si mesma paradoxal, desde que seja vista não apenas pela superfície.” (Meireles, 1998: 105).

E, é nessa perspectiva que encontramos outros autores (e, também, nossos sujeitos de pesquisa) para dialogar e produzir este trabalho. Assim, nos valem do conceito de apropriação desenvolvido por Roger Chartier (1990). Os modos pelos quais usamos conceitos, idéias e perspectivas não estão isentos de desejo. São atravessados por ele. As formas como apreendemos as experiências vividas pelas mulheres pesquisadas tampouco são neutras. Os modos como iremos construir e ler conceitos e sujeitos estão condicionados a nossa inserção social: “uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 1990: 17). Os usos são partilhados. Ao usarmos a idéia ou o conceito de algum autor ou a fala de alguma dessas mulheres, estaremos nos apropriando delas. Serão, portanto, atravessadas por nossos valores e desejos (presentes em todo o processo). A apropriação é sempre original. Ao reproduzirmos uma fala ou um conceito eles já não serão o mesmo de quando foram formulados: “A gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita” (Quintana, 1973: 47). Afinal, estamos presentes como pesquisador/ator do acontecimento.

Usamos, assim, Hobsbawm (1984) e sua idéia de “invenção das tradições” e Debert (1999) e suas contribuições sobre a reinvenção da velhice: “Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, [...], visam inculcar certos valores e normas de comportamento” (Hobsbawm, 1984: 9).

As invenções “são reações a situações novas.” (Hobsbawm, 1984: 10). Essa é a nossa apropriação da idéia de Hobsbawm. Em alguns pontos, ela ultrapassa a idéia original ao nos referirmos à invenção de uma nova velhice e os novos códigos de comportamento daí engendrados; pois, o autor nos fala de situações – tradições – que se

referem, apesar das mudanças, ao passado.<sup>19</sup> Em outros pontos, a idéia original nos serve, uma vez que a invenção de uma nova velhice é atravessada por pressupostos do passado: fase de perdas e solidão. Ora, a invenção dos centros de convivência é pautada nesse pressuposto. Ademais, a idéia de Hobsbawm (1984) nos presta para pensar os mecanismos de proteção social desenvolvidos no Brasil (Costa, 2002).

As invenções estão, no entanto, sujeitas às crenças, valores e práticas da sociedade ou do indivíduo – autor da invenção. Podem, pois ser re-inventadas a todo tempo. São construções. Não são estáticas. Movem-se entre os sujeitos e assim, eles as re-inventam. As mulheres do PROVE inventam para si velhices. Mas, para tanto, precisam ocupar lugares. Mover-se entre lugares, da casa para a rua. Esse sair de um lugar para outro permite encontros. Ao sairmos deixamos de ser privados do olhar do outro. E, nessa troca de olhares, novos (re)conhecimentos e novas invenções de si e do outro são realizadas. Nos apropriamos então da noção de saída das mulheres associada à tomada de consciência de gênero de M. Perrot (1991) para pensar as experiências vividas, atualmente, pelas idosas. Usaremos também as contribuições de Suely Gomes Costa sobre as tensões de saída das mulheres brasileiras. Num contexto de desassistência por parte do Estado, como a proteção social é desenvolvida quando as mulheres saem? Muitas são as tensões. O empobrecimento das camadas médias brasileiras dificulta a cada dia a compra de proteção social.

Perceber como a mobilidade das mulheres velhas é reduzida pelo exercício de cuidar dos seus é uma das propostas desse trabalho. As práticas e representações encenadas por essas mulheres serão compreendidas de acordo com nossas apropriações do próprio Chartier (1990, 1991). Para esse historiador, as práticas são inventadas pelas representações dos indivíduos – os modos pelos quais eles representam seus comportamentos e dão sentido ao mundo. As representações são condicionadas à inserção social. As práticas vividas por essas mulheres são significadas pelas representações que constroem de si e do grupo ao qual pertencem. Suas práticas são também formas de se reconhecerem e serem reconhecidas como sujeitos coletivos.

Este trabalho, portanto, se organiza em torno dessas experiências acadêmicas, profissionais e pessoais. Parte, sobretudo, das experiências passadas no PROVE, durante os tempos de estágio e de pesquisa. Dessa forma, apropria-se dessas

---

<sup>19</sup> “É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social.” (Hobsbawm, 1984: 10).

observações e visa através delas promover articulações com outras pesquisas. Reafirmando ou problematizando velhos saberes e buscando inventar novos olhares para e sobre os mais velhos. Essa pesquisa é, então, fruto de meus encontros com velhos.

### **Encontros e desencontros: no campo em busca do método**

Todorov (1993) nos pergunta: Como se ocupar do humano sem tomar partido? A pesquisa com humanos levanta diversas questões. A especificidade do trabalho com seres humanos está na relação e na tensão entre sujeito e objeto e na inseparabilidade dos fatos e valores. Os valores do pesquisador – os meus valores – são questionados pelo processo de pesquisa; pelas relações vividas entre pesquisador-pesquisado. São, porém, esses mesmos valores que impulsionam a pesquisa. Ao descobrir a diferença entre nossos valores, práticas e representações a pesquisa se move. Novos questionamentos são postos. Inúmeras foram as questões surgidas ao ver essas mulheres dançar. Lembro tão bem de minha primeira reação: *Eu nunca colocaria essa roupa e sairia dançando. A não ser que estivesse malhadíssima.* Um pequeno diálogo entre Gláucia e eu reproduz alguns choques de valores e nos incita a reflexão:

- *Fica para aula de dança do ventre. Você vai gostar!*
- *Eu vou ficar, quero passar a assistir essas aulas.*
- *É para a pesquisa? Mas, você poder fazer também. A Yasmim e a Tatiana às vezes fazem. Faz!*
- *É. Eu quero observar para a pesquisa, mas não vou fazer a aula não.*
- *Faz, deixa de ser boba. A gente esquentar com o alongamento e depois dança.*
- *Alongamento, vocês vão ficar é rindo de mim que não consigo nem por a mão no pé.*
- *Deixa de ser boba. Ri da gente também. Essas velhas tudo rebolando. A gente ri junto, uma da outra.*

O que leva essas mulheres à vontade de dançar? O que as leva à exibição de seus corpos numa idade que, em geral, eles eram escondidos? Por que elas riem de si mesmas e das outras ao dançar? Por que se referem a si mesmas como *velhas tudo rebolando*? Por que algumas parecem lutar com seus corpos? Eles cansam, a respiração torna-se ofegante, mas elas não param de dançar. O que move a pesquisadora ao apenas observar essa cena? O que a move a não participar da cena? Como essa cena move a



pesquisa? Tantas perguntas. Tantas respostas. Tantas perguntas sem resposta. Desafios de toda pesquisa, respostas nem sempre serão encontradas e mesmo quando forem...

“Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõe a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu ‘posto no cosmo’, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas” (Paulo Freire, 2001: 29).

Essa pesquisa foi inventada junto com essas mulheres. Seus rumos foram sendo traçados em nossos encontros. Nas observações feitas, novas perguntas emergiam. Esse caráter aberto é próprio da pesquisa qualitativa. Ao lidar com humanos nossas inquietações serão constantemente re-inventadas. Às perguntas postas desde o início surgirão outras. A pesquisa há horas parece perder o rumo. Inventa-se então um novo rumo, pois será possível enquadrar humanos?

“o problema fundamental é o próprio caráter específico do objeto do conhecimento: o ser humano e a sociedade. Esse objeto que é sujeito se recusa peremptoriamente a se revelar apenas em números ou a se igualar com a sua própria aparência. Desta forma coloca ao estudioso o dilema de contentar-se com a problematização do produto humano objetivado ou ir em busca, também dos significados da ação humana que constrói a história. É um desafio na busca de caminhos” (Minayo, 2000: 36).

É nas trocas e nos choques de nossos valores, práticas e representações que podemos trazer indicações sobre o sujeito-humano-pesquisado. Essas indicações, no entanto, parecem sempre ser incompletas, fluidas, provisórias...

### **O campo:**

O Projeto de Valorização do Envelhecer (PROVE) foi criado em 1996, para responder as novas demandas produzidas pelo aumento da longevidade dos brasileiros, pela psicóloga e gerontóloga Ligia Py e com colaboração de professores, profissionais e estudantes de diferentes unidades da UFRJ e do sistema público de saúde<sup>20</sup>. Esse projeto espalha, por diferentes áreas de conhecimento, uma nova onda de valores e crenças

---

<sup>20</sup> Instituto de Assistência aos Servidores do Estado (IASERJ); Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS-RJ); Posto de Assistência Médica 13 de maio; Hospital Municipal Rocha Maia.

sobre o envelhecer, em atividades de ensino-pesquisa-extensão-assistência.<sup>21</sup> Nessa experiência, atualizam-se e inventam-se conceitos e práticas sociais diante da velhice através das várias atividades oferecidas aos idosos, como: pintura, teatro, alongamento, palestras, grupos informativos-reflexivos, oficinas e dança egípcia.

O PROVE está localizado no Campus da Praia Vermelha da UFRJ, mais precisamente, numa pequena sala de dois ambientes no pátio do INDC. O projeto integra as atividades de saúde realizadas por esse Instituto, diferentes e criativos mecanismos visando a promoção da saúde e a garantia dos direitos de cidadania da pessoa idosa são forjados e desenvolvidos por profissionais, estudantes, pesquisadores e os próprios idosos. Importante lembrar que são raríssimas as pessoas que participam do PROVE e tratam-se no INDC.

As atividades promovidas pelo projeto, em geral, acontecem no auditório do Instituto, localizado ao lado da sala do PROVE, ou então no pátio em frente. Algumas atividades ocasionais ocorrem em diferentes salas ou auditórios espalhados pelo Campus. É a sala, escondida e recuada no pátio do INDC, a referência para velhos, profissionais, estudantes e professores do lugar do PROVE. Existem cerca de 200 pessoas inscritas no projeto. Mulheres com mais de 60 anos representam a maioria esmagadora. Essas pessoas chegam ao PROVE, por diferentes motivos e anseios, todavia, levadas por suas próprias pernas. As inscrições não são impostas. Algumas, entretanto são indicadas por conhecidos e/ou especialistas:

*Quem me falou daqui foi a Juracy. Ela é minha vizinha. A minha médica, Dr<sup>a</sup> Andréa, falou que seria bom eu frequentar grupos, fazer ginástica. Eu já sabia que a Juracy estava envolvida nesses grupos da Terceira Idade, eu conversei com ela e vim conhecer.*<sup>22</sup>

Embora haja tantos inscritos, 15-25 pessoas participam regularmente das atividades oferecidas. Dessas 15-25, dois a três homens frequentam mais assiduamente

---

<sup>21</sup>Além de atividades diversas voltadas para os idosos, o PROVE oferece um programa de formação em recursos humanos na área da gerontologia para alunos da UFRJ, numa perspectiva interdisciplinar. Nessas formas de produzir conhecimentos e práticas – vistas como de valorização do envelhecer –, a promoção da saúde das pessoas idosas aparece como algo que se impõe como um dever de cidadania, onde a universidade pública tem um papel fundamental na construção de um saber crítico na área do envelhecimento e na disseminação do conhecimento. Ademais, o projeto busca ser um *locus* de produção do conhecimento na área da gerontologia (Py, 1996)<sup>21</sup>. Percebemos então que o PROVE, como grande parte dos centros de convivência para idosos ligados às instituições universitárias no Brasil, encontra-se apoiado no segundo modelo francês de centro de convivência, isto é, desempenhando um papel de centro de pesquisas gerontológicas (Peixoto, 1997).

<sup>22</sup>Fala de Amélia, 74 anos, viúva, moradora de Copacabana, durante entrevista de acolhimento para inscrição e apresentação do PROVE em 2002.

o projeto. A programação dessas atividades é decidida em conjunto: idosos, profissionais e estagiários. Na busca da valorização do sujeito idoso, os velhos são estimulados a propor e facilitar as atividades. Dessa forma, algumas delas foram/são criadas e coordenadas pelas idosas participantes do projeto. As participantes do PROVE são pessoas em boas/razoáveis condições de saúde, física e financeira. Algumas apresentam doenças crônicas, típicas da velhice, outras, empobreceram. Não experimentam, entretanto, grandes limitações devido a essas suas novas condições de vida na velhice:

*“Para mim tenho 20 anos, minha cabeça é igual... só as pernas que já não pulam mais como antes... é como uma criança pequena que precisa de ajuda para descer as escadas. Só que eu ainda estou na vantagem, não preciso de ajuda, ainda! ... adoro ser velha, sou velha sozinha e ninguém manda em mim!”<sup>23</sup>*

Em geral, essas pessoas freqüentam o projeto uma a duas vezes por semana. Desenvolvem as atividades de acordo com seus desejos. Participam de diversos grupos que reúnem velhos: *Eu faço tudo que tenho direito. É PROVE. É Rocha Maia, a ginástica, baile, teatro. Onde tem agitação, tem eu também.*<sup>24</sup> Moram nos bairros próximos à Praia Vermelha: Botafogo, Urca, Catete, Flamengo e, principalmente, Copacabana. Boa parte dessas mulheres é viúvas, não sabemos ao certo se esse grupo representa a maioria. Quase todas, no entanto, foram casadas, são mães e avós. Algumas já são bisavós. A descrição dos sujeitos será mais bem detalhada no decorrer do trabalho.

Meu tempo e lugar no PROVE podem ser divididos em duas diferentes fases: de 1999-2002, como estagiária de psicologia e de 2002-2004, como pesquisadora. Esses dois lugares ocupados por mim, no entanto, se entrelaçam a todo tempo.

### **A busca do método:**

Este trabalho reúne fragmentos das vidas de algumas idosas. Fragmentos expressos em suas falas ou em seus silêncios durante nossas conversas, entrevistas e atendimentos psicológicos. Para a pesquisa, foram utilizados três entrevistas individuais em profundidade (gravadas), relatos (descrições) de três atendimentos psicológicos

<sup>23</sup> Fala de Walda em entrevista, 2002.

<sup>24</sup> Fala de Laís, durante Oficina, recolhida através de observação-participante, 2003.

(realizados no período de 2000-2002), dados de 16 entrevistas gerontológicas<sup>25</sup> e 23 diários de campo. Além, das inúmeras conversas e experiências vividas durante todo o tempo que estive no PROVE, atuando como observadora-participante. É importante destacar que mesmo durante o período de estágio em psicologia, era incitada a atuar no grupo questionando o envolvimento com os sujeitos com os quais trabalho e ao mesmo tempo busco conhecer. Afinal, essa era uma das funções do estágio. Assim, inspirados por Ligia em suas apropriações de Thiollent, encontrávamos com os idosos. Agíamos e pesquisávamos:

“A pesquisa-ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou uma resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.” (Thiollent apud Minayo, 2000: 26).

As revivências desses tempos de estágio e pesquisa são atualizadas aqui, no entanto, em um outro tempo – “numa temporalidade fora do eixo daqueles acontecimentos, num contexto cultural e histórico deslocado do original.” (Ferreira, 1996: 79). Esses dois momentos, entretanto, estão ligados por uma rede de significados que se tece entre minhas recordações e minhas atualizações: “Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente.” (Guimarães Rosa, s/d). No presente interpelo o passado, o estranho e o desconheço, busco desfamiliarizá-lo e, através desse recurso metodológico pretendo abrir espaço para a observação sistemática. Ademais, é imperioso atentar para as relações que estabeleci com essas idosas. Ao mesmo tempo, trabalhei, investigo e estabeleço relações afetivas com essas pessoas:

“O conhecimento dessa condição permite que se busque construir e manter o distanciamento necessário na abordagem tanto do trabalho de campo como no da elaboração das conclusões sobre ele, para evitar resultados meramente ‘impressionistas’ ou naturalizados. O estabelecimento dessa distância, entretanto, nunca é fácil e nem é plenamente alcançado – principalmente nas condições especiais de uma observação sobre ‘si mesmo’. Além do mais, tampouco pode ser confundido com uma prática que aspire à objetividade ou à imparcialidade – sendo ambos aspectos ilusórios em empreendimentos desta ordem.” (Ferreira, 1996: 81).

---

<sup>25</sup> Estas entrevistas são feitas regularmente com os participantes do Projeto. Algumas entrevistas foram realizadas por mim (durante o período de estágio) e outras por estagiárias do projeto.

Em apropriações da metodologia de pesquisa etnográfica, procuramos nos aproximar o máximo possível dos sujeitos pesquisados, buscando compreender os significados e invenções produzidas por elas, a partir dos elementos presentes naquele lugar.<sup>26</sup> Certos estivemos, em todo tempo, de que nossas apreensões seriam sempre falhas. A fragmentação do humano não nos permite apreendê-lo em sua totalidade. Há sempre algo que escapa. Algo que não se revela nessa relação. Algo que a própria estrutura do pesquisador não o permite enxergar. Esse algo é próprio da singularidade do pesquisador e de sua relação com os sujeitos investigados. É também próprio do lugar do pesquisador – o lugar do outro.

Ao contar-lhes sobre a pesquisa, eu me tornava “o outro” e elas “o nós”. É claro que nunca ocupamos o mesmo lugar nesse grupo. Mas, eu já não era a mesma parte daquele grupo, pois agora havia verbalizado a nossa diferença. A diferença que me movia a pesquisá-las: *Mais você também! Todo mundo agora quer nossa entrevista. A gente está ficando cada vez mais importante.*<sup>27</sup> Algo em nossa relação se partia e isso tornou-se mais evidente durante as entrevistas.

Nossa relação fora desfamiliarizada. Eu não mais ocupava o lugar já tão conhecido por elas. Era agora uma pesquisadora: *Eu acho tão bonito ver vocês crescerem. (...) Agora, você já se formou. Já está no mestrado.*<sup>28</sup> Elas e eu sabíamos que as experiências vividas por nós até então de formas tão naturais, seriam, agora, num outro momento desnaturalizadas, estranhadas, por mim: “Para que alguma coisa possa se tornar objeto de pesquisa, é preciso torná-la estranha de início para poder retraduzi-la no final: do familiar ao estranho e vice-versa, sucessivamente.” (Amorim, 2001: 26).

Buscando tornar aquelas pessoas tão familiares em estranhas, comecei, na verdade, continuei a participar dos encontros realizados<sup>29</sup>. Neles, sentava, observava e conversava com elas como costumávamos fazer. Mas, eu já não vinha mais sozinha,

---

<sup>26</sup> Essa abordagem tem suas origens na antropologia: estudar os sujeitos no lugar que eles ocupam, de modo a promover a emergência de significados que influenciam práticas e condutas, além de perceber a construção das relações forjadas pelo grupo. Com a antropologia, encontramos Geertz e o “mito do pesquisador de campo semicamaleão” (1997: 85), o que se adapta perfeitamente a realidade que pretende estudar, o que é capaz de sentir, pensar e perceber o mundo como aqueles que busca conhecer. A destruição desse mito operada por Malinowski (*A Diary in the Strict Sense of the Term*) atravessou o processo de pesquisa.

<sup>27</sup> Fala de Silvia em 2003.

<sup>28</sup> Fala de Gláucia em 2004.

<sup>29</sup> Refiro-me as usuais atividades promovidas pelo PROVE.

estava sempre acompanhada de uma caneta e um caderninho no qual anotava nossas conversas, minhas impressões e descrevia o que observava. Algumas vezes deixava o caderninho de lado para realizar o registro depois, mesmo assim, eu e elas estávamos num outro lugar. Um novo lugar no qual havíamos nos colocado. Esse sair de um lugar para outro nem sempre foi fácil. Era uma nova relação: pesquisador=pesquisadas. Ao ser apresentada para uma nova participante do projeto: *Ela era nossa estagiária, mas agora já se formou e está fazendo mestrado. Aqui, os estagiários são muito bons, então, quando eles se formam, vão direto pro mestrado.* [Ela se vira e me dá uma piscadela] (...) *Ela agora está fazendo uma pesquisa sobre as mulheres idosas.*<sup>30</sup> Embora num outro lugar, os laços afetivos tecidos entre nós permaneciam.

Dei início a marcação das entrevistas. Explicava seus objetivos e as convidava a participar. Interessante que ao saber do que se tratava a pesquisa, elas me enchiam de informações sobre as distintas possibilidades de ser velha no passado e no presente. Essas informações, em geral, eram preciosas. Várias estão escritas neste trabalho. Realizei a primeira e a segunda entrevista. As entrevistas foram feitas no PROVE, em horários diferentes das atividades usuais. Elas ocorreram num processo análogo ao da associação livre (até onde ela pode ser livre), minhas perguntas eram feitas de acordo com as informações que obtinha. Havia, entretanto, formulado algumas questões: Como era sua vida antes da velhice? (infância; juventude; casamento; filhos; morava com; trabalhava com; quem cuidava dos filhos, do marido, dos pais, delas?). Como é sua vida na velhice? (mora com; trabalha com; se parou de trabalhar, como é; quem cuida dos filhos, do marido, dos pais, delas?) O que mudou? O que pensa das mudanças? O que permanece o mesmo? O que pensa dessas permanências? Você lembra como eram as mulheres na velhice antigamente – suas mães, avós, etc.? O que mudou desse tempo para cá? Como começou a freqüentar grupo para idosos? Como começou a freqüentar o PROVE? Freqüenta outros programas para “Terceira Idade”? Como é participar desses espaços? O que acha da ausência de homens nos centros de convivência? O que acha das atividades oferecidas no PROVE? Quais outras atividades gostaria? Por que? Participa dessas outras atividades em outros grupos (de idosos ou não)?

Essas questões também guiavam minhas observações e intervenções durante a observação das atividades. Nas entrevistas, usamos o gravador. O gravador pode ser

---

<sup>30</sup> Laís, em 2003.

considerado um terceiro interlocutor, favorecendo ou dificultando, a emergência de comportamentos, desejos, conflitos e expectativas. As falas, assim, nascem “tendo como referência uma produção de linguagem compartilhada com pessoas e com um objeto específico” (Jobim e Souza, 2003: 87). Após a realização de três entrevistas, percebi que a inserção de um outro – o gravador – na relação entre as entrevistadas e eu, não favorecia a emergência de características conflitantes e ambíguas. Suas falas eram mais ordenadas, arrumadas, por vezes, pareciam já ter ensaiado antes o que iriam me dizer. Talvez, por já terem passado por diversas entrevistas: *Eu dou entrevista para todo mundo, não vou dar para você por que?*<sup>31</sup>

Já na observação das atividades habituais realizadas por elas, suas falas revelavam mais claramente os conflitos, contradições e ambigüidades vividas por elas. Despojadas do lugar de entrevistadas, no grupo, elas expunham a pluralidade de suas identificações e identidades – tantas vezes, divergentes. Em busca desse maior despojamento (meu e delas), que considerei um facilitador, desisti de realizar mais entrevistas (seus conteúdos, no entanto são utilizados) e construí a pesquisa a partir das observações – registros de diário de campo. Participava das oficinas freqüentadas por elas: sala de leitura, pintura, dança egípcia e grupo de encontro. Ecléa Bosi (1994) disse: “Freqüentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão.” (: 39). Nos lugares onde os sujeitos se despojam dos seus lugares: entrevistador=entrevistado. Não é demais lembrar que esse despojamento nunca é completo. No grupo, eu era o outro que as pesquisava. Mas, mesmo assim, os diálogos entre elas e entre elas e eu pareciam mais ricos.

Ademais, puxei da memória experiências vividas no passado, num tempo em que ainda não havíamos formalizado a relação pesquisadora=pesquisadas. E por falar em memória, também recorremos a ela quando pedíamos para essas mulheres lembrarem de seu passado e do passado de suas mães e avós. Transformamos, assim, suas lembranças em interpretação: “Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia.” (Bosi, 1994: 81). As lembranças evocadas, a memória individual e coletiva, daquelas mulheres depende de suas experiências vividas – suas relações passadas e

---

<sup>31</sup> Fala de Alitéia em 2003.

presentes entre elas, entre elas e eu, com suas famílias, com a classe social, com a profissão, a raça, o gênero, a geração; em suma, dos grupos, da coletividade a qual fazem parte. Através dos relatos de suas lembranças e das atuais experiências vividas por elas buscamos coletividades. O mesmo ocorreu quando debruçamos nas anotações dos atendimentos psicológicos clínicos. Esses atendimentos possibilitaram (e possibilitam) releituras mil. Nas histórias de vida contadas por essas mulheres, em suas mais profundas subjetividades, ontem e hoje, descubro, em outro tempo e lugar, coletividades.

E foi desses modos, desses tantos encontros e desencontros, que fomos desenvolvendo essa pesquisa: “Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida.” (Jakobson apud Bosi, 1994: 38).

E para encerrar as palavras de Loew, escritas por Éclea Bosi, mas que sempre me recordo na voz de Ligia: “é preciso que se forme uma comunidade de destino [...]. Significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados.” (Bosi, 1994: 38).

### **Pondo ordem na desordem: os capítulos**

*“A dispersão não lhes tira a unidade,  
nem a inquietude a constância.”*  
Machado de Assis

Tarefa das mais difíceis: organizar os capítulos. Buscar alguma ordenação nas falas, idéias e teorias. Identificar entre as tantas coisas ouvidas e lidas – o que tem haver com o que, quais serão os conteúdos trabalhados, como ficarão dispostos ... Ao recordar, ler, ouvir alguma fala, uma catarata de idéias se fazia presente. Foi preciso ter calma para evitar dispersões (elas, todavia, possivelmente ainda estão presentes). Distribuímos, então, os conteúdos em 3 capítulos.

No primeiro, “Entre privações e saídas: a cadeira de balanço está vazia“, tratamos da invenção da tradição de cuidar das mulheres, no Brasil. Iniciada há séculos e ainda presente. Indicamos como essa tradição confere poderes e limita mulheres em todas as idades. Ressaltamos as mudanças ocorridas com as experiências vividas pelas



mulheres brasileiras, nos últimos 40 anos. Essas mudanças apontam para re-invenções da tradição de cuidar – essa tradição, entretanto, ainda é supervalorizada. Ao saírem e ao terem menos filhos as relações sociais são mexidas. Essas saídas, no entanto, não ocorreram logo de cara para a maior parte das mulheres pesquisadas. Elas são hoje mulheres de 70-80 anos. Desse modo, a liberdade alcançada por muitas mulheres nos anos de 1960, só foi alcançada por elas pouco tempo mais tarde. Na década de 1960, elas já estavam casadas e com filhos. Suas filhas, porém, não lhes deram tantos netos. A cadeira de balanço por tanto tempo ocupada pelas mulheres velhas é hoje quase uma peça de museu. O cuidar, no entanto, não foi completamente abandonado. E, nem poderia, numa conjuntura de avanço do neoliberalismo e de empobrecimento da classe média a proteção social continua a ser desenvolvida em casa. Ademais, tentamos apontar para um desafio já presente, mas que tende a aumentar nos próximos anos: ao terem menos ou não terem filhos, como serão os cuidados dessas mulheres na velhice? Nos ocupamos em encontrar alguns nexos entre a história das velhices e a história das mulheres.

No 2º capítulo, “Novas invenções de velhice”, a idéia foi tratar da invenção dos novos mecanismos de proteção social aos velhos – os centros de convivência – e localizá-los de acordo com as novas transformações vividas pelas mulheres idosas. Nossa pretensão foi também problematizar a invenção de novos nomes em relação à velhice; e então refletir sobre os espaços destinados aos velhos de acordo com suas diferenças de classe e sexo.

O 3º e último capítulo – Experiências de novas velhices – detalha mais precisamente as novas experiências vividas por essas mulheres, a descronologização da vida e a desbinarização dos sexos. A atribuição de papéis segundo os sexos e as idades já não se dá como antes. Hoje, vivemos entre-lugares. A mobilidade de papéis, representações e práticas é o que dá o tom dos tempos atuais. Refletimos sobre a pluralidade dos papéis encenados por essas mulheres, as infinitas formas de construir suas identidades. E, finalmente, levantamos a pergunta sobre como essa pluralidade influencia as relações de poder.

<b>NOME</b>	<b>NASCIMENTO</b>	<b>ESTADO CIVIL</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>MORADIA</b>	<b>VIVE COM</b>	<b>RENDIMENTOS</b>
Taninha	1933	casada	Ensino Médio	Botafogo	marido	aposentadoria do marido e aluguel
Silvia	1920	viúva	Ensino médio	Botafogo	sozinha	pensão, é comerciarista, auxílio dos filhos
Nélis	1931	casada	Ensino médio	Botafogo	marido	aposentadoria sua e do marido
Graciara	1935	viúva	Ensino médio	Humaitá	sozinha	pensionista
Lais	1927	viúva	Ensino Fundamental – 1º segmento (4ª s.)	Centro	sozinha	pensionista e auxílio dos filhos
Julia	1927	casada	Ensino médio	Copacabana	marido	aposentadoria do marido e aluguel
Telma	1938	viúva	Ensino fundamental – 1º segmento (4ª s.)	Botafogo	filha e neta	pensão e aluguel
Alitéia	1926	viúva	Ensino Fundamental	Copacabana	filha e neto	pensão e auxílio dos filhos
Lídia	1932	casada	Ensino médio	Copacabana	marido	aposentadoria
Gláucia	1932	viúva	Ensino médio	Copacabana	irmã	aposentadoria
Lalá	1934	viúva	Ensino médio	Botafogo	sozinha	pensão
Edna	1932	divorciada	3º grau	Copacabana	sozinha	aposentadoria
Walda	1926	viúva	Ensino médio	Botafogo	sozinha	pensão, aposentadoria e comerciarista
Marcélia	1935	casada	Ensino médio	Botafogo	marido e filho	auxílio do filho e marido
Clara	1934	casada	Ensino médio	Botafogo	marido e filha	aposentadoria e auxílio do marido
Candida	1942	casada	Ensino médio	Copacabana	marido	aposentadoria e auxílio do marido
Hilda	1921	viúva	Ensino médio	Copacabana	filha e netas	pensão

## **I - Entre privações e saídas: a cadeira de balanço está vazia**

Em fins dos anos de 1990, um periódico carioca, recorre a cadeira de balanço vazia para ilustrar uma reportagem sobre os rumos que a vida das avós vêm tomando no tempo presente. Nada nos parece mais emblemático que essa cadeira para expressar o rompimento das fronteiras do espaço doméstico e dos dilemas postos pelas saídas das mulheres idosas para tantos lugares. Essa marcha das velhas mulheres para o mundo da rua, se faz com a tomada de consciência de gênero por muitas brasileiras de todas as idades – suas percepções dos infinitos significados de comportamentos sociais de homens e mulheres (Perrot, 1991).

Nos últimos tempos, muitas foram as transformações vividas pelas mulheres de todas as idades, etnias, raças, credos, condição social, ..., e tantas outras diferenças que marcam a vida de cada um de nós. Diversas em suas trajetórias de vida, as mulheres do mundo com seus conformismos e inconformismos questionaram seu lugar dentro dele. Inventaram e inventam uma nova tradição de ser mulher. Saem de antigos lugares e tempos próprios a elas. Ocupam novos. Desfazem-se de antigos poderes no domínio da casa. Inventam novos; re-inventam velhos. Publicizam o antes tão privado. Falam de dores e de amores. Politizam seus corpos, suas sexualidades, seus prazeres e a reprodução. Entram na roda discursiva. Interrogam e demandam novas estratégias para suas novas invenções. Formalmente ou informalmente, as mulheres mudaram seu tempo e seu mundo. São e não são como antes. São plurais, complexas e contraditórias em suas experiências vividas – humanas. Suas velhices – antes tão privadas – tornam-se mais públicas. Suas experiências assim parecem se fazer num emaranhado de rupturas e continuidades com tradicionais papéis consagrados por elas, a fala de Taninha de 72 anos assume esse sentido:

*É tudo muito diferente. Quem vai querer ficar em casa o dia todo, lavando, passando, varrendo, tomando conta de neto? Ninguém. (...) Você vê. Quando eu me casei, fui passar a lua de mel com meu marido na casa de praia de uma tia rica. (...) Depois da praia, descobrimos um restaurantesinho de pescadores, com peixe, frutos do mar. Meu marido falou: Vou pedir para eles assarem um peixe para gente e jantamos aqui. Sabe o que eu disse? Que não. Para comprarmos o peixe e assarmos em casa. Sabe por que? Fiquei com vergonha de acharem que eu não sabia cozinhar. Que iam começar a pensar que eu não seria boa esposa e o casamento não daria certo. Vê se pode? Naquela época não se tinha o costume de comer fora como hoje. Comida era*

*feita dentro de casa. Hoje, eu sonho em almoçar na rua. Pago para não ter que cozinhar.*<sup>32</sup>

### **Privações: algumas invenções da tradição de cuidar**

O embalo dos netos, depois dos filhos, por muito tempo, deu continuidade a papéis maternos. Em cadeiras de balanço e em outros lugares as avós embalavam os filhos de seus filhos. Cuidavam dos seus e essa parecia ser uma inexorável predestinação. Na maternidade estendida às avós, repetia-se o aprendizado anterior nas continuidades de mais tarefas domésticas (Barros, 1987). Era o jogo da cronologização e da binarização da vida – ou seja, papéis sociais atribuídos e encenados de acordo com a idade e o sexo (Debert, 1999).

Papéis foram distribuídos, em nossa sociedade, de acordo com esse jogo. Os sujeitos de muitos modos apropria(va)m-se desses papéis sociais e construíam suas identidades.<sup>33</sup> No passado, as possibilidades de ser eram restringidas por estruturas muito mais rígidas que as atuais. Assim, as mulheres, usualmente, mais ligadas ao mundo da casa, lá permaneciam; agora, com uma nova geração para ser cuidada ou então sendo alvo de cuidados. E, os homens velhos, após anos de provento e da encenação de papéis no universo público, se aposentavam e se recolhiam a seus lares (Barros, 1987; Britto da Motta, 2000; Debert, 1999). Nesses padrões comportamentais, as vidas dos indivíduos tornavam-se cada vez mais privadas, é o que nos diz Silvia nos auge dos seus 85 anos: *velho antes ficava em casa esperando morrer.*<sup>34</sup>

Essa arrumação do mundo doméstico e, conseqüentemente, do mundo da rua – através do jogo da cronologização e da binarização da vida – serviu por muito tempo a ordem capitalista. Hoje, veremos, já não serve mais. Esse jogo, no entanto, fora apropriado por nossa cultura e ainda hoje é reinventado em histórias de vida. Quando filhos e netos estão longe é a depressão que bate a porta, conta Nélis de 64 anos:

---

<sup>32</sup> Fala de Taninha, carioca de Botafogo, casada, mãe e avó, nascida em 1933, dona de casa, recolhida em 2004 durante Oficina, através da observação-participante.

<sup>33</sup> Segundo Castells (1999), papéis são definidos de formas mais estruturadas pelas instituições e/ou organizações da sociedade. Enquanto, as identidades possuem fonte de significado para os atores, são construídas por um processo de individuação. Cada indivíduo atribuirá um significado singular aos papéis que exerce em sua trajetória de vida. Neste trabalho, estaremos nos valendo dessa concepção.

<sup>34</sup> Fala de Silvia, nascida em 1920, mora em Botafogo no mesmo prédio da filha, viúva, mãe, avó, bisavó, pensionista, ajuda a filha em sua loja, em 2003 numa Oficina de Pintura, recolhida através da observação-participante.

*Tem coisa melhor do que ficar paparicando filho e neto? Eu morro de saudades deles. Essa minha depressão é saudade. Ligo para eles todos os dias. Minha filha já disse: quando o papai ver essa conta, te mata! Mas, eu não consigo ficar sem eles. Ainda bem que tem os outros [netos filhos de sua outra filha].*<sup>35</sup>

Um dos importantes impactos do jogo da cronologização e da binarização da vida no Brasil, e mais especificamente, na cidade do Rio de Janeiro, ocorre há dois séculos atrás. Novos mecanismos normativos emergiram buscando controlar o corpo social – ordenar o crescimento da população e as atividades econômicas. E, assim, instaurar uma nova ordem industrial e capitalista (Nunes, 1991). A ordem capitalista em todo o mundo resignificou relações: de classe, de gênero e de geração (Debert, 1999). Resignificações apropriadas pelas sociedades de acordo com suas dinâmicas tão próprias – “a transformação de uma cultura também é um modo de sua reprodução” (Sahlins, 1990: 174)<sup>36</sup>. Mulheres e homens, mais novos e mais velhos, foram se apropriando e internalizando papéis sociais; e inventaram representações e práticas do cuidar.

Nesse emaranhado de práticas e representações, o mundo privado no século XIX, recebeu especial atenção do Estado. As relações intergeracionais tornaram-se focos de intervenção pública. Esses cuidados, todavia, eram pensados numa única direção: pais cuidadores de filhos, ou melhor, os mais velhos (sejam pais ou avós) cuidando dos mais novos. Os cuidados com os jovens, representantes de um futuro promissor e produtor, foram enfatizados. A promessa da juventude – uma vida aberta a inúmeras possibilidades de ser e fazer – caía como uma luva ao ideal de progresso e desenvolvimento econômico que atravessa o capitalismo. Os cuidados com os mais velhos, nesse tempo (e até pouco tempo atrás), não eram considerados uma questão pública. Afinal, morria-se cedo e as condições dos velhos, nessa época, de nada prestavam a nova ordem que se instaurava. Os cuidados, portanto, davam-se dentro das casas e sem qualquer orientação pública (Rocha, Gomes & Filho, 2002).

---

<sup>35</sup> Fala de Nélis numa Oficina em 2004, recolhida através da observação-participante. Carioca de 1941, casada e moradora de Botafogo, mãe e avó, aposentada, uma de suas filhas mora com seus netos atualmente, nos Estados Unidos.

<sup>36</sup> É imperioso atentar que o desenvolvimento capitalista, assim como qualquer sistema de reprodução econômica e social, entra em relação com as sociedades que atinge; assenta-se em bases culturais e econômicas pré-existentes e as transforma; ao mesmo passo é transformado pelas dinâmicas já vigentes (Sahlins, 1990).

Ao voltar seus olhos para o mundo da casa, o Estado e a sociedade inventaram e legitimaram um novo papel para as mulheres. Elas foram então percebidas “como agente familiar do projeto médico de perpetuação e proteção da infância.” (Nunes, 1991: 51). E, esse novo discurso assumiu (e assim assegurou) a idéia de que todas as mulheres eram, inevitavelmente, frágeis e dependentes, limitadas a cuidar dos seus dentro de suas casas – “um discurso que justifica positivamente a idéia de inferioridade feminina.” (Nunes, 1991: 52). As mesmas idéias do passado sobre as diferenças entre homens e mulheres foram, portanto, reinventadas por nós brasileiros (Hobsbawm, 1984).

A identificação das mulheres-cuidadoras fora formalizada e institucionalizada por nossa sociedade. Importante destacar como esse discurso encobria as inúmeras possibilidades de ser mulher. Desse modo, por volta de 1960, os questionamentos (há muito existentes) sobre as limitações vividas pelas mulheres ganharam força (Ergas, 1994).

Todavia, a cronologização e a binarização da vida foram apropriadas por nossa cultura e muitas mulheres de todas as idades tiveram seus projetos limitados. Esse jogo atravessa as experiências vividas por muitas das mulheres pesquisadas, Graciara com 70 anos, conta a dela e de próximos:

*Comigo foi assim, eu só estudei até o científico. Os nomes eram todos diferentes, tinha admissão, aí você escolhia para onde queria ir – fazer normal. [...] Casei logo, novinha. Mas, era assim mesmo. Era uma ou outra mulher que trabalhava fora de casa. Eu, minhas irmãs, meu ciclo de amigos, casamos cedo e não fizemos faculdade. [...] Tivemos filho cedo também. Com elas também foi assim. Têm umas aí que dizem que sempre trabalharam, mas a maioria era dona de casa. As mulheres da nossa época, com a nossa condição, eram donas de casa. Você tem avó, não tem!? Ela era o que?<sup>37</sup>*

Da casa dos pais para casar e ter casa com o marido. Ideal de família encenado pelo homem, no mundo da rua, lutando e conquistando o provento para as pessoas e coisas da casa, cuidadas majestosamente por sua mulher. Por tanto tempo, esse ideal se impôs e limitou as experiências vividas por muitas mulheres. Muitas das velhas de hoje encenaram papéis atravessados por esse ideal (Barros, 1987). Suas experiências vividas ocorreram essencialmente no mundo doméstico as afastando de outras possibilidades de ser, como aconteceu com Laís – hoje, com 78 anos:

---

<sup>37</sup> Fala de Graciara, viúva e pensionista, nascida em Pernambuco em 1935, moradora do Humaitá, mãe e avó, recolhida através da observação-participante, durante Oficina em 2004.

*“É, eu parei de estudar. Ele [o marido] dizia: os olhos da mãe junto com os filhos é o que dá certo. E, é isso mesmo. (...). Eu achei muito bom poder ficar em casa para cuidar dos meu filhos. Eu pude me dedicar mais a eles [aos filhos]. Criei esses 6 filhos. Hoje, são quase todos formados.”*<sup>38</sup>

Tradição dos poderes de cuidado das mães-mulheres inventada há tanto tempo, mas ainda presente em nosso dia-a-dia. As mulheres assumem poderes mágicos na privação de seus lares – são rainhas do lar – os olhos cuidadosos, e por que não dizer quase mágicos, da mãe que promovem e garantem a formação dos filhos. E, com as avós não poderia ser diferente – continuidades com as representações e práticas de outrora. A magia secreta de suas comidas até hoje garantem exclusividades de afeto, para os netos que ficaram próximos, Nélis cozinha:

*Ele não come feijão só o meu. É porque eu bato tudo no liquidificador, faço um caldinho. E tem os segredos do temperinho da vovó. Minha filha reclama que ele não come de jeito nenhum, nem quando ela bate no liquidificador. Mas, é porque o meu é feito com muito amor. É o feijãozinho da vovó. Não há igual no mundo.*<sup>39</sup>

Mas, mesmo apropriando-se do papel de cuidadoras as mulheres, mais novas ou mais velhas, descobrem e desvelam poderes no domínio de seus lares: “As mulheres souberam apoderar-se dos espaços que lhes eram deixados ou confiados para alargar a sua influência até às portas do poder.” (Perrot, 1991: 503). Após uma vida inteira dedicada aos cuidados caseiros e familiares, as mulheres velhas, como Julia de 78 anos, ainda governam seus lares:

*Na minha cozinha ninguém bota a mão. Depois que ele [o marido] se aposentou, resolveu ser cozinheiro. Agora está na moda homem ser mestre cuca. Assistia todos os programas de culinária e depois queria colocar em prática o que tinha aprendido. [...] Era uma sujeirada. Nunca vi alguém fazer tanta sujeira para fazer uma comida. Ele não lavava a louça conforme ia usando, deixava para lavar depois. Eu me irritava. Acabei logo com essa brincadeira. Eu prefiro morrer cozinhando a ter ele por perto.*<sup>40</sup>

Os homens após a aposentadoria parecem viver num lugar sem lugar. A casa é domínio delas. Cozinhar, costurar, lavar e passar, fazeres de mulheres, tão valiosos que, no Brasil, atrasaram a incorporação de maquinarias (Costa, 2002). Esse domínio da casa

<sup>38</sup> Relato de Laís, 78 anos, viúva, mora só e em frente ao seu filho no Bairro de Fátima, pensionista, em entrevista individual concedida em 2004 no PROVE.

<sup>39</sup> Diz Nélis, numa Oficina, em 2004, recolhida através da observação-participante.

<sup>40</sup> Fala de Julia, nascida em 1927, carioca, casada, mãe e avó, mora com o marido em Copacabana, dona de casa, durante Oficina em 2002, recolhida através da observação-participante.

e a realização desses cuidados cotidianos – *quase naturais* –, com as pessoas e coisas familiares e caseiras serve de sustentáculo à produção e reprodução do mundo da rua. As mulheres, mesmo nos limites da casa, exercem um papel “tão ‘econômico’ quanto o do marido – e de fato, este último, seja um proletário urbano ou um camponês, não teria possibilidades de reproduzir-se como tal fora de um grupo doméstico e do casamento” (Woortmann, 1987: 88). E ainda hoje alguns são exercidos com tanto orgulho e prazer no espaço doméstico, é o que expressa Laís: *‘passo, lavo. Assim, que está seco eu vou logo passando. Não gosto de ver roupa suja e nem roupa pra passar. [...] Prefiro eu a passar do que empregada, passadeira. Não adianta, por mais que a gente ensine e fale, elas não têm o mesmo capricho.’*<sup>41</sup>; mas essas tradições de fazeres tão comuns às mulheres mais velhas, parecem estar mudando para as mais novas. Desenham-se tensões em gerações, principalmente quando moram juntas, caso de Telma (66 anos), sua filha e sua neta – as representações e práticas do cuidar estão mudando:

*Ela é uma bagunceira de marca maior. Não lava nem a calcinha, coloca na máquina. Nunca vi disso. O pior é que a filha está ficando igualzinha. Você acha que quando eu não estou lá, elas fazem comida. Elas pedem alguma coisa ou compram aquelas lasanhas e colocam no microondas. Ela sempre está muito cansada ou muito estressada por causa do trabalho. Diz que não nasceu para ser dona de casa. Nem eu criei filha para ser dona de casa, mas ela passa dos limites.*<sup>42</sup>

Embora complementares, a valoração dos trabalhos de casa e da rua é distinta. Ambos, contudo, são atravessados por tramas de poder. O trabalho no mundo da casa é desvalorizado – subalterno – em relação ao trabalho desempenhado na rua (Perrot, 2001). Essa representação é intensificada, nos dias atuais. Várias mulheres mais velhas não quiseram ver suas filhas repetirem as rígidas experiências vividas por elas, no mundo da casa. Embora Laís tenha tanto prazer e poder com as prendas domésticas, quis ver seus filhos e filhas descobrirem outros poderes. Ela que só fez até a 4ª série, hoje, assiste sua filha alcançar êxitos em sua profissão: *Eu sempre sonhei em ver meus filhos todos formados. A minha filha promotora agora está estudando para ser juíza. Ela sempre foi muito estudiosa. É muito inteligente.*<sup>43</sup>

<sup>41</sup> Fala de Laís durante entrevista em 2004.

<sup>42</sup> Fala Telma, 66 anos, portuguesa, mora com a filha e a neta em Botafogo, viúva, pensionista, em atendimento psicológico, 2002.

<sup>43</sup> Conta Laís, em 2003, numa Oficina, recolhido através da observação-participante.



Todavia, muitas mulheres, hoje velhas, trabalha(va)m para a rua, num tempo, em que o papel da mulher em qualquer idade era mais restrito a casa. Garantiam ou auxiliavam, de seus modos, o sustento da família. Telma usou seus dotes domésticos para sustentar a casa e o casamento que faliam:

*Eu sempre costurei. Costurava para mim, para a minha filha, sobrinhas. Quando ele [o marido] começou a perder dinheiro, a falir. [...] Nós tínhamos uma padaria em Ipanema. O ponto era nosso. Eu ajudava, fazia bolos, doces em casa [para vender na padaria]. Ele vendeu por causa das maluquices dele. Quis voltar para Portugal. Voltamos e quanta dor de cabeça. Minha filha não se adaptou, voltou e foi morar com uns parentes nossos. [...] Não deu certo e tivemos que voltar. Foi aí que eu comecei a costurar para fora, não tínhamos dinheiro para nada.*<sup>44</sup>

Outras ainda trabalhavam na rua, contudo, na maioria das vezes, em empregos que as permitiam conciliar as tarefas domésticas, caso da mágica-avó Nélis: *Eu trabalhava só na parte da tarde, quando as crianças estavam na escola*<sup>45</sup>. O trabalho fora de casa, embora valorizado, “não era um projeto de construção de sua individualidade. Até poderia sê-lo, caso não comprometesse o desenrolar da vida familiar.” (Barros, 1984: 67). Seus usos do tempo eram regulados pelos cuidados com as coisas e pessoas da casa (Costa, 1996). As mulheres de todas as idades com seus encargos intergeracionais exercem cuidados e trabalhos diversos no mundo da casa e/ou da rua – provêm e cuidam.

É importante salientar que essa organização de cuidados e fazeres foram (e são) funcionais ao modelo de Estado brasileiro. De certo modo, o desobriga a efetivar mecanismos de proteção e serviços sociais (Costa, 2002). Ora, a privação das mulheres, a dominação masculina, se faz por meio de definições e redefinições que concerne ao sistema de reprodução de toda a sociedade (Perrot, 2001). A sacralização da proteção social primária, desenvolvida pelos próximos – familiares, vizinhos e amigos – em geral, por elas, possibilita ao Estado priorizar investimentos em outras áreas (Costa, 1996; 2002). Na trama de cuidados e poder, as avós garantem, por tantas vezes, a saída de suas filhas e supervalorizam seus cuidados com seus netos. Alitéia, 79 anos, se delicia com seu mais novo neto:

*Eu acho que não vou mais poder dar a entrevista porque agora tudo é meu netinho. (risos). Estou cuidando dele, a mãe queria colocar numa creche,*

<sup>44</sup> Relato de Telma, durante atendimento psicológico em 2002.

<sup>45</sup> Diz Nélis, em 2004, em Oficina, recolhido através da observação-participante.

*mas para que? Eu tenho saúde e enquanto tiver saúde posso cuidar dele. [...] A gente nunca sabe quem são essas pessoas de creches. Já ouvi cada história. Quem vai olhar melhor pro que é da gente? A gente.*<sup>46</sup>

Permanece o tradicional papel da mulher-avó-cuidadora. As mulheres, hoje, com 70 e poucos anos (idade da maioria das pesquisadas) não experimentaram a liberdade vivenciada por muitas mulheres na década de 1960. Elas foram mães-cuidadoras na década anterior. Esse é o caso de Lalá (70 anos), que nos conta ao comparar a realidade de hoje e de ontem:

*Quantos anos você está? Tá vendo, na sua idade eu já criava minhas filhas. A gente não tinha filho com 30 anos não. Era com vinte. Hoje, a gente vê aquela artista, aquela que faz a mini-série, esqueci o nome, que fazia a propaganda do câncer de mama. [...] É! Cássia Kiss. Ela está grávida e já deve estar beirando uns cinqüenta. Na mini-série ela é uma matrona, uma mulher velha. Porque na época dessa mini-série, as mulheres com a idade dela eram assim. Eram avós e não mães. [...] Olha, mas eu não sou da época dessa mini-série não, hein.*<sup>47</sup>

As transgressões das mulheres de hoje, como ter filho aos 50 anos (já nem sabemos mais se isso lá é transgressão), no entanto, sempre ocorreram. Houve mulheres que não se restringiram a identificação de mães-mulheres-cuidadoras e mesmo num tempo em que as inúmeras possibilidades de ser eram abafadas, elas encenavam inúmeros papéis. Como Edna que *transgride* hoje aos 72 anos e *transgrediu* ontem, quando bem mais moça:

*Eu sempre trabalhei, nunca quis depender de homem. Eu sempre fui para frentex. Eu não precisaria trabalhar, o que ele ganhava dava muito bem para nós dois, para cuidar da minha filha e ainda sobrava. Mas, eu sempre quis ter o meu dinheiro. Ter o meu trabalho. [...] Na minha época, acho que a maioria não trabalhava. Quando trabalhava não tinha faculdade, essas coisas. Eu acho que por isso, sempre fui diferente. Eu sou formada. Eu nunca poderia ter me divorciado se não tivesse o meu trabalho e ganhasse o que eu ganhava. [...] Minha cabeça sempre foi aberta. Nunca me preocupei muito com os outros. Namoro homem bem mais novo do que eu e nem estou aí. Se eu terminei com ele não foi pelos outros, mas porque eu não queria me apaixonar. Mulher apaixonada é mulher burra. Minhas roupas não são de*

---

<sup>46</sup> Fala de Alitéia, carioca, nascida em 1926, mãe (3 filhos) e avó, viúva, pensionista, mora em Copacabana com sua filha e seu mais novo neto com menos de 2 anos, quando convidada a dar entrevista para a pesquisa em 2004.

<sup>47</sup> Fala de Lalá, nascida em Niterói no ano de 1934, moradora de Botafogo, dona de casa, viúva, mãe e avó, durante Oficina em 2004, recolhida durante observação-participante.

*velha. Quando eu vim para cá, por exemplo, eu nem sabia que era velha. [...] A cabeça não envelhece.*<sup>48</sup>

Em todos os tempos, em casa ou fora dela, as mulheres – mais novas ou mais velhas – transgridem. Seduzem. Namoram. Abortam. Controlam de tantos modos sua fertilidade. Lutam. Buscam se afastar de tradicionais papéis. Pluralizam suas experiências, pois rechaçam a fixidez dos papéis destinados a elas. Muitas lutas formais e informais assim são travadas, na busca da mudança dos rumos das experiências vividas pelas mulheres, como de sua vida sexual e reprodutiva. Aspirações e lutas ainda que difusas por direitos iguais aos homens. As mulheres querem controlar suas vidas, seus corpos, suas sexualidades. Elas interrogam a dinâmica das ruas.

Sob o regime militar, elas lutaram pela recuperação dos (e a criação de novos) direitos civis, políticos e sociais – seus, de seus maridos, pais e filhos. Na década de 1960, marcada por intensa movimentação política e cultural, no Brasil, a pílula anticoncepcional é legalizada. A taxa de fecundidade vai então sendo reduzida. Várias mulheres conquistam finalmente o controle do número de filhos que querem ter (Ávila, 2001; Blay, 2001; Borges, s/d). As filhas das mulheres pesquisadas foram beneficiadas pelas lutas formais e informais dessas muitas mulheres. Controlaram mais facilmente o número da prole. E, assim, as cadeiras de balanço foram se tornando vazias. Muitas têm sido as transformações vividas pelas mulheres de todas as idades. O ideal de família brasileira é transformado.

As vidas de homens e mulheres, mais moços ou mais velhos, vão tornando-se cada vez mais plurais. As famílias vão deixando de ser tão extensas. Ter filhos aos poucos deixa de ser sinônimo de estar casada. O casamento aquela:

"obrigação que incrustam no espírito das meninas, que elas se devem casar a todo custo, fazendo do casamento o pólo e fim da vida, a ponto de parecer uma desonra, uma injúria ficar solteira (...) O casamento já não é mais amor, não é maternidade, não é nada disso: é simplesmente casamento, uma cousa vazia, sem fundamento nem na nossa natureza nem nas nossas necessidades" (Barreto, 1987: 136).

O casamento deixa então de ser um fim para tornar-se um meio. As formas de se relacionar dentro dele sofrem profundas transformações com o aumento da liberdade

---

<sup>48</sup> Conta Edna, 72 anos, carioca, mora só em Copacabana, mãe (1 filha), divorciada, funcionária pública aposentada, coordena a Sala de Leitura do PROVE, durante Oficina em 2004, recolhida durante observação-participante.

das mulheres. O casamento, uma relação social, é então vivido pelo puro prazer da relação. A idéia do amor romântico é flexibilizada, mas não de todo abandonada (Giddens, 1993). Na velhice, o casamento se prestaria a afastá-las da perversa luta por um corpo jovem, Edna sempre tão preocupada com a aparência das velhices, diz: *‘Se você casou com quem você quis na sua vida toda, com quem você amou a vida inteira, você pode ficar toda torta, toda enrugada, que vai continuar. Vai ter (...) amor, carinho, abraço, dormir junto. Aí não tem importância [a velhice]’*<sup>49</sup>.

Os casamentos, porém, já não são ‘até que a morte os separe’; mesmo para aquelas que ainda o idealizam. A mesma Edna diz:

*Eu me divorciei. Não vou ficar com um homem pelo qual não sinto mais nada. Não ia ficar com ele para depois começar a traí-lo. Nunca trai meu marido. Acho horrível, não quero apresentar para ninguém: Esse aqui é o meu corno. É o fim da picada, uma total falta de respeito com o outro. Quando não amava mais, eu fui embora. Fui reconstruir minha vida.*<sup>50</sup>

E o sonho do ‘para sempre’ persiste na fala de Telma que tanto lutou, gozou e sofreu em seu casamento:

*Tudo que eu queria era que ela [a filha] tivesse um bom casamento. Fosse feliz com ele. (...) eles se separaram a menina [a neta] tinha acabado de nascer. Isso não é vida. Eu não sonhei isso para a minha filha. Tem coisas que eu não entendo. Casamento era para durar. Hoje, alguma coisinha deu errado, faz-se as malas. É tchau e benção.*<sup>51</sup>

Essas mudanças, obviamente, não ocorreram de forma homogênea. Variaram de acordo com os grupos e contextos. Essas transformações, sem dúvida, sofreram influências das lutas e poderes de mulheres jovens de camadas médias. Afinal, a redução das taxas de fecundidade e, conseqüentemente, na diminuição do número da prole das brasileiras aconteceu para elas.<sup>52</sup> O controle da natalidade aumenta os poderes de escolha de muitas mulheres sobre sua sexualidade, seu corpo, quanto o ter ou não ter filhos, quantos filhos ter, etc. (ARRILHA, s/d). “A liberdade sexual acompanha o poder e é uma expressão de poder” (Giddens, 1993: 49). Com os novos métodos contraceptivos:

---

<sup>49</sup> Edna, 2004, durante entrevista.

<sup>50</sup> Fala de Edna em 2004, durante Oficina, recolhida através da observação-participante.

<sup>51</sup> Fala de Telma, durante atendimento psicológico em 2002.

<sup>52</sup> Importante salientar que o controle da natalidade ocorreu de muitos modos, de acordo com as experiências vividas por essas mulheres e seus acessos aos direitos de cidadania. As mulheres pobres, principalmente, de áreas rurais continuam tendo muitos filhos (Arrilha, s/d).

“as mulheres podem decidir antecipadamente o caráter potencialmente conceutivo de suas relações sexuais durante um determinado período e, conseqüentemente, sobre o número de gravidezes a que se expõem – ou que pretendem –, assim como o momento em que preferem fazê-lo. Quando as mulheres utilizam esses métodos, os homens, pela primeira vez na história da humanidade, deixam de as expor contra a sua vontade ao risco de uma gravidez, e o seu próprio desejo de paternidade torna-se tributário da vontade de maternidade de suas parceiras.” (Lefaucheur, 1994: 489-90).

Esses métodos e novas técnicas e tecnologias científicas e sociais diminuem os tempos consagrados à gestação e aos fazeres e cuidados de casa. As mães já não têm tantos filhos e conseqüentemente as avós já não têm tantos netos. A diminuição das tarefas domésticas promove saídas e novos poderes das mulheres em todas as idades. As mulheres de classe média saem cada vez mais. Ademais, o milagre econômico e as mudanças estruturais nas sociedades modernas, de certo modo, abre a porta das casas das mulheres. As chama para o mundo da rua. As possibilidades de ser já não são tão rígidas (Hall, 2003). As mulheres pesquisadas, como já apontamos, em geral, não foram beneficiadas pelo controle da natalidade através da pílula. Todavia, algumas não tiveram tantos filhos e ao terem menos filhos e quando suas filhas também não os têm e saem, novas preocupações se instalam. Quem agora irá cuidá-las na velhice? Para a transgressora Edna, esse parece ser seu maior medo:

*Eu tinha plano [de saúde] até pouco tempo atrás. Quando eu entrei pro PROVE, eu ainda tinha. Mas, foi ficando impossível de pagar. Um bom plano é muito caro e não adianta pagar plano ruim. Tem hospital particular por aí que é pior que público. Quando eu vou à médico, pago. Consulta eu tenho como pagar, mas internação. Eu não tenho com quem contar. Sou eu sozinha que pago minhas contas. Esse é o meu medo na velhice, ir parar num hospital público e não ser atendida.<sup>53</sup>*

As mulheres de todas as classes, raças, idades, ... , dividem seus cuidados e fazeres domésticos e familiares com outras mulheres. Elas compartilham os cuidados dos seus e também se cuidam entre si, há tantos séculos. Desse modo, ontem e hoje, garantem as saídas de umas e a permanência de outras, a mesma Edna diz: *Eu sempre trabalhei. [...] Eu sempre tive empregada. A mamãe também sempre me ajudou.<sup>54</sup>* Algumas mulheres foram para as ruas, enquanto outras permaneceram nas casas, tantas outras se dividiram entre a casa e a rua (Costa, 2002).

<sup>53</sup> Fala de Edna em 2003, durante Oficina no PROVE, recolhida através da observação-participante.

<sup>54</sup> Relato de Edna, 2004, durante Oficina no PROVE, recolhido através da observação-participante.

Experiências sempre tão plurais que reinventam sistemas de proteção social exercidos na privação dos lares. Desempenhados por mulheres pobres – babás, empregadas, a Laís cuidadosa: “ [...] *tinha uma moça que ficava lá em casa para tomar conta das crianças.*”<sup>55</sup>. Ou, então, por mulheres bem próximas, familiares – mães, tias, avós, filhas, netas; a avó Julia tem seu tempo no PROVE limitado pelo cuidado com os seus: *Não poderei ficar até mais tarde hoje. Tenho que buscar meu neto na creche, minha nora vai ficar até tarde no trabalho. Hoje, ele dorme comigo.*<sup>56</sup> Laços de proteção e dependência entre mulheres de classes e gerações diversas e em tempos diferentes. Transferência de cuidados que, ontem e hoje, promove e limita as saídas de mulheres, Telma não pôde sair, pois naquele dia teve que cuidar: *Eu não pude vir, tive que ficar com minha neta. Esse horário é o do balé (...), mas ela não teve aula. Não teve jeito, não tinha com quem deixar e não gosto de deixá-la sozinha.*<sup>57</sup> O sistema protecionista tradicional continua.

Com as atuais inspirações neoliberais, permanecem os cuidados em casa, pois os serviços públicos sociais de apoio aos cuidados com as pessoas da casa, em geral poucos e precários, não favorecem a mudança das tradicionais práticas mágicas de cuidado. O mundo doméstico, todavia, se altera. Quando as mulheres reduzem o número da prole, reduzem o cuidado com as pessoas da casa (Costa, 2002). E, também reduzem as possibilidades de serem cuidadas pelos seus. É preciso, então, revisitar mecanismos de proteção social. E, reinventá-los.

A assistência destinada aos mais velhos também seguia (e segue) a lógica sacra do modelo privado. Ora, as mulheres não cuida(va)m apenas de seus filhos e marido. Havia e há seus pais e sogros – os velhos e velhas. Em suas velhices, essas mulheres recordam os velhos que passaram por suas vidas e os tantos cuidados destinados a eles. E, hoje possivelmente se perguntam se serão cuidadas pelos seus. Lídia (73 anos) não teve filhos e, possivelmente, teme o lugar que poderá ocupar na velhice:

*Eu lembro tão bem da vovó, já bem velhinha. (...) Ela estava completamente esclerosada, não controlava mais as fezes. (...) Mamãe sofreu muito com ela. (...) Eu acho que nem existia asilo pra velho como hoje. Mas, mesmo hoje, você teria coragem de colocar sua mãe num asilo?*<sup>58</sup>

<sup>55</sup> Relato de Laís, em entrevista, 2004.

<sup>56</sup> Fala de Julia, em 2002, durante Oficina no PROVE recolhida através da observação-participante.

<sup>57</sup> Desculpa de Telma, por não ter comparecido num atendimento psicológico em 2001.

<sup>58</sup> Relato de Lídia, nascida em 1932, moradora de Copacabana, casada e sem filhos, auxiliar de enfermagem aposentada, durante entrevista psicológica em 2001 no PROVE.

Lutas por melhorias e investimentos nos sistemas de proteção desenvolvidos pelo Estado são minimizadas por essa lógica – o bom cuidado é o cuidado da família. Ainda hoje continuidades com essa lógica estão presentes. Ela atravessa a construção de nossas políticas e sistemas de proteção. Logo no II Capítulo, dos princípios e das diretrizes, da Política Nacional do Idoso (Lei 8842), encontramos: “a família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e direito a vida”. A família sempre em primeiro lugar. Para além de um avanço do neoliberalismo, a proteção em nosso país parece estar intimamente ligada à laços afetivos. Aumentam assim os poderes domésticos das mulheres. Diminuem, contudo, o acesso a outros poderes fora dos lares. Ademais, ameaça àquelas que decidiram não (pro)criar e não tem condições de comprar sua proteção: planos de saúde, etc. Por essas e outras, é preciso pensar sobre as relações (ainda, veladas) entre as histórias das mulheres e as histórias das velhices – suas dores, seus poderes, suas lutas e conquistas, em geral, informais.

E, nesse emaranhado, as mulheres mais velhas começam a crescer em número e despontam novas tensões entre gerações. Quando as mulheres controlam sua vida sexual e reprodutiva, o número de velhos, mas principalmente de velhas, em nosso país aumenta: “Do ponto de vista, puramente demográfico, o processo, ora em operação no Brasil, de envelhecimento da população deve-se, unicamente, ao rápido e sustentado declínio da fecundidade.” (Carvalho & Garcia, 2003: 731). Realizamos um de nossos sonhos mais antigo. Os limites antes impostos pela natureza são hoje ultrapassados pelos poderes de homens e mulheres. Novas técnicas e tecnologias científicas e sociais, fruto de nossos sonhos e desejos mais remotos, são forjadas e ampliam o número de anos de muitas vidas. Novos desafios são então dispostos. Quem irá cuidar dos velhos? Se o número de velhos aumenta, aumenta ou diminui o encargo das mulheres? As mulheres mais velhas serão alvo de cuidado de suas filhas? Ou ajudarão no cuidado de seus netos? Que novos desafios trazem aos tradicionais cuidados caseiros entre as gerações? Que velhos e velhas são esses que vivem nos nossos dias?

## Dilemas de saída

Este processo de crescimento do número de mais velhos em todo o país acontece de forma alarmante.<sup>59</sup> O aumento da população idosa na Cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, é assustador da década de 1960 para os dias atuais. De repente o país de jovens foi tornando-se um país de velhos. O Rio de Janeiro envelheceu. Um rápido passeio pelas ruas de Copacabana comprova essa tendência.<sup>60</sup> Mas até pouco tempo atrás não era assim; no Brasil, os gráficos populacionais apresentavam-se praticamente estáveis, até os anos de 1960. Esse quadro era razão das altas taxas de mortalidade e fecundidade.<sup>61</sup> Nossos gráficos possuíam, portanto, o formato de verdadeiras pirâmides triangulares – forma característica desses regimes demográficos (Freitas, 2003; Monteiro e Alves, 1995).

Porém, na década de golpe político – de poder autoritário e gerido pela força –, e também de muitas revoluções visíveis ou invisíveis, formais ou informais, legítimas ou clandestinas: de velhos e jovens, de homens e mulheres, arraigados padrões e valores apropriados pela sociedade brasileira são postos em xeque. As experiências vividas pelos brasileiros ensaiaram profundas transformações – dentre elas, as transformações demográficas e as experiências de saída de grupos antes primordialmente restritos ao

---

<sup>59</sup> Este processo das sociedades envelhecerem cada dia mais, no entanto, foi inaugurado nos países pobres cerca de meio século depois dos países mais ricos. Lá, onde as condições de vida eram (e são) melhores do que as nossas, as características populacionais, quanto à idade, começaram a sofrer alterações ainda no princípio do século passado (1900), em grande monte, devido às transições nas taxas de fecundação. São as taxas de mortalidade e fecundidade as definidoras do processo de transição demográfica. As mulheres lá começaram a sair e inventar novas experiências para suas vidas antes de nós. As trágicas transformações em suas sociedades, após e durante as grandes guerras, as empurraram para fora de seus espaços mais privados. Mas, mesmo antes, suas saídas impulsionaram lutas pelos direitos das mães e da vida fora do lar (Bock, 1994).

Lá também o processo de envelhecimento ocorreu de forma gradativa, enquanto o nosso numa velocidade alarmante. Essa diferença ocorre, pois as taxas de fecundidade dos países desenvolvidos encontravam-se em patamares inferiores do que os brasileiros. Embora esses países tenham experimentado o *baby boom* após a II Guerra Mundial, na maioria deles, como na Inglaterra, as taxas de natalidade nunca foram tão altas como as nossas (Carvalho & Garcia, 2003).

<sup>60</sup> Bairro com maior concentração de idosos da América Latina e onde mora grande parte das mulheres frequentadoras do PROVE.

<sup>61</sup> Até a década de 1930, o número de mortes por doenças infecciosas e parasitárias era alarmante, representava quase a metade das causas de óbito nas capitais brasileiras. O advento dos antibióticos, a melhoria nas condições de saneamento e a maior divulgação de medidas de higiene à população propiciaram, nos anos de 1940, uma diminuição das taxas de mortalidade, principalmente, de mortalidade infantil. Contudo, demograficamente a diminuição da mortalidade infantil promoveu, de certa forma, o aumento da taxa de mortalidade em idades mais avançadas. Representando, assim, o rejuvenescimento da população, devido também às altas taxas de fecundidade. Uma mulher, até 1960, tinha cerca de 6 filhos. Ver: Monteiro e Alves, 1995.



mundo da casa. Os velhos e velhas, como as mulheres, por muitos anos, dominaram o espaço mais privado.

Contudo, os velhos começaram a crescer em número e o passar dos anos já não os afetava como antes, é o que conta Laís: “*Antigamente, as pessoas de idade faziam 50 anos e morriam muito rápido. (...) As mulheres quando completavam 50 anos ficavam dentro de casa, fazendo crochê e cuidando de filho e neto.*”<sup>62</sup> As evoluções técnico-científicas começaram a permitir uma chegada saudável a velhice. Ademais, as mudanças no aparelho reprodutivo e conseqüentemente nas aposentadorias e pensões influenciaram as formas de conceber e viver a velhice. Os tradicionais papéis antes encenados por eles foram se tornando mais fluidos. Ampliaram-se as possibilidades de ser na velhice. Inicialmente nos países desenvolvidos e mais tarde se alastrando pelos países em desenvolvimento, a melhoria nas condições das pensões e aposentadorias aumentou o prestígio e a qualidade de vida dos aposentados e pensionistas. A aposentadoria vai assim deixando de ser um marco da passagem para a velhice, entendida como um momento de perdas, decadência e improdutividade, para representar o marco para uma nova fase da vida propícia ao exercício da satisfação (Debert, 1996; 1999).

É claro que essa tendência é desigual. Nem todos os que envelheciam tinham direito a aposentadorias dignas. O grupo de mulheres pesquisadas, no entanto, participou dessa nova tendência em relação àqueles com mais de 60 anos. Sessenta anos ou mais sim, mas com corpos, roupas e fazeres muito diferentes dos velhos de tempos atrás, agora, é Silvia que nos fala: *Ih! Era muito diferente. A mulher não usava calça. Era só vestido. Só ficava em casa. (...) Onde já se viu há tempos atrás, esse bando de velha com a pança de fora dançando o ventre. Era proibido!*<sup>63</sup>

E, esse aumento do número de anos de vida favoreceu mais a elas do que a eles. São elas que representam a maior parte do contingente de velhos brasileiros: “Em 2000, dos 14,5 milhões de idosos 55,0% eram do sexo feminino” (Brasil, 2000: 25).

O declínio da fecundidade associado à diminuição das complicações da gravidez, do parto e do puerpério (por conseguinte, a redução das taxas de mortalidade entre as mulheres) e ao aumento dos óbitos por causas violentas (que atingem mais aos homens do que às mulheres), traduz-se numa menor expectativa de vida dos homens em

---

<sup>62</sup> Fala de Laís, durante entrevista, em 2004.

<sup>63</sup> Relato de Silvia, 2003, durante Oficina, recolhido através de observação-participante.

relação às mulheres: “Os riscos de mortalidade e morbidade maternas e infantis associados à procriação foram fortemente reduzidos no decurso deste século pelos diversos e numerosos progressos da higiene, da medicina e da alimentação.” (Lefaucheur, 1994). Esse quadro anuncia, ainda que parcialmente, a hoje em voga feminização da velhice, isto é, o maior número de mulheres em relação aos homens em idades avançadas.<sup>64</sup>

Em todo o mundo, as mulheres vivem mais que os homens. E, “surpreendentemente” (OMS, 2000) a maior parte dessas mulheres vive em países em desenvolvimento. Sendo o contingente idoso o de maior crescimento no Brasil, são as mulheres com 60 anos ou mais o grupo que mais cresce em nosso país. E, esse crescimento ocorre ao mesmo tempo em que as mulheres, de todas as idades, inventam uma nova tradição de ser. Após uma vida de cuidados com a casa e com os filhos, Lalá fala:

*Eu me recuso a passar o fim dos meus dias cuidando de casa e neto. Eu quero mais é vir para cá [PROVE], fazer minhas aulinhas, minha ginástica. Quando ela [a filha] começa: mamãe, será que hoje a senhora poderia... Invento logo uma desculpa e não. Não poderia. Depois dos 70 [anos], eu finalmente aprendi a dizer não!*<sup>65</sup>

E, aí, está mais um dos grandes desafios postos pelo aumento da longevidade das brasileiras. Assim como as mais jovens, muitas mulheres mais velhas recusam-se a permanecer exercendo seu tradicional papel de mulher-cuidadora. Muitos dilemas se colocam quando as avós resolvem deixar a cadeira de balanço, mesmo diante das saídas, em larga escala, de suas filhas para trabalhos fora do lar. E, também quando já não há alguém para balançar. Laços reprodutivos de muitas gerações conhecem, desde então muitos dilemas e fundas rupturas. Movem-se, com eles, também os clássicos sistemas protecionistas. A vida privada é desarrumada. É preciso re-arrumá-la. Mas, como?

As mulheres em suas velhices, e principalmente as de classe média, começaram a sair de suas casas, a conhecer e ocupar novos lugares. Dessas formas,

---

<sup>64</sup> Segundo o CENSO 2000 realizado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – em áreas urbanas, a proporção de homens idosos é de 7,63% em relação ao número total de homens. Enquanto, nessa mesma área, a proporção de mulheres idosas é de 9,46% em relação ao número total de mulheres urbanas. Em relação à população idosa urbana, as mulheres com mais de 60 anos representam 56,85%, enquanto os homens 43,15%. Em relação à população total urbana os idosos representam 8,57% – sendo 4,87% de mulheres e 3,70% de homens.<sup>64</sup> Na Cidade do Rio de Janeiro, em 2000, cerca de 60% das pessoas com mais de 60 anos eram mulheres. Essa diferença alarga conforme o aumento das idades – “o mundo dos muito idosos é um mundo feminino” (Carstensen e Pasupathi [1993] apud Goldani, 1999).

<sup>65</sup> Fala de Lalá, durante Oficina em 2004, recolhida durante observação-participante.

modificam suas percepções de mundo, de seus papéis, suas idéias de si e do outro, e suas inserções no universo público (Perrot, 1994). Elas ensaiam rupturas com antigos papéis destinados e apropriados por elas. Suas identidades são flexibilizadas. Essas saídas e novos poderes dessas mulheres, no entanto, são atravessadas por continuidades com relação aos padrões domésticos do passado, reforçados pelo modelo neoliberal (Costa, 2002). Ora, como já vimos, as saídas das mulheres brasileiras e o aumento do número de velhos se intensificam logo quando a nova ordem neoliberal começa a emergir. Essas saídas assim não ocorrem sem tensões. Há muito em jogo ao deslocar-se da casa para a rua. O aumento da longevidade engendra novos desafios. Quem agora irá cuidar das coisas e pessoas da casa? Quem agora irá cuidar dos velhos e velhas? As mulheres vivem mais serão então as cuidadoras de seus maridos?

Quando os velhos passam a ser alvo de cuidados aumentam as tensões de saída das mulheres, como ocorre com Lídia: *Desculpa, eu não vir semana passada, mas ele [o marido] piorou muito. Não sei mais o que fazer. Passo o dia inteiro preocupada, ou estou atrás dele ou pensando nele.*<sup>66</sup> O crescimento do número de velhos e, principalmente de velhas, pode ocasionar duas experiências distintas: aumenta ou diminui os encargos domésticos intergeracionais e entre mulheres e homens. As mulheres, em geral mais novas que seus maridos por tantas vezes se vêem sobrecarregadas de cuidados com eles, Telma apesar da falência do casamento viu-se envolta a cuidar e, novamente sustentar a família (só que agora esse sustento não é mais financeiro, é afetivo e social) – nessa trama a dor e o poder se misturam: *Eu cuidei dele até o fim da vida. Eu já não tinha mais amor por ele há muito tempo. Mas, ele era meu marido, era o pai da minha filha. Eu não podia deixá-lo sozinho. Eu não podia magoar minha filha.*<sup>67</sup> Poderes nem sempre visíveis recheados de dores:

*Eu olhava para ele e tinha repulsa. Eu já tinha sofrido muito com aquele homem. E, agora, ele estava ali. Magro, esquelético, doente, irreconhecível. Precisava de ajuda para tudo. [...] Eu pensava tudo que já tínhamos passado. Eu tinha ódio. Pena. Pensava em tudo que eu sofri e olhava para ele. (...) Nunca disse para ninguém o que ele tinha. Ninguém entendeu muito bem do que ele morreu. Eu preservei a imagem dele até o fim. [...] É... a minha e a dele, a de nossa família.*<sup>68</sup>

<sup>66</sup> Fala de Lídia, em entrevista psicológica no ano de 2001.

<sup>67</sup> Conta Telma, em atendimento psicológico, 2002.

<sup>68</sup> Ibidem, 2002.

O dito sexo frágil mostra suas forças de modos tão íntimos que muitas vezes nem conseguimos enxergar. Forças da intimidade, sempre refletidas no público, trazem a tona poderes de mulheres. Forças e poderes não só expressos em suas relações, mas também em seus corpos. A fisiologia dos corpos das mulheres parece ser mais forte em todas as idades. Elas resistem mais a morte do que os homens. Força de corpos aparentemente tão frágeis... Desde os primeiros seis meses de vida, as mulheres resistem mais. As razões para essa maior resistência de bebês mulheres estão sendo investigadas e diferenças genéticas possivelmente influem nesse processo (Bernstein, 2003).<sup>69</sup>

Por sua vez, as explicações para a maior longevidade das mulheres variam bastante. Envolvem desde explicações pautadas nos estilos de vida e diferenças sociais como: fumo, estresse, comportamento e ocupações de risco; até explicações biológicas e genéticas: efeitos protetores dos hormônios femininos e do ciclo menstrual, diferenças do metabolismo, processos reparadores de DNA (Goldani, 1999). Nos países de capitalismo avançado acreditou-se que a diferença de esperança de vida diminuiria pela aproximação dos ditos papéis masculinos e femininos. Entretanto, “a diferença de longevidade entre os sexos não deixou de aumentar, particularmente com a melhoria do diagnóstico e dos cuidados ginecológicos” (Lefaucheur, 1994: 488). Goldani (1999), todavia, ressalta que a maior esperança de vida das mulheres mascara muitos dos seus problemas.

Embora vivam mais, em países do dito Terceiro Mundo, as mulheres possuem menor tempo de vida saudável (25 anos para as mulheres e 26 anos para os homens).<sup>70</sup> As mulheres geralmente são acometidas por doenças crônicas, enquanto os homens por doenças mais fatais. É o que ocorre com Walda: *“Eu tenho que estar sempre de olho na minha pressão. Se não ela sobe e já viu. Semana retrasada, se eu não me engano, fui parar no Rocha Maia [Hospital Municipal Rocha Maia] com a pressão nas alturas. Acho que estava 18 por alguma coisa”*.<sup>71</sup>

---

<sup>69</sup> O número de fetos abortados espontaneamente, de natimortos e de mortes nos primeiros é maior entre os bebês homens do que entre as bebês mulheres (Bernstein, 2003)

<sup>70</sup> Entendemos por “tempo de vida saudável”: o tempo de vida de um indivíduo sem a presença de alguma doença que possa causar limitações funcionais, ou seja, seqüelas que impeçam a execução das atividades diárias. Nos países desenvolvidos, o tempo de vida saudável é cerca de 20 anos maior para ambos os sexos. As mulheres, porém, possuem mais tempo de vida saudável do que os homens: 47 anos para elas e 45 para eles.

<sup>71</sup> Relato de Walda, viúva, mora só em Botafogo, mãe e avó, pensionista, aposentada e comerciária nas horas vagas, nascida em Pernambuco em 1926, durante entrevista no PROVE em 2002.

As explicações para o menor tempo de vida saudável das mulheres dos países pobres pautam-se na lógica da dominação masculina. Outra explicação refere-se à observação que as idosas, dos dias de hoje, dos países do Primeiro Mundo, experimentaram muito mais uma vida pública – e seus benefícios – quando comparadas às idosas dos países mais pobres, como as brasileiras, essa história é também de Laís:

*“É, eu parei de estudar. Eu só fiz até o quarto ano primário. [...] Ele me tirou, depois que eu casei com ele, ele me tirou do trabalho. Ele disse que eu ia era lavar fraldinha e ficar em casa, cuidar das minhas filhas. [...] Ele disse: agora você vai é lavar fraldinha!”<sup>72</sup>*

O nível de escolaridade das mulheres brasileiras também é/era inferior ao dos homens (Goldani, 1999), Gláucia fala sobre isso: Antigamente, a vida da gente era mais dentro de casa, ninguém tinha tanto estudo como agora.<sup>73</sup> Em sua pesquisa sobre mulheres idosas, Goldani (1999) ressalta as perdas ocorridas com o envelhecimento para ambos os sexos e acentua as perdas vividas pelas mulheres:

“homens e mulheres, sofrem perdas com a idade, (...), mas os recursos com que contam para enfrentar a velhice são diferentes. As mulheres se deparam nesta fase com todas as desvantagens acumuladas ao longo de uma vida de discriminação e desigualdades estruturais. Este é o caso das mulheres idosas brasileiras, onde a maioria não teve trabalho remunerado e conta com benefícios mínimos de aposentadoria, além de não possuir seguro saúde. (...) as diferenças de mortalidade entre homens e mulheres aumenta quando se observa que em países nos quais a mulher sofre maior dominação masculina é onde se encontram as menores diferenças de esperança de vida por sexo, ao contrário do que ocorre nos países onde a maior independência feminina é acompanhada por diferenças maiores.” (Goldani, 1999).

É preciso tomar cuidado para não repetirmos o mesmo erro do passado e trocarmos a “causa biológica” pela “causa social” para justificar as supostas fragilidades das mulheres. No século XIX, a fraqueza das mulheres era compreendida unicamente como causa biológica (Knibiehler, 1994). É preciso por as causas em relação. Elas são diversas. As relações entre os sexos, antes de tudo, relações sociais, são marcadas por violências (naturalizadas ou não) e por muitas desigualdades. Dominações de homens e submissões de mulheres sempre estiveram presentes em nossa sociedade e em tantas (ou

<sup>72</sup> Fala de Laís, em entrevista no ano de 2004.

<sup>73</sup> Fala de Gláucia, 72 anos, carioca, mora em Copacabana com a irmã mais velha, separada e sem filhos, aposentada, durante atendimento psicológico em 2001.

todas as) outras. Relações, no entanto, não podem ser resumidas em explicações universais e essenciais. Afinal, são relações humanas. E, assim sendo, plurais, complexas e contraditórias. Ora, dominações de e entre mulheres, submissões de e entre homens também sempre existiram. São relações inseridas em contextos amplos e dinâmicos. Há muito em jogo: “As relações dos sexos e sua expressão, a dominação masculina, não são dissociáveis de outros tipos de desigualdade” (Perrot, 2001: 18). Se não atentarmos para isso, corremos o grande risco de produzir meras descrições e não compreender a complexidade e a dinâmica das relações de dominação – relações de poder, entre uns/umas e outros/outras.

É preciso ir além, flexibilizar a lógica da dominação, para acompanhar as experiências vividas por nossas velhas. Ora, há dominações entre mulheres de gerações diferentes, Marcélia comenta sobre relações de dominação entre mulheres:

*Sabe, ela está vivendo na peça o que vive em casa [a peça feita por um dos técnicos do PROVE com colaboração das idosas retratava a experiência de uma mulher idosa submetida às dominações da filha, que não a deixava frequentar as aulas de teatro.]. Ela não comenta, mas a filha dela é assim. Não deixa ela fazer as coisas, praticamente obriga a tomar conta dos netos. Essas coisas que a gente sabe que tem de monte por aí. Já vi muita filha dizer para a mãe que é ridículo esse negócio de grupo da Terceira Idade, de fazer teatro, dança.<sup>74</sup>*

O processo de envelhecimento dos brasileiros mudou. Mudaram suas formas de viver a velhice. Na mesma década de 1960, em que muitas revoluções se desenhavam, um outro processo de saída é iniciado. Os velhos saem e uma nova sensibilidade em relação à velhice é inaugurada. Esse processo, entretanto, parece ser garantido mais pelas mulheres do que pelos homens. Essa nova sensibilidade em relação à velhice é, de certo modo, sustentada por um novo mecanismo social de apoio aos velhos – os centros de convivência – lugares frequentados, em todo país, essencialmente pelas mulheres (Britto da Motta, 2001, 2000, 1999, 1997; Debert, 1999; Nunes, 2000, Peixoto, 1997). Assim, nos parece que há mais coisas entre a história das mulheres e das velhices do que já pudemos supor. Essa nova modalidade de convivência destinada a pessoas com mais de 60 anos surgiu de uma estratégia desenvolvida por elas.

Um grupo de velhos aposentados e pensionistas do SESC-SP (Serviço Social do Comércio de São Paulo), por volta dos anos 1960, após almoçar na instituição,

---

<sup>74</sup> Comentário de Marcélia, 70 anos, casada, mora com o filho e o marido em Botafogo, sobre uma outra idosa participante do Projeto, durante Oficina de Teatro em 2001.

costumava permanecer por lá: conversando, jogando, lendo. Re-inventando eles e práticas sociais que a velhice parece reduzir ou eliminar. Re-inventando formas de convivência informais entre as pessoas, naturalizadas em nosso dia-a-dia, mas essenciais para nossa existência. E nessas novas invenções recheadas de continuidades com o passado e o presente, as coisas se transformaram – da informalidade à formalidade do encontro entre velhos (Hobsbawn, 1984; Sahlins, 1990). Uma sala foi cedida aos sócios aposentados do SESC, inaugurando uma nova modalidade de proteção social aos idosos, que viria a revolucionar antigos e tradicionais modelos de assistência aos mais velhos, fruto de algum modo dos poderes informais dessas mulheres e homens de mais de 60 anos (Peixoto, 1997).

Pouco tempo depois, o projeto do SESC se ampliou e as portas foram abertas para aposentados e pensionistas de outras categorias profissionais, não-sócios do SESC. Esse projeto pretendia estimular a participação de pessoas idosas em atividades físicas, intelectuais e de lazer, ou seja, legitimar algumas das velhas tradições e incorporar outras novas, em geral, vindas de longe devido ao crescente número de mais velhos nos cantos mais desenvolvidos do mundo e as conseqüentes transformações sociais nos modos de viver e pensar a velhice (Peixoto, 1997; SESC-SP, 2004)<sup>75</sup>.

Por muitas gerações, como vimos, os velhos, assim como as mulheres, encenaram papéis mais restritos ao domínio privado – longe dos olhos da rua. Desse modo, em tempos, de prevalência de estudos macroestruturais e de leituras do grande

---

<sup>75</sup> Em todo o mundo, até finais de 1940, os estudos sobre velhice eram raríssimos e pautados, geralmente, em paradigmas racionalistas e evolucionistas não adequados à consideração das subjetividades. Desse modo, a velhice era compreendida como um grande bloco (ou melhor, fase ou etapa da vida) uno e homogêneo. Os estudos do desenvolvimento humano seguiam a lógica: crescimento-culminância-contracção, compreendendo-o como um processo unilinear de etapas evolutivas e com caráter universal. Assim, a velhice era entendida como uma fase propícia às perdas e à decadência, caracterizada pela involução. A relação velhice, doença e morte era reforçada por esse modelo de pensamento que enfocava primordialmente aspectos biofisiológicos do envelhecimento. Ademais, nos quatro cantos do mundo, morria-se muito cedo. Estudos sócio-econômicos, por sua vez, enfatizavam a relação velhice-pobreza. Novamente, uma visão homogênea da velhice imperava. Isso ocorria devido, em grande parte, a generalização do sistema de aposentadorias nos países desenvolvidos, distinguindo os idosos de outros grupos populacionais.

Nesse contexto, a velhice era desassociada do curso de vida como um todo, pois nessa etapa da vida, pensávamos, não havia lugar para o desenvolvimento. Envelhecimento e desenvolvimento eram considerados processos completamente antagônicos. Os velhos eram, então, percebidos como exilados de papel social. Afinal, num momento de reconstrução e de grandes experiências desenvolvimentistas, após a II Guerra Mundial, uma etapa da vida caracterizada pela decadência não tinha lugar no meio social: “Não tendo lugar social, também não tinham lugar teórico.” (Britto da Motta, 2003: 224). O lugar social era então concebido como próprio da esfera pública, esfera da qual os idosos haviam se retirado. Mas, essa mesma guerra, e as conseqüentes mortes de inúmeros jovens, impulsionaram a invenção de novos olhares para a velhice (Debert, 1999; Neri, 1995, 2001).

homem e de seus grandes feitos, as infinitas possibilidades de exercício de papéis no mundo da casa tornavam-se invisíveis aos olhos dos cientistas e da sociedade em geral. É o que afirma Clara (71 anos): *Antes nem se ouvia falar em velho, ninguém queria nem saber de velho.*<sup>76</sup> As íntimas relações entre o mundo da casa e da rua e a importância dos papéis privados para a sustentação do espaço público ainda não haviam sido desveladas pelos pesquisadores. Dessa forma, as velhices e as mulheres compreendidas no espaço privado eram homogeneizadas por nossas leituras (Britto da Motta, 2003).

Vale registrar que as ciências sociais, no caso a sociologia e a antropologia, por volta dos anos de 1960, deram o primeiro passo para novas compreensões sobre o envelhecer e as mulheres. Trouxeram a perspectiva de que a velhice é uma categoria socialmente produzida: os modos de conceber e viver a velhice são variáveis de acordo com contextos históricos, sociais e culturais específicos e com as características subjetivas de cada indivíduo. Ampliaram a compreensão do envelhecer para além das fronteiras da biologia, situando as idades, as fases da vida, como construções sócio-culturais. Heterogeneizaram a velhice: “a idade não é um dado da natureza, nem um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem ainda um fator explicativo dos comportamentos humanos.” (Debert, 2003: 51).

Nessas mudanças de concepção, as mulheres não ficaram de fora. Suas histórias antes veladas foram vistas – “um legado intelectual dos movimentos feministas” (Costa, 2002: 1). Os estudos sobre as mulheres ganham força, apoiados na emergência do feminismo e na ascensão da antropologia. Forja-se a categoria gênero. Às diferenças biológicas entre os sexos – natas – criam-se artefatos sociais. Assim como as idades, os sexos são construídos socialmente. Também, procura-se romper com o determinismo biológico de outrora. A famosa interdisciplinaridade assume cada vez mais importância nos estudos das mulheres e das velhices. Os velhos não são iguais. As mulheres não são iguais. É preciso romper com os universalismos.

Todavia, o que se vê, tanto com as mulheres quanto com os velhos, são formulações atravessadas por influências da biologia. O que Linda Nicholson chamou de fundacionalismo biológico: “o fundacionalismo biológico permite que os dados da biologia coexistam com aspectos de personalidade e comportamento (...) as constantes da natureza são responsáveis por certas constantes sociais [no entanto, essas] (...) podem

---

<sup>76</sup> Fala de Clara, paraibana de 1934, mora em Botafogo com a filha e o marido, aposentada, durante uma reunião do PROVE em 2002, recolhida através da observação-participante.



ser transformadas.” (Nicholson, 2000: 12). Esse fundacionalismo de um e de outro impera(va) nas formulações sobre velhos e mulheres (Gandelman, 2003; Perrot, 2001). Muito ainda precisa ser revisto. Afinal, Edna levanta a dúvida:

*“Eu sempre tirei jacaré. A minha mente quer fazer, mas a minha carcaça não deixa. Eu ia a praia. Vontade de mergulhar. De sair nadando. Furando as ondas. Ir lá na arrebentação e voltar. Eu não posso mais fazer isso. Eu não sou maluca. De repente, até eu posso. De repente, eu vou lá e faço. Mas, em vista de ouvir: o velho não pode! O velho tem que tomar cuidado! Já está gravado aqui, naquele arquivinho na minha cabeça, de que o velho não pode fazer isso. A Edna é velha.”<sup>77</sup>*

Ora, a hipervalorização da relação entre biologia e identidade limita a transcendência. Ir além do habitual e surpreender. Os padrões rígidos de outrora não nos aproximam das experiências vividas por todos nós. Elas são plurais. Ademais, as dinâmicas das relações entre as mulheres e os outros, os velhos e os outros, são obscurecidas. Por que são como são? Por que mudam? Por que permanecem?

Esse fundacionalismo, entretanto, impregna nossa sociedade e como não poderia deixar de ser a formulação de políticas. Papéis sociais – públicos ou privados – são atribuídos e encenados conforme as idades e o sexo. Em nossas sociedades, a idade cronológica e o sexo têm poderes legitimadores. Direitos e deveres de cidadania são expressos de acordo com a idade e o sexo dos indivíduos. A diferença nas idades de aposentadoria e o acúmulo dessas é um bom exemplo disso. As mulheres podem se aposentar mais cedo e acumular pensões e aposentadorias.

Aliás, as configurações atuais das aposentadorias e pensões, como vimos, são consideradas um dos fatores que impulsionaram a invenção de uma nova sensibilidade em relação à velhice. Somadas a uma nova dinâmica de

*“concepção autopreservacionista do corpo que encoraja os indivíduos a adotarem estratégias instrumentais para combater a deterioração e a decadência (aplaudida pela burocracia estatal, que procura reduzir os custos com a saúde educando o público para evitar a negligência corporal) e agrega a essa concepção a noção de que o corpo é um veículo do prazer e da auto-expressão.”* (Featherstone, 1992: 170 apud Debert, 1996: 5).

Além, do processo de descronologização da vida, fruto de um processo mais amplo que emerge nos últimos anos – a descentração dos sujeitos. Os papéis sociais

---

<sup>77</sup> Edna, em entrevista, 2004.

sejam quais forem são flexibilizados. É possível transgredir tradicionais papéis. Conjugam antigos e novos. As identidades não são fixas. Circulam. São plurais (Hall, 2003). Dessa maneira, não dificilmente escutamos:

*“só fico com neto quando a mãe fica doente e tem algum problema. Aí, pode trazer que eu fico. Agora, para sair, para passear, aí, eu não fico não. Eu criei meus filhos sozinha, nunca deixei com ninguém para poder passear. Então, agora, não quis filho, então, assume. (...) mas, eu tenho uma neta que se formou agora em dentista e eu fiquei com ela 1 ano e 8 meses, porque a mãe ficou doente, teve um problema de pulmão. Agora, assim que ficou boa, eu entreguei a filha e disse: agora, você cuida da sua filha que eu vou cuidar de mim. Esse negócio de filho ter filho e dar para a avó tomar conta, prende a gente. A gente não faz mais nada para tomar conta dos filhos dos filhos. Eu sempre fui uma mãe muito zelosa, agora com meus netos são a mãe deles que tem que ser zelosa. Se quer ter filho, quer ser mãe, então cuide!”<sup>78</sup>*

E, essa fala é de Laís, a mesma que dedicou muitos anos de sua vida (e orgulha-se disso) aos cuidados dos filhos e do marido. Muitas mulheres de todas as idades não querem mais estar presas. Querem sair. Deslocar-se para o mundo da rua. Esse deslocamento iniciou com as mulheres em idade reprodutiva. Porém, não se restringiu a elas. O novo movimento desenvolvido pelas mulheres brasileiras – sair –, possivelmente, compõe um dos fatores de impulsão para uma nova sensibilidade em relação à velhice. Não é demais lembrar, são elas que mais estão num dos principais espaços de celebração dessa nova sensibilidade – os centros de convivência.

As mulheres saíram do mundo e da vida no domínio da casa: “Sair fisicamente: deambular fora de casa, na rua, ou penetrar em lugares proibidos (...). Sair moralmente dos papéis que lhe são atribuídos [e apropriados]” (Perrot, 1994: 503). Novos lugares, então, passam a ser ocupados. Novas dinâmicas de regulação do tempo são produzidas. Velhos tempos e lugares de homens e mulheres passam a ser questionados. E, essas saídas podem impulsionar o *empoderamento* das mulheres. Elas aprendem a dizer não, enfim, a dizer o que querem. A expressar desejos: *Olha você vai me desculpar, mas eu acho tudo isso uma chatice [palestra]. Eu não me interesso. Assisti por puro respeito a ela [palestrante]. (...) Eu cheguei a uma fase da minha vida que só quero saber é de farra*<sup>79</sup>, como fala Silvia.

<sup>78</sup> Diz Laís, em entrevista, 2004.

<sup>79</sup> Fala de Silvia, no PROVE em 2002, recolhida através da observação-participante.

A lutar por seus direitos e valorização como Cândida: *Foi uma falta de respeito! Vocês enchem a boca para falar em valorização do envelhecer e aprontam uma dessa. Ficamos iguais umas palhaças no sol, esperando vocês e nada.*<sup>80</sup>

Essa frequência majoritária das mulheres nos centros de convivência – saídas de mulheres na velhice – parece guardar profundas relações com as saídas de mulheres em outras idades. Continuidades com uma nova tradição de ser mulher.

## II - Novas invenções de velhice

*A vovó na minha idade, na minha idade não, porque ela nem chegou a ter a minha idade. Mas, ela com uns 60 anos era uma velhinha bem velhinha. Aquelas velhinhas toda curvadinha. Só em casa, cuidando da gente (...) fazendo os almoços. Era assim.*<sup>81</sup>

É, como diz Taninha, antes era assim, mas todos os novos arsenais sociais, técnicos e tecnológicos permitiram algumas transformações nos corpos e fazeres das pessoas. Uma nova velhice surge e os tradicionais papéis, representações e práticas destinadas aos velhos já não se conservam mais. E, nessas reviravoltas, as transformações vividas pelas mulheres velhas se destacam. As mulheres do mundo e do Brasil, durante tanto tempo, questionaram seus lugares, seus hábitos, o ‘status quo’. No Brasil, no entanto, esses questionamentos ganham força de movimento por volta dos anos de 1960-70. As mulheres saem do estabelecido e ocupam novos lugares. As mulheres em suas velhices não ficaram de fora, principalmente, a partir de 1980

---

<sup>80</sup> Reivindicação de Cândida, nascida em 1942, moradora de Copacabana, casada, aposentada, mãe e avó, após a ausência de estagiárias no encontro marcado para assistir a uma exposição na Casa da Ciência – UFRJ, em 2001 recolhida através da observação-participante.

<sup>81</sup> Relato de Taninha, recolhido em 2002 durante Oficina através da observação-participante.

(Debert, 1996). Laís conta como conheceu o PROVE e começou a inventar uma nova velhice:

*“Foi por uma amiga que descobri que aqui [o PROVE] tinha umas atividades, uns cursinhos, para a gente participar. Porque os velhos, as pessoas idosas, não são como antigamente que ficava em casa, tomando conta de neto, costurando, fazendo crochê. Então, ela disse que hoje estava se abrindo uma brechazinha para os idosos viverem mais. (...) Aí, fiquei aqui, depois fui também para um grupo na Sezerdelo Correia, lá em Copacabana. Depois, fui para outro grupo na Barata Ribeiro. Fui também para um na Tijuca de ginástica. E assim fui descobrindo que tem uma porção de grupos, de cursos, de graça, para a turma da Terceira Idade.”*<sup>82</sup>

Suas vidas tornaram-se mais dinâmicas. As fronteiras, na vida das velhas mulheres, antes tão bem delimitadas entre a casa e a rua esmaeceram. O mundo da casa, para as mulheres de todas as idades, tornou-se pequeno demais. Os tradicionais fazeres e cuidados das mulheres já não são como antes. Em alguns casos, ao incorporarem maquinarias, elas diminuem seus tempos na privação de seus lares e, assim, ampliam o tempo fora de casa. Foi o que aconteceu com Laís, após tempos cozinhando para seus 6 filhos hoje:

*“Faço um pouquinho de cada coisa e boto no freezer. Depois, eu tiro e pronto. Meu filho vem sempre almoçar comigo, aí, eu arrumo o pratinho dele, boto no microondas. Nem panela, nem fogão, eu estou mexendo mais. Minha filha diz: quem te conheceu nem acredita que agora não quer nem mais mexer em fogão! Mas antes, eu fazia comida para a filharada toda. Agora não, sou só eu e meu filho.”*<sup>83</sup>

Foi preciso inventar uma nova tradição de velhice, pois os tempos das mulheres já não eram como antes. Todavia, alguns de seus lugares – símbolos de poder – permanecem num aparentemente simples arrumar de pratos. Mas, já não há tantos pratos. A mesa está vazia. O número de filhos, e principalmente, de netos e bisnetos diminui e, desse modo, os cuidados com as pessoas da casa. Novos mecanismos de cuidados (bem ou mal) também são arranjados (pelo Estado e pelo mercado): creches, escolas, cursos, centros-dia, etc. As pessoas da casa, hoje, pouco ficam dentro dela. O

---

<sup>82</sup> Fala de Laís, 2004, em entrevista.

<sup>83</sup> Ibidem. É importante destacar que a incorporação de maquinarias nem sempre diminui os encargos e tarefas domésticas. Muitas vezes, esses encargos são deslocados para novos padrões de domesticidade que se desenvolvem dentro ou fora das casas: ir a bancos, levar as crianças à escola e cursos, etc. Embora o doméstico seja ampliado para fora das quatro paredes de uma casa, ele permanece com novos contornos e privando os tempos e lugares de tantas mulheres. Os EUA, por exemplo, e suas variadas tecnologias domésticas, revelam um dos padrões domesticidade mais intensos do mundo (A respeito ver: Saffioti, 1969 e Costa, 1996; 2004).

tempo livre das mulheres havia aumentado, assim como seu tempo de vida, como fala Lalá:

*A gente tem que procurar coisa para fazer. Não dá para ficar em casa sem fazer nada. Eu não faço muita coisa em casa mesmo. A casa é pequena, neto e filha é só no fim de semana ou de manhã. [...]. Se eu não vier para cá, conversar, rir um pouquinho, vou acabar ficando doente. Cabeça parada é oficina do diabo. [...] Já passei muito tempo cuidando de casa e de filho. Agora vou cuidar é de mim.*<sup>84</sup>

Foi preciso inventar novos lugares e fazeres para as mulheres velhas. Em nossas sociedades, novas tradições são inventadas

“quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as ‘velhas’ tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis (...). Em suma, inventam-se tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta.” (Hobsbawn, 1984: 12/13).

Os franceses e francesas foram um dos primeiros a inventar uma nova velhice. Lá se inventou um novo nome, que hoje serve para designar os velhos em quase todo o mundo. E nós brasileiros também nos apropriamos dessa invenção. Na década de 1960, programas com o objetivo de preencher o tempo livre de um número cada vez maior de pessoas que chegavam à velhice, em boas condições físicas, de saúde e financeiras foram inventados, na França. Cerca de uma década mais tarde, nesse país, entram em cena programas que visavam produzir conhecimento, além das atividades de lazer já oferecidas. Esses espaços foram, então, percebidos como privilegiados na construção de um saber gerontológico. Em 1980, o número crescente de idosos franceses escolarizados e saudáveis impele a elaboração de um programa onde a produção do saber passa, também, a ser realizada pelos próprios idosos: “*para, com e pelos estudantes idosos*” (Peixoto, 1997: 48).

Esses espaços chamados de “Universidade da Terceira Idade” podem ser considerados centros de convivência para idosos. O desenvolvimento de modelos ou programas de atividades com idosos dependem do lugar e da população beneficiada. Entretanto, o modelo francês foi apropriado no Brasil: “*Não existia até pouquinho tempo atrás projetos como esse aqui não* [referindo-se ao PROVE]. *Isso, de idoso se reunir é coisa nova. Acho que antes ninguém se preocupava muito com os problemas da*

---

<sup>84</sup> Diz Lalá, em 2004, recolhido através da observação-participante.

*Terceira Idade.*”<sup>85</sup>, conta Walda. E, são as mulheres que mais se apropriam dessa invenção:

*Eu estava conversando com meu irmão e ele disse que esse negócio da Terceira Idade é coisa de mulher velha que não tem mais o que fazer. Não adianta chamar [para participar de centros de convivência] que eles não vêm. É um ou outro, como esse daí [referindo-se a um idoso frequentador da Oficina de Pintura]. Mas, a maioria não vem. Eles têm vergonha, eu sei lá o que eles têm. Meu irmão não gosta de ficar no meio de velha. Ele tem dinheiro, então vai nessas saunas, para sair com essas meninas novinhas. Se você perceber, os que frequentam aqui, são mais pobres ou então casados com alguém.*<sup>86</sup>

Nos anos de 1970, gerontólogos franceses foram convidados a assessorar a fundação da primeira Escola Aberta para a Terceira Idade no SESC-SP. O projeto inaugurado pelo SESC-SP e por seus sócios aposentados, cerca de uma década atrás, estava sendo expandido por outras regiões do Brasil, ao mesmo tempo, crescia o número de velhos. Esse projeto estava inventando novos rumos para os sistemas de proteção social destinados aos velhos brasileiros:

“A ação do SESC viria a revolucionar o trabalho de assistência social ao idoso, sendo decisiva na deflagração de uma política voltada para esse segmento populacional, uma vez que, até então, as instituições se voltavam apenas para o atendimento asilar.” (Costa, Mendonça e Abgail, 2002: 1078).

Ora, os velhos e velhas já não se encaixavam nos antigos lugares e fazeres destinados e apropriados por eles, durante tantos anos. Com trajetórias de vida tão diversas, as pessoas envelheciam de modos mais saudáveis. Essa experiência, todavia, é mais evidente em velhices de classe média. Embora vários centros de convivência fossem implantados por organismos públicos ou privados, destinados a todas as pessoas com mais de 60 anos, os velhos pobres por muito tempo permaneceram afastados desses espaços – salvo algumas iniciativas como as desenvolvidas pela LBA, Legião Brasileira da Assistência (Debert, 1999, 2003). Em suas chegadas à velhice, essas pessoas em geral se deparam com a vulnerabilidade social sempre presente em suas vidas e, ademais, trabalham até seus corpos não poderem mais.

No Brasil, podemos considerar, que a invenção de uma nova velhice promovida pelo processo de envelhecimento saudável foi (e é) vivenciada principalmente por velhices de mulheres de camadas médias e altas – cobertas pela previdência social,

<sup>85</sup> Relato de Walda, em entrevista, 2002.

<sup>86</sup> Fala de Edna, durante Oficina em 2003, recolhida através da observação-participante.

através das aposentadorias e/ou pensões. É claro que muitos homens também chegam a velhice em boas condições de vida. A invenção dessa nova sensibilidade em relação aos mais velhos, contudo, parece estar sob o domínio das mulheres de classe média.

É possível considerar que a maioria das mulheres e dos poucos homens freqüentadores do PROVE pertencem à classe média de nossa sociedade. São moradores da zona sul do Rio de Janeiro, uma das regiões mais valorizadas da cidade. Viajam para dentro e fora do país. Saem, como Laís: *‘Eu tenho o meu grupozinho, é muito bom. A gente se diverte, sai. Vai ao teatro, almoçar fora, dançar’*<sup>87</sup>. Enfim, suas visões de mundo e as relações que estabelecem são referentes às camadas médias de nossa sociedade. Esse grupo, não há dúvidas, é bastante heterogêneo, algumas dessas mulheres empobreceram na velhice, contudo, suas formas de se relacionar com si e com os outros não sofreram significativas transformações de classe:

*“Eu fui uma criança bem nascida. Eu tinha um certo conforto. Comia até bacalhau do porto. Namorei os melhores partidos da cidade. Me casei muito bem. [...] moro de aluguel num apartamentinho em Copacabana. Mas, o dinheiro meu agora está acabando. (...) Eu já penhorei muitas jóias. Você trabalha 42 anos e leva pontapé do governo. Agora, eu não deixo de fazer minhas coisas, quero almoçar na rua, eu vou. (...) Adoro viajar. Viajo sozinha.”*<sup>88</sup>

Segundo Goldman (2002, 2004), constatam-se nos grandes centros urbanos, em especial nas regiões sul e sudeste, nas camadas médias e altas, melhores oportunidades de envelhecer com saúde e dignidade; embora não sem dificuldades, como expressa Taninha: *Eu tenho meu plano de saúde. Pagamos com dificuldades, mas pagamos* [ela e o marido].<sup>89</sup> Enquanto as condições de vida geralmente são indignas em regiões mais afastadas, sem infra-estrutura de serviços de saúde e saneamento, e recebendo um salário mínimo de benefícios. Ademais, a inclusão de certas categorias profissionais primordialmente desempenhadas pelos mais pobres – como o trabalho rural e doméstico – estiveram fora da cobertura assistencial relacionada à vinculação trabalhista, até meados de 1970.<sup>90</sup>

<sup>87</sup> Conta Laís, 2003, em entrevista.

<sup>88</sup> Fala de Edna, em entrevista, 2004.

<sup>89</sup> Relato de Taninha, em 2003 durante Oficina recolhido, através da observação-participante.

<sup>90</sup> Até a década de 1970, a proteção social brasileira voltava-se àqueles que possuíam relações com o trabalho. A respeito disso, Santos (1979) forja a expressão cidadania regulada: “são cidadãos todos aqueles membros da comunidade que se encontram em qualquer uma das ocupações reconhecidas e definidas em lei. A extensão da cidadania se faz, pois, via regulamentação de novas profissões e/ou

Muitas das mulheres velhas de hoje vivem exclusivamente das pensões deixadas pelos maridos, pois nunca estiveram incluídas formalmente no mercado de trabalho, essa é a história de Lalá: *Eu vivo do dinheirinho que ele me deixou. Também, ele nunca deixou eu trabalhar fora, não tinha como eu ter o meu dinheiro.*<sup>91</sup> Embora muitas tenham trabalhado em casa para fora, como é o caso de Telma que se dividia entre as obrigações de cuidado e sustento da casa e da família:

*Eu ajudava muito ele. Não ficava no balcão, até porque ele não gostava. Mas, eu fazia as coisas em casa. Deixava de cuidar da minha casa, para fazer os bolos e doces para vender [na padaria]. (...) Hoje, vivo do aluguel dos apartamentos que ele deixou e da pensão que é uma mixaria. O que eu ganhava costurando, gastava tudo com a casa. Era pouco também. É pouco também. E, esse tipo de trabalho não tem aposentadoria. Eu não assinei carteira de autônomo. Eu poderia, né?*<sup>92</sup>

Pela extensão das obrigações domésticas, no Brasil, a instauração dos Estados de Bem-Estar Social não se dá como nos países desenvolvidos; lá, desde o século XIX, as mulheres impulsionaram, sustentaram lutas e conquistaram direitos que serão instituídos nos Estados de Bem-estar Social, liberando-as de muitos cuidados com as pessoas e coisas da casa. Elas se casaram com o welfare. E são o welfare – várias desempenham trabalhos remunerados de cuidado (Bock, 1994; Lefaucheur, 1994). Nos lugares de cuidado, externos às casas: escolas, creches, hospitais e asilos; lá e aqui, elas são maioria. Ao contrário das mulheres européias, pois, as brasileiras não se casaram com o welfare, mas o constituíram de fato, quando desempenham trabalhos não remunerados de cuidados. Aqui, os cuidados fora de casa não se consolidaram como lá. Os nossos mecanismos de proteção desenvolvidos pelo Estado são tardios. E, se dão em plena crise mundial e num período de ascensão do neoliberalismo – com sua proposta de redução da ação do Estado e a conseqüente volta das obrigações com o mundo doméstico (Costa, 2002, 2004).

As mulheres velhas – avós, tias-avós – no Brasil, por muito tempo, arcaram com uma ampla parcela de práticas protecionistas no âmbito privado; justamente na conjuntura de desenvolvimento das prescrições neo-liberais, entretanto, é que se expande a tentativa de implantação da Seguridade Social no Brasil que “tem passado

---

ocupações, em primeiro lugar, e mediante ampliação do escopo dos direitos associados a estas profissões, antes que por expansão dos valores inerentes ao conceito de membro da comunidade.” (: 5).

<sup>91</sup> Fala de Lalá, durante Oficina em 2004, recolhida através da observação-participante.

<sup>92</sup> Telma, em atendimento psicológico 2002.



pelos dilemas de ser desmontada e reconstruída antes mesmos de ter se consolidado.” (Góis, 2001: 165).<sup>93</sup> Aqui, as mulheres dividem seus fazeres de cuidado com outras mulheres e com o mercado. Gláucia embora sem filhos fala: *Estudar em escola pública é que era bom. Hoje, eu nunca colocaria um neto para estudar em colégio público, nem pensar.*<sup>94</sup>

Data de meado dos anos de 1970, porém, as primeiras preocupações governamentais com a população de mais velhos.<sup>95</sup> Índícios de um processo de transformação do mundo casa-cuidado. Num campo de lutas, em que as mulheres pressionam o mundo público pela redução de seus encargos domésticos e o mundo público as pressiona para garantir os cuidados com as pessoas da casa, mudanças no trato brasileiro à sua população de velhos são desencadeadas. Os tradicionais cuidados com as pessoas da casa, aos poucos, foram publicizados (Costa, 2002; Lefaucheur, 1994). E, desse modo, o mercado e/ou o Estado inventava novos artifícios de cuidado fora do espaço doméstico – como os centros de convivência.

Ademais, nesses tempos e hoje, os velhos começam a sair de suas casas ou nem chegam a privar-se nelas. Esse é o caso de Edna: *‘Eu trabalhei 42 anos. Quando eu entrei pro PROVE, eu ainda trabalhava.’*<sup>96</sup> Ao sair da casa para a rua velhos e velhas passaram a ser vistos. Ao serem vistos, começaram a ser falados. Sair é também falar e ser falado. Entrar na ordem discursiva. Fazer parte e por vezes participar da arena de

---

<sup>93</sup> O mecanismo de Seguridade Social se articula ao conceito de cidadania plena e universal, pois desloca a rede de proteção social do contexto social-trabalhista e assistencialista.

<sup>94</sup> Fala de Gláucia, em Oficina durante 2003 recolhida através da observação-participante.

<sup>95</sup> Desde 1916, no Brasil, decretos, portarias e projetos registram algumas esparsas preocupações governamentais com o segmento idoso. A Constituição de 1934, artigo 121, refere-se a velhice: “instituição de previdência, mediante atribuição igual da União, do empregador e do empregado, a favor da velhice, da invalidez, da maternidade e nos casos de acidente de trabalho ou de morte”. Essa legislação social e trabalhista cunhada na Era Vargas (1930-45), entretanto, cobria apenas uma parte da população brasileira: os trabalhadores urbanos, que cresciam em número e possuíam um passado de lutas. A maior parte da população trabalhadora do país e os velhos trabalhadores (autônomos, domésticos e rurais) ficaram de fora da cobertura trabalhista e previdenciária que então se constituía. Em 1974, ocorre a primeira preocupação governamental dirigida diretamente ao público idoso. A portaria nº 82, de 4 de julho de 1974, do Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS), por intermédio do antigo Instituto Nacional de Previdência Social – INPS, objetivava a internação custodial restrita aos aposentados e pensionistas do INPS, a partir de 60 anos. Poucos meses depois, o Governo Federal cria outra iniciativa: a renda mensal vitalícia - Lei nº 6179, de 11 de dezembro de 1974. Com esse benefício assegurava-se um auxílio, no valor de 50% do salário mínimo vigente no país, as pessoas com mais de 70 anos que não recebiam nenhum outro benefício da Previdência Social e não tinham condições de subsistência. Dois anos mais tarde, o governo promove a realização de Seminários sobre o processo de envelhecimento dos brasileiros e as condições de assistência destinada à sua população de mais velhos (Brasil (MRE), 2002; Costa, Mendonça e Abgail, 2002; Gomes, 2003; Simões, 1998).

<sup>96</sup> Relato de Edna, 2004, em entrevista.

decisões. Novas estratégias e projetos são, então, forjados na busca de responder e falar desses novos personagens. É preciso reinventar velhos vínculos sociais. Inventar novas tradições, pois os velhos usos, práticas e nomes já não mais se conservam. Os usos e práticas de cuidar em casa já não são como antes. Alguns velhos e velhas também não mais precisam de tantos cuidados. Suas vidas são mais plurais. Os nomes são então revisitados, uma forma de falar diferente ou começar a falar de uma nova velhice. A linguagem de referência aos velhos começaria a sofrer alterações, representações contidas nas formas de nomeá-los seriam revistas. Embora com a mesma idade biológica – mais de 60 anos –, as experiências vividas por eles tornavam-se cada vez mais diversas. Buscou-se então inventar novos nomes na tentativa de fixar novos padrões de acordo com as novas experiências vividas por esses velhos (Arendt, 2003; Fleury, 2003; Hall, 2003; Hobsbawn, 1984; Perrot, 1994).

### **Novos nomes**

#### ***Dilemas de linguagem para novas representações***

Na década de 1960, os velhos brasileiros passaram a ser chamados de idosos. Embora essa palavra já existisse no vocabulário português, raramente era utilizada. Até esse tempo, a palavra “velho” geralmente era usada para designar a pessoa envelhecida, seja em conversas informais ou em documentos oficiais. Esse vocábulo não necessariamente assumia conotação negativa. Apresentava, porém, “enorme ambigüidade, por ser um modo de expressão afetivo ou pejorativo, cujo emprego se distinguia pela entonação ou pelo contexto em que era utilizado.” (Peixoto, 2003: 77).

Em fins dos anos de 1960, como vimos, a população brasileira começa a envelhecer e uma *nova* velhice começa a surgir. O envelhecimento populacional, principalmente velhices de mulheres de camadas médias e saudáveis, reclamava por novas estratégias de relação, por novas tradições de envelhecer e também por um novo nome. Ora, a invenção de uma tradição, possivelmente, impulsiona a invenção de “novos acessórios ou linguagens, ou a ampliar o velho vocabulário simbólico.” (Hobsbawn, 1984: 15). Como chamar aqueles que insistem em não se encaixar nos antigos padrões normativos? Surge, então, a Terceira Idade – um novo nome, importado e apropriado da França, para designar os mais velhos (Debert, 1997, 1999).

“Logo que uma noção humana toma forma de palavra — que é o que dá existência às noções — vai habitar o Dicionário. As noções velhas vão ficando, com seus sestros de gente antiga, suas rugas, seus vestidos fora de moda; as noções novas vão chegando, com suas petulâncias, seus arrebiques” (Meireles, 1998: 270).

Os que envelhecem assim apropriam e reinventam noções sobre si mesmos, como nas expressões recolhidas das participantes do PROVE<sup>97</sup>:

- *Eu não sou velha, sou da Terceira, da Melhor Idade.*

- *Velhice tá dentro da cabeça.*

- *Eu perguntei para ele se ele tinha visto o pessoal do PROVE. Ele respondeu: PROVE, PROVE... aquele negócio dos velhinhos, eles foram para o refeitório. Aí, eu disse: velhinhos, não! Nós somos da Terceira Idade, muito respeito!.*

- *Eu não sou velha, sou uma jovem mais experiente.*

Comumente, ouvimos de mulheres idosas frases como essas: Terceira Idade X os velhos. Nesse embate, estão presentes modos de vida e de se relacionar, expressos na linguagem, que visam e produzem a negação da velhice como uma fase repleta de perdas e isolamento. A expressão Terceira Idade traz novas referências às velhas tradições de velhice. Essas formas de linguagem desenvolvidas e apropriadas por pessoas com mais de 60 anos (velhas?) trazem à tona as diferentes possibilidades do envelhecer.

Significados tradicionais, entretanto, persistem, impregnando as mais corriqueiras figurações de linguagem. Por isso mesmo, permanecem os dilemas: “São velhos, idosos ou da terceira idade?” (Brito da Motta, 1997: 129). A adoção de uma nova linguagem muda em que as antigas representações? O registro de uma reunião no PROVE, em que seriam expostos os trabalhos realizados na Oficina de Artesanato, permite examinar as ambigüidades em que se movem velhos e novos conceitos presentes na linguagem sobre a velhice. João, um idoso participante do Projeto e uma estagiária arrumavam algumas bandejas que seriam expostas. João colocou uma das bandejas mais velhas na frente. A estagiária disse: *Não! Coloca essa para trás, ela está velha!* João sorrindo perguntou: *Ué, mas, aqui não é o Projeto de Valorização do Envelhecer?*

---

<sup>97</sup> Essas frases foram recolhidas durante os anos de estágio e pesquisa com os/as participantes do PROVE, valendo-me da observação-participante.

Diferençar expressões de linguagem no esforço de traduzir as transformações na vida dos com mais de 60 anos, não elimina as ambigüidades entre novas e antigas formas de pensar a velhice. Afinal, as diferenças conceituais entre palavras, ainda que representem o mesmo grupo etário (os maiores de 60 anos), representam formas de vida e sensibilidades bem distintas: “As palavras são ‘multimoldadas’. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos esforços para cerrar o significado.” (Hall, 2003: 41).

Nos textos e falas dos que falam sobre a velhice, também é possível perceber ambigüidades na forma de se referirem às pessoas com mais de 60 anos. O termo Terceira Idade, por exemplo, é sempre tirado da manga quando se busca cerrar e divulgar uma nova tradição em relação à velhice. O termo idoso, por sua vez, a partir dos anos de 1970, parece ser o mais utilizado. É também utilizado em documentos e discursos oficiais. Talvez, isso ocorra por ser o termo menos estigmatizado, uma vez que apresenta características gerais e homogeneizantes (Peixoto, 2003). Mas, no tempo presente, o que é homogêneo? O que é geral?

Parafraseando Gay (1999), dificuldades lingüísticas definem dificuldades essenciais. Esses nomes possivelmente representam uma família de anseios e ansiedades. Formas de lidar com novas e velhas tradições, que convivem juntas nas ruas e nas vidas de cada um. Os sintomas que mais claramente demonstram essas tensões e contradições são justamente os nomes com que os com mais de 60 anos se designam e são designados. É importante salientar que esses nomes não são um substantivo cujas propriedades possam ser definidas de forma exata e definitiva. Expressam a construção de identidades e as experiências vividas por essas pessoas: *Velho... velho pode ser qualquer coisa, essa cadeira é velha. Idoso, não, só gente é idosa. Eu sou idosa*, diz Gláucia.<sup>98</sup>

No dicionário, inspirados por Alda Brito da Motta (1997), verificamos o sentido semântico dessas expressões.<sup>99</sup> A palavra “velho” refere-se tanto aos animais (racionais e irracionais), quanto aos objetos. É sinônimo, entre outras coisas, de: antiquado, desatualizado, obsoleto (Houaiss, 1997: 2838). Enquanto, a palavra “idoso” diz respeito apenas aos seres humanos e animais, significa: “os que tem muitos anos de

<sup>98</sup> Gláucia, durante atendimento psicológico em 2001.

<sup>99</sup> Brito da Motta, em 1997, realizou essa mesma tarefa.

vida” (Houaiss, 2001: 1567). “Terceira Idade” refere-se ao “último terço da vida” (Houaiss, 2001: 1564). Essas duas palavras e essa expressão são sinônimas entre si.

Unindo essas informações com a fala de Gláucia percebemos que a palavra “velho” não traz, necessariamente, nenhuma relação com a vida e com a humanidade. Como disse ela: *qualquer coisa pode ser velha*. A palavra “idoso” e a expressão “Terceira Idade” remetem a anos de uma vida. Parece ter muito pouco tempo que descobrimos vida e humanidade na velhice, a proximidade da velhice com a morte – com o *não-ser* – sempre esteve presente em nossas invenções sobre os velhos (Lechner apud Py, 1999).

A velhice parece ter sido há muito tempo representada como algo a se temer. O desejo de imortalidade permeia nossos imaginários, desde tempos imemoráveis.<sup>100</sup> O desejo do vir a ser, de progredir, em suma, de um projeto de vida sempre aberto está implícito na natureza humana e é reforçado pela cultura do capital e consumo. Por isso, a infância desde a modernidade nos parece uma fase tão prazerosa. Nas palavras do Profº Seminário: “O que havia de bom na infância? (...) Quando voltamos à infância, voltamos a um momento em que podíamos sonhar para nossa vida tudo que desejássemos.” (1999: 29). Em nossos imaginários, a infância e a juventude trazem uma sensação de possibilidades ilimitadas. Enquanto, a velhice traz a proximidade do fim dos anos de uma vida e, traz o medo de não mais podermos desejar, lutar e transformar.

O elevado número de anos de vida – desejo da maioria de nós – é representado, justamente, por um dos lugares que menos desejamos estar, como revela o relato de Edna: “*A velhice, ela [vizinha] me falou, a velhice é a porta do inferno. Eu perguntei assim: por que? Pela idade? Ela disse: É pela idade, claro! Velhice é idade!*”<sup>101</sup> *Contradições do humano – Isso é engraçado, porque ninguém quer ficar velho e ninguém quer morrer novo. Vai se fazer o que?*<sup>102</sup> As limitações inerentes e familiares

---

<sup>100</sup> O imaginário pode ser “entendido como um sistema simbólico através do qual uma coletividade distribui papéis e posições sociais, exprime valores e crenças comuns, enfim, traça o contorno de sua identidade” (Baczko, 1995 apud Azevedo, 2003: 40). Três noções pré-científicas vigoraram até o início do século XIX acerca do envelhecimento humano: na primeira, o envelhecimento seria decorrência do Pecado Original. Na segunda, acreditava-se na existência de algum lugar misterioso e distante habitado por pessoas dotadas do segredo da imortalidade. Na terceira, existiria uma fonte em terras distantes, a fonte da juventude, capaz de restaurar o vigor e a juventude.

<sup>101</sup> Conta Edna, durante entrevista realizada em 2004.

<sup>102</sup> Pergunta de Hilda, nascida em 1921, mora em Copacabana com a filha e a neta, viúva, pensionista em 2003, recolhida através de observação-participante.

ao ser humano parecem exacerbadas nessa fase da vida, afirma Lalá: *A gente está na idade do não pode.*<sup>103</sup> Assim, a velhice parece provocar um

“sentimento de inquietante estranhamento [que] advém da existência e da presença de algo que pode se revelar a qualquer momento, que nunca é manejável e controlável [...]. Esta presença e esta força, entretanto, não emergem de um lugar absolutamente estranho e exterior ao homem; ela nos é esquisitamente familiar, habita em nossa intimidade [...] manifesta-se na vida dos sujeitos, está sempre lá, ativa, constante, infatigável, trazendo um sentimento inesperado e uma emoção imprevista.” (Castelo Branco apud Py, 1999: 49/50).

O estranhamento produzido pela velhice possivelmente advém da certeza da existência e da constante presença de nossos limites e de nossa transitoriedade: *“A mamãe falou isso para mim outro dia. Ela quer correr, mas as pernas não deixam.”*, conta Edna.<sup>104</sup> Dessa forma, representamos aos mais velhos como coitados e aos mais novos como empreendedores: *“O velho tem que tomar cuidado! (...) o velho não pode fazer isso.”*<sup>105</sup>

Assim, inventamos novos nomes para representar aqueles que apesar dos cabelos brancos (geralmente, pintados) vivem suas velhices de formas prazerosas e produtivas. Afinal, “o aumento da expectativa de vida tornou a morte mais distante dos jovens e dos vivos em geral.” (Elias, 2001: 97). As antigas relações velhice, vida e morte são flexibilizadas: *“Você nasce, até você morrer, você tem vida. E, quando você é doente tanto faz você ter 70, 100, como 10, 15 anos.”*<sup>106</sup> – diz Edna. Mas, não de todo abandonadas, logo depois Edna contrapõe: *“parece que a vida resume-se dos 16 aos 45 anos.”*<sup>107</sup> As representações negativas sobre os mais velhos permanecem: *Eu não sou velha. Não estou doente e não estou morta.*<sup>108</sup>, sempre lembra Silvia.

Essa *nova* velhice – a Terceira Idade – existe pelo reconhecimento, o contraponto, que é a *velha* velhice – a velhice doente, asilada/isolada e empobrecida (Debert, 1996, 1999). Para essa nova velhice, velhos são aqueles *quase sem vida, sem humanidade*. São aqueles de pijamas em casa reclamando da vida, fazendo crochê, enfim, esperando a morte, como dizem os participantes do PROVE. Laís traça o perfil e

<sup>103</sup> Fala de Lalá, durante Oficina, recolhida através de observação-participante.

<sup>104</sup> Relato de Edna, Op. Cit, em entrevista em 2004.

<sup>105</sup> Ibidem.

<sup>106</sup> Relato de Edna, durante entrevista em 2004.

<sup>107</sup> Ibidem, 2004.

<sup>108</sup> Fala de Silvia, durante Oficina em 2003, recolhida através de observação-participante.

conclui: *‘Pra mim velho é quem não faz nada da vida. Eu não sou assim. Eu estou fazendo tudo. Tem pessoas que: ah estou com 70 anos, estou velha! Ah, é velha não. Eu não sou velha. Eu estou é usada. (...)Eu não me sinto velha, eu faço tudo que eu quero.’*<sup>109</sup> Para as mulheres, velha é também aquelas que restringem suas experiências ao cuidar e ao lar. Ao não reconhecerem suas práticas como de velhas tentam minimizar toda a gama de significados que essa palavra representa. Os medos da velhice podem ser esquecidos, nem que seja por instantes: *A gente vem aqui, vai ali, acolá, escreve uma coisinha aqui, outra lá, e não tem tanto tempo assim para pensar. Mas, quando para, pode ser perigoso* – diz Edna.<sup>110</sup> Afinal, novamente com Hall (2003), as palavras carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento.

É possível também perceber, nessa disputa de/por nomes, uma dissociação entre papéis sociais e as etapas da vida, sintoma, do que muitos têm chamado, da descronologização da vida. Contudo, para além da descronologização, há a dissociação entre juventude e velhice como faixas etárias. Juventude e velhice, em nosso tempo, não são apenas substantivos; são, sobretudo, adjetivos. A juventude assume conotação de valor positivo. Assim, é almejada independente da idade: *Eu sou uma velhinha muito arretada. Velhinha não, porque eu não sou velhinha. Eu sou é jovem. Uma jovem com DNA – data de nascimento antiga.*<sup>111</sup> Enquanto a velhice assume valoração negativa. Portanto, é rejeitada independente da idade:

“A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo. As oposições entre o ‘jovem velho’ e o ‘jovem jovem’ e entre o ‘velho jovem’ e o ‘velho velho’ parecem ter se constituído em formas privilegiadas de estabelecer laços simbólicos entre indivíduos, em um mundo em que a obliteração das fronteiras entre os grupos é acompanhada de uma afirmação, cada vez mais intensa, da heterogeneidade e das particularidades locais.” (Debert, 1997: 125).

As reinvenções da velhice, na atualidade, parecem produzir novos arranjos entre o que é velho e o que é jovem/novo. Parafraseando Hobsbawn (1984), a invenção de uma nova tradição de velhice é essencialmente um processo de formalização e ritualização caracterizado por referir-se ao *modus vivendi* da juventude. A nova velhice,

<sup>109</sup> Fala de Laís, em 2004 durante entrevista.

<sup>110</sup> Fala Edna em 2003 durante Oficina, recolhida através de observação-participante.

<sup>111</sup> Diz Graciara, em 2003 numa Oficina, recolhida através de observação-participante.

que sai e produz, se apropria do *modus vivendi* da juventude e, reatualiza antigas representações sobre os mais velhos.

Assim como, as reinvenções de ser homem e mulher produzem novos arranjos entre o masculino e o feminino. O masculino e o feminino sempre ultrapassaram a binaridade dos sexos: homem e mulher. E, sempre a atravessaram. As coisas e fazeres femininos não levam esse rótulo por mero acaso. Mas, por tempos e até hoje, são de domínio das mulheres. Como as coisas e fazeres masculinos são de domínio dos homens. Nem um nem outro, todavia, se restringe a um dos sexos e nos últimos tempos, as ultrapassagens tornam-se mais evidentes. Nélis divide a tarefa de cuidar de um neto com seu marido: “*Quando preciso ficar com meu neto, eu deixo ele [o neto] com meu marido para vir pra cá [PROVE].*”<sup>112</sup> Os papéis de alguns homens e mulheres foram flexibilizados para que elas pudessem sair, experimentar e inventar uma nova velhice.

Ademais, a nova velhice representa a emergência de um mercado promissor, enquanto uma velha velhice, o aumento de gastos para os cofres públicos e a ampliação de problemas na família: “são muitos os problemas que afetam significativamente a qualidade de vida dos idosos e geram *stress* familiar e consomem grande parte dos recursos públicos; tais como problemas de natureza médica, social, jurídica etc.” (Veras & Camargo Jr., 1995: 12).

Bem ao lado dessa nova velhice cresce também, uma velha velhice. Velha por re-atualizar antigos pressupostos a respeito do envelhecer, por aproximar-se de tradicionais estigmas e representações e por encenar antigos modos de vida e papéis relacionados aos mais velhos – sob o domínio da cronologização e da binarização, Silvia questiona: *Onde já se viu ela deixar de vir porque está tomando conta de neto. Daqui a pouco, vai estar igual aquelas vovozinhas velhinhas e não sabe por que.*<sup>113</sup> Os que vivem essa velhice, portanto, ainda hoje são chamados de velhos. Ademais, “O termo ‘velho’ tem assim uma conotação negativa ao designar, sobretudo, as pessoas de mais idade pertencentes às camadas populares que apresentam mais nitidamente os traços do envelhecimento e do declínio.” (Peixoto, 2003: 78).

A histórica desigualdade social entre os brasileiros, como não poderia deixar de ser, atinge também os com mais de 60 anos. Portanto, há também uma velhice pobre, só e desassistida – vivendo em condições indignas. Uma velhice ainda isolada das novas

<sup>112</sup> Fala de Nélis, 2004, durante Oficina recolhida através de observação-participante.

<sup>113</sup> Comentário de Silvia, recolhido através de observação-participante, numa Oficina em 2003.



encenações produzidas e produtoras dos centros de convivência, pois pouco os freqüentam. Ademais, vários velhos pobres em boas condições de saúde continuam inseridos no mercado de trabalho, pois suas aposentadorias e pensões não os permitem afastar-se deles; como ganham menos que os idosos dos segmentos médios não dispõem dos menos acessos a confortos domésticos e extra-domésticos. Muitos por suas maiores vulnerabilidades às doenças da velhice são privados de participar dessa nova invenção. Outros, no entanto, participam. Assim, velhos pobres ou não, nos ensinam que muito além de uma faixa etária ou um grupo populacional de mais de 60 anos, a velhice é uma relação: “‘Ela’ não existe” (Thompson, 1987: 11).

### **Outras velhices**

#### ***Diferenças e desigualdades sociais***<sup>114</sup>

A antropóloga Guita Debert (1999) em estudo sobre os centros de convivência e associações de aposentados, conclui: nesses espaços “velho é o outro.” As experiências do PROVE nos dão subsídios para concordarmos com a assertiva de Debert (1999). A comemoração dos cinco anos do projeto é um bom exemplo: entre os dias 16 e 18 de março de 2001, a exposição do PROVE-Pintura, realizada na Casa da Ciência (UFRJ), atraiu um público idoso muito diversificado nas diversas atividades programadas – palestras, dinâmicas de grupo, pintura, atividades físicas, teatro, dança, serestas, etc. Nesse evento, algumas instituições levaram seus idosos para participarem: velhices diferentes e desiguais se encontraram ali. Num desses encontros, uma frase dita por uma participante do PROVE assinala as tensões dessas diferenças e desigualdades, na voz de Alitéia: *Acho que elas são de um asilo (...) coitadinhas, né! Mas, até que parecem bem cuidadinhas.*<sup>115</sup> Nos rostos e falas dos participantes do PROVE era claro a estranheza, com algumas doses de temor, que velhices doentes, empobrecidas e asiladas provocavam. Essas velhices tantas vezes trazem a tona todo um imaginário social – inventado há tempos e re-inventado cotidianamente. Suas maiores vulnerabilidades

---

<sup>114</sup> Distinguimos diferenças e desigualdades. As diferenças são atributos como: a cor da pele, a anatomia, o sexo, a religiosidade, as situações econômicas, as idades, entre tantas outras. Esses atributos têm caráter estático e em separado pouco dizem a respeito da dinâmica das desigualdades. É a relação entre eles, entre as diferenças, como se configuram nas relações sociais, que promovem e revelam a dinâmica das desigualdades. Ademais, é o contexto histórico-social quem determinará a relação entre essas diferenças e os modos como elas se apresentarão em nossas sociedades (Britto da Motta, 1999; Costa, 2003).

<sup>115</sup> Diz Alitéia, em 2001, recolhido através de observação-participante.

sociais e conseqüentemente físicas os aproximam da perversa relação: velhice-doença-perdas-morte.

*Eu prefiro que você me atenda aqui [na sala do PROVE]. Lá [no ambulatório do INDC] é muita gente doente. Aqueles velhinhos, me deprime.*<sup>116</sup> O atendimento psicológico aos participantes do PROVE, algumas vezes, era realizado em salas do ambulatório do hospital, outras vezes, na sala do PROVE localizada no pátio do INDC e mais afastada dos pacientes. Várias são às vezes que ouvimos comentários sobre as diferenças vividas entre os pacientes *velhinhos* do INDC (os outros) e nós – os freqüentadores do PROVE. Palavras diversas no diminutivo marcam a distinção entre nós e os outros. Essas experiências nos levam à apartação entre as velhices.

Os centros de convivência revelam, por contraste, velhices empobrecidas, doentes e/ou asiladas/isoladas. Py (1999) alerta que distante dos espaços de festa e louvação da longevidade há um outro universo de pessoas envelhecidas, vítimas do declínio biológico inexorável, sofrendo no silêncio por ainda pouco serem vistas. Beauvoir, em 1970, em *A Velhice*, escreve “para quebrar a conspiração do silêncio” (1990: 8). De diferentes formas ainda hoje vivenciamos re-invenções dessa *conspiração*. Na medida que uma nova velhice, Terceira Idade, emerge, as velhas velhices permanecem na marginalidade – no silêncio ou na fala: da doença e da pobreza.

Por essas e outras, é possível perceber como certas ambigüidades atravessam as falas dos gerontólogos. Por tempos, enfatiza(ra)m a relação triangular: velhice-solidão-adoecimento. Assim, o velho é compreendido como a vítima privilegiada da solidão. E, a solidão por sua vez é entendida como a promotora do adoecer (Debert, 1996; 1999). Goldani (1999) revela que as pessoas casadas vivem mais do que as solteiras, divorciadas, viúvas; em suma, do que as sozinhas. E nesse ínterim, as preocupações com as mulheres idosas assumem maior relevância. Elas são mais propensas a experimentarem a solidão, pois, a viuvez tem se tornado uma realidade feminina e típica da velhice.

A invenção dos centros de convivência é alicerçada nesses pressupostos:

“Uma maneira possível de reduzir os problemas de solidão dos idosos, melhorar seu contato social e desenvolver novas capacidades em idade mais avançada são projetos de centro de

---

<sup>116</sup> Fala de Gláucia, em 2001 durante atendimento.

convivência. Sem o caráter de serviço médico ou, pelo menos, não sendo este o seu eixo principal, estes centros de convivência podem agrupar idosos em atividades culturais, de lazer ou mesmo esportivas, sempre com a supervisão de profissionais qualificados.” (Veras, 1995: 14).

Mas, a invenção dos centros de convivência também está relacionada ao crescente número de idosos em boas ou razoáveis condições físicas e financeiras. Está, também, ligada as transformações na vida de muitas mulheres – suas saídas de casa para a rua. Enfim, articula-se ao aumento de um grupo de pessoas, principalmente mulheres, com mais de 60 anos vivendo longe das antigas representações e imaginários sobre os mais velhos – à invenção de uma nova velhice. Ora, os centros de convivência são produto e produtores dessa nova velhice. No entanto, o alicerce para a invenção desses centros é a existência de um público inativo, só, discriminado e vivendo em condições precárias e de perdas. Vivendo sob o signo de nossas antigas representações e imaginários sobre os velhos. Debert (1999) destaca que “o perfil dos alunos que os organizadores das universidades [centros de convivência] pretendiam atrair está muito distante daquele do idoso em crise, solitário e inativo, vivendo em condições precárias e em uma situação de perda.” (: 153), público ao qual se destinam esses espaços.

Ambigüidades marcam o discurso gerontológico brasileiro. Tomando apenas dois lados: num a visibilidade alcançada pelos centros de convivência e a invenção de um discurso que afasta a velhice de antigas representações sobre os mais velhos; noutro verifica-se o empenho dos gerontólogos em transformar a velhice numa questão social, associando-a ao descaso, a solidão, pobreza e doença – “com um atestado prematuro de óbito físico e social.” (Debert, 1996: 8).

Esse empenho dos gerontólogos está longe de ser em vão. Descreve a realidade de milhares de velhos brasileiros. Não é, no entanto, a realidade da maioria dos velhos que freqüentam os centros de convivência. As experiências vividas por esses velhos questionam e flexibilizam as falas dos gerontólogos<sup>117</sup>. A Laís que dedicou sua vida a

---

<sup>117</sup> Debert (1996; 1999) cita quatro elementos que compõem o discurso gerontológico brasileiro. O primeiro estaria relacionado à explosão demográfica que aumentaria os gastos públicos para atender a população idosa. O segundo elemento se organiza por uma crítica ao capitalismo, que preconiza o utilitarismo e a produção. Dessa forma, o velho por não se constituir em mão-de-obra apta é desvalorizado e desqualificado pelo Estado, pela sociedade e pela própria família. O terceiro é uma crítica a cultura brasileira – o país sem memória, o país do futuro – que valoriza apenas o que é novo e jovem e, se preocupa mais em importar as últimas novidades do exterior do que em olhar para suas tradições. Assim, a experiência e a memória dos velhos, nessa perspectiva, seus atributos mais preciosos, são

cuidar dos seus, hoje “[...] *moro sozinha. Nunca morei só. É muito bom. Sou eu que decido o que vou fazer e quando fazer.*”<sup>118</sup> Essa nova velhice está constantemente desafiando a todos.

Não devemos também generalizar as experiências de pobreza. Nas casas e nas ruas onde há tão pouco, existem velhos vivendo e inventando novas tradições de velhice. Grata foi à surpresa em conhecer formas de associação de velhos, melhor dizendo, de velhas (não encontramos homens, nesses grupos de idosos) que se formam dentro de comunidades empobrecidas.<sup>119</sup> Grupos formados sem intervenção externa, apenas pelo desejo dessas mulheres se reunirem e falarem, como em Vila Parque da Cidade (comunidade da zona sul da Cidade do Rio de Janeiro - Gávea)<sup>120</sup>. Ou, a partir de uma intervenção inicial de uma ONG e que permanece pelos laços produzidos entre essas mulheres, como em Santa Anastácia (comunidade da zona oeste da Cidade do Rio de Janeiro - Sepetiba)<sup>121</sup>. Ou ainda, por intervenção pública como o Projeto Feliz Idade – reunindo idosas moradoras das favelas e do asfalto de Benfica.<sup>122</sup>

Nesses grupos de velhas com experiências vividas na pobreza, diferentes das mulheres do PROVE, novas saídas para a velhice, a viuvez e o empobrecimento são inventadas a partir do fortalecimento dos muitos laços tecidos. Amélia, presidente do Movimento de Mulheres do Parque Horácio e uma das colaboradoras do Projeto Feliz Idade, conta<sup>123</sup>:

*Ela é viúva, mora sozinha, não fazia nada. Estava começando a só ficar doente. Eu a convidei a participar do grupo de ginástica. Depois, chamei para as aulas de artesanato lá na associação. Aí, apareceu o curso de corte de cabelo. Eu a incentivei e ela fez. Agora, ela corta de graça o cabelo das pessoas da comunidade, dos catadores de lixo. Ela será minha principal parceira no projeto de salão comunitário.*

---

desvalorizados pela sociedade. O quarto relaciona-se à precariedade dos mecanismos de proteção social oferecidos pelo Estado, à “onda neoliberal” e ao declínio da família extensa. Os novos e antigos mecanismos de proteção social destinados aos velhos, portanto, são diluídos.

<sup>118</sup> Diz Laís, em 2004 durante entrevista.

<sup>119</sup> Esse conhecimento foi proveniente do trabalho no Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS) – Programa COMUNICSE (Consultoria Comunitária em Saúde e Educação – DST/AIDS).

<sup>120</sup> Grupo de idosas visitado em setembro de 2004, para a realização de um chá com conversas sobre sexualidade.

<sup>121</sup> Grupo de idosas visitado em setembro de 2004, para acompanhamento do Núcleo de Prevenção das DST/aids e das atividades desenvolvidas pelas idosas após a participação na Oficina de multiplicadores de prevenção das DST/aids.

<sup>122</sup> Projeto da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, visitado em dezembro de 2004, para acompanhamento das atividades de prevenção às DST/aids desenvolvido pela agente de prevenção local junto ao grupo de idosas..

<sup>123</sup> Relato recolhido em novembro de 2004, durante assessoria para a construção de projetos no CEDAPS.

Nos grupos de idosos dessas comunidades é possível perceber que os laços de solidariedade tecidos entre essas mulheres são aparentemente mais fortes do que no grupo do PROVE. No PROVE, em geral, os laços são outros. As mulheres se encontram fora dos domínios do projeto para buscar novas formas de lazer e diversão: *Eu adoro ir ao baile, passear. Nós vamos sempre juntas* [referindo-se a outras idosas próximas a nós]. *Essas coisas que idoso gosta. A gente quer é sair de casa. Se só ficar em casa, é que a velhice chega mais depressa, como nos conta Alitéia.*<sup>124</sup>

Arriscamos dizer que muitos dos encontros engendrados pelas mulheres mais pobres buscam produzir novas redes de proteção social e desenvolvimento comunitário, onde a falta parece estar presente em todos os lugares. Laços de proteção social primária, contudo, também estão presentes no PROVE: *‘Eu saía muito com a Alitéia. Me dou muito bem com ela. Ela é até minha vizinha. Quando eu estive doente, ela mandou até comidinha para mim.’*<sup>125</sup> Cuidados há tanto tempo comuns as mulheres são estendidos para as novas relações vividas nesses grupos. E assumem novas ou velhas formas.

Em centros de convivência, para pobres ou não, novas e velhas invenções de velhice são vivenciadas. Mas, essas semelhanças são apartadas pelas desigualdades. As desigualdades vividas por essas mulheres por vezes limitam seus encontros. A apartação, contudo, não está presente somente entre as classes, mas também entre os sexos.

### **Mulheres e homens em suas velhices Semelhanças e diferenças**

Nos fala Laís:

*“Homem não quer sair de casa. Você vê na turma da gente não tem homem, quase não tem homem. Em todas as turmas da Terceira Idade não tem homem não. (...) Os homens, eles continuam dentro do limite. Logo agora, que nós podemos fazer mais coisas, há tanta coisa. Você vê os homens estão morrendo muito rápido.”*<sup>126</sup>

<sup>124</sup> Relato de Alitéia extraído durante encontro no PROVE em dezembro de 2003, através da observação-participante.

<sup>125</sup> Relato de Edna, extraído da entrevista realizada em 2004.

<sup>126</sup> Fala de Laís, durante entrevista em 2004.

As explicações para a frequência essencialmente de mulheres em centros de convivência aproximam-se do conceito universal de que se impregna a chamada lógica da dominação masculina, quando examinam a aposentadoria como um marco de desqualificação do idoso. Os especialistas pressupõem, apoiados nessa abordagem, que o homem como usualmente associado ao mercado de trabalho, espaço público, experimentaria a perda de um papel essencial para a construção de sua identidade. Enquanto, as mulheres historicamente mais ligadas à casa não experimentariam esse sentimento de desqualificação. Ora, e as mulheres também não perdem papéis essenciais para a construção de suas identidades? E as relações entre a história das mulheres e a história das velhices? E quando a cadeira da vovó fica vazia? *Eu tive só uma filha. Ela não teve filhos.*<sup>127</sup>

Olhando estritamente pelo viés mulher-casa-esposa-mãe-cuidado percebemos que as mulheres velhas perdem papéis como o de reprodutoras e, muitas vezes, o de esposa. Ademais, o envelhecimento as faz perder todos os poderes de sedução e fascínio atribuídos às mulheres jovens. Muitos dos poderes domésticos também são diminuídos. Ora, as revoluções das mulheres diminuíram a prole, os fazeres domésticos e as pessoas a cuidar. Poderes por tanto tempo exercidos por elas já não estão presentes como antes: “*Agora sou eu sozinha. (...) Minha filha e meus netos estão na Espanha. Em casa não tem o que fazer.*”<sup>128</sup>

Nas falas dos gerontólogos, no entanto, a perda desses papéis e de muitos desses poderes pode vir acompanhada de um sentimento de liberdade, uma vez que, seguindo a lógica da dominação masculina, as mulheres se submetem (e/ou são submetidas) a esses papéis, nem sempre papéis escolhidos, mas apropriados e encenados por elas devido à sua *condição feminina* e aos *contratos/pactos de gênero*:

Escapa a essa explicação o exercício de poderes domésticos – o poder de cuidar. Os tempos e lugares das mulheres raramente são associados às relações de poder. Esses poderes expressos dentro de casa ainda precisam ser mais bem examinados. A dinâmica dos centros de convivência também não é pensada se pautarmos nossas explicações exclusivamente sob a lógica da dominação masculina. As realidades fluidas do tempo presente também não são examinadas quando cerramos as

---

<sup>127</sup> Conta Edna, durante Oficina em 2004, recolhido através da observação-participante.

<sup>128</sup> Relato de Walda, em entrevista no ano de 2002.

explicações a uma única causa. Muito além da binaridade dos sexos, são diversas as peças – públicas e privadas – em jogo que promovem essas saídas das mulheres idosas para os centros de convivência. Elas possivelmente fazem parte de todo um processo de saída das mulheres de todas as idades, nos últimos anos. Não há como dissociar as saídas das velhas com as saídas das jovens, elas ocorreram em tempos muito próximos realizadas e impulsionadas pelas lutas e conquistas de muitas mulheres. O tempo da casa diminuiu para quase todas. A presença constante das mães, avós cuidadoras tornou-se desnecessária. Elas não têm mais o que fazer em casa. Assim, buscam novas formas de pertencer:

Durantes tempos, elas pertenceram aos fazeres e cuidados com as coisas e pessoas da casa. Hoje não mais, saem então procurando novos fazeres e pessoas a cuidar como Walda: *Eu mato a saudade dos meus netos com vocês.*<sup>129</sup> Mas também é verdade, que muitos cuidados persistem como encargos de avós em usos costumeiros; elas são cuidadoras de doentes em hospitais no momento em que os trabalhadores de saúde, pela política de estado mínimo, são dispensados; elas cuidam de suas famílias – netos e sobrinhos, para os pais trabalharem. Julia teve suas saídas limitadas para cuidar de seu neto: *Meu netinho estava com uma virose daquelas semana passada. Febre, vômito, passei a semana inteira a disposição dele. Coitado.*<sup>130</sup>

"O atual modelo privatista de proteção social, de inspiração neo-liberal, vai se apoiar nesses costumes tradicionais, peculiares às relações da intimidade, às redes de solidariedade presentes nas formas de organização da vida coletiva próprias ao país e retirar vantagens de todos eles" (Costa, 1993: 116).

Nos centros de convivência, ainda há muito por desvendar sobre o domínio das mulheres. Esboçamos algumas possibilidades aqui, outras, entretanto, possivelmente surgirão. É imperioso, todavia, atentar que

“não podemos fazer isso sem dar uma certa atenção aos sistemas de significados, isto é, às maneiras como as sociedades representam o gênero, o utilizam para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência. Sem o sentido, não tem experiência; e sem processo de significação, não tem sentido.” (Scott, 1995: 10).

<sup>129</sup> Diz Walda, durante Oficina em 2002, recolhido através da observação-participante.

<sup>130</sup> Conta Julia, em Oficina, 2002, recolhido através da observação-participante.

É bem verdade que

“Na modernidade ocidental, ser velha é, [...] ir conseguindo (ou ter conseguido) a libertação de certos controles societários que se referiam justamente à reprodução e a tolheram durante toda a juventude. Essa libertação vem surpreendentemente entusiasmando as mulheres idosas, a ponto de, por vezes, obscurecer-lhes a percepção de toda uma gama de preconceitos sociais ainda vigentes em relação aos velhos e às mulheres.

Este é, certamente, o ponto nodal da diferença entre práticas e representações de velhas e velhos. Estes ficam mais ‘realistas’ ou mais dominados pela ‘ideologia da velhice’, enquanto elas se deixam levar pelo entusiasmo dessa ‘liberdade’ recém-conquistada e se tornam mais ativas, meio triunfalistas.” (Britto da Motta, 1999: 211).

Todavia, não podemos encobrir os muitos lugares dos homens velhos pela lógica da dominação masculina. Eles nem sempre são dominados pela “ideologia da velhice”. Estão nos bailes de dança da Cidade a procura de mulheres mais jovens ou nas saunas como o irmão de Edna: “os homens costumam escolher mulheres mais jovens do que eles” (Alves, 2004: 135):

*“O meu irmão está com uns 73 anos e ele só gosta de garotinha de 18 anos. Ele já é separado duas vezes. Mas, como ele tem dinheiro, ele vai para a sauna e escolhe a garota tipo Carla Perez, né. Gasta uns 200, 300 reais por dia lá. Mas, só vai uma vez por semana, porque também não é assim, né. Tá velho, né. Para cima de mim não! E ele fala assim: você está maluca, eu vou ficar lá no meio daquelas velhas, todas pelancudas. [...] Homem, homem não, velho, eles precisam de auto-afirmação.[...] Meu irmão fala: vou lá para o meio de velho, eu não sou velho.”<sup>131</sup>*

E os homens estão também nas associações de aposentados. Lá o domínio é deles. Em visita ao PROVE no ano 2000, o então presidente da ASAPREV (Associação dos Aposentados e Pensionistas da Previdência) – Roberto Pires – brincava com as idosas a respeito da ausência de mulheres na ASAPREV e do excesso delas no PROVE. Lugares de homens e mulheres ainda demarcados impulsionam, porém, lutas e revelam poderes de velhos. As diferentes saídas de homens e mulheres na velhice promoveram a emergência da velhice como questão social e a criação de uma política e um estatuto destinado exclusivamente a essa população – Política Nacional do Idoso (Lei nº 8842) e Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741).

---

<sup>131</sup> Fala de Edna, em entrevista 2004.



Através dos sindicatos, os aposentados, até inícios da década de 1970, encontravam-se associados aos trabalhadores ativos.<sup>132</sup> Durante os anos de 1980, evidencia-se a formação de associações de aposentados, já desvinculadas das categorias profissionais – sindicatos. E, também de uma espécie de movimento informal feminista e do idoso – encenado por tantas mulheres nos centros de convivência (Perrot, 2001). Em 1991, no entanto, a sociedade brasileira é surpreendida com a capacidade de mobilização e a visibilidade política alcançada pelos velhos aposentados, na luta dos 147%<sup>133</sup> (Debert, 1999; Simões, 2003):

“difícilmente poderíamos compreender o interesse político alcançado pela questão dos aposentados nos anos 90 – e até então inédita na história brasileira – sem levar em conta a visibilidade que a terceira idade ganhou ao longo dos anos 80, redefinindo a sensibilidade da sociedade brasileira em relação ao avanço da idade e à sua população de mais velhos.” (Debert, 1999: 181).

A ampla divulgação do movimento dos aposentados na mídia nacional e internacional e, a conseqüente revelação do grave estado de penúria dos velhos trabalhadores, foi tal, que os parlamentares governistas se posicionaram contra o governo, a favor da reposição dos 147%. Nesse movimento, é possível perceber toda a ambivalência que marca a emergência da velhice no Brasil. Era um movimento – o movimento da maior categoria do país – constituído essencialmente por velhos, conquistando a cada dia mais força política e espaço nos meios de comunicação (Paz, 2001). Todavia, foram três velhos em situação de decadência, solidão e pobreza as figuras simbólicas desse movimento, melhor dizendo, talvez, da situação dos aposentados:

---

<sup>132</sup> Na década de 1920, as aposentadorias dependiam da política de cada empresa, através das Caixas de Aposentadoria e Pensões (CAPs). Em 1930, são criados os Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAPs), que compreendem em nível nacional as categorias profissionais, com participação efetiva dos sindicatos e do Estado. Nessa mesma década, é criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Nos anos de 1960, com a Lei Orgânica da Previdência Social (LOPS) é aberto o caminho para a unificação da Previdência Social, apesar das resistências de lideranças sindicais e corporativas. Ainda em 1960, são extintos os IAPs e suas antigas estruturas são fundidas no Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), vinculado ao Ministério do Trabalho e da Previdência Social. A expansão de cobertura de serviços, até, então, descobertos pela previdência impele a criação do Ministério da Previdência Social, desvinculado do Ministério do Trabalho. A separação do Ministério do Trabalho do da Previdência Social, em 1974, desvinculou também trabalhadores ativos e inativos (Debert, 1999; Oliveira, 2002).

<sup>133</sup> O movimento dos “147%” diz respeito à reivindicação dos segurados da Previdência – que recebem mais de 1 salário mínimo –, quanto ao cálculo de suas aposentadorias, que sofrem um desnível de 147,06% em relação ao salário dos trabalhadores ativos. O ganho da causa na justiça, do reajuste, constitui um marco dos movimentos sociais da década de 1990.

“matéria da Folha de São Paulo, de 2 de fevereiro de 1992, é exemplar, desde o título: ‘A batalha dos velhinhos: aposentados ocupam vanguarda social’. (...) o texto da matéria procurava comprovar a tese de que o movimento dos aposentados pelos 147% fora uma revolta de velhos oprimidos, empobrecidos e que além disso – ou principalmente por isso – não tinham nada para fazer, tendo procurado as associações de aposentados ‘para agitar a vida’. Dessa maneira inesperada, tinham virado a vanguarda do protesto social no país.” (Simões, 2003: 29).

Continuidades na propagação de imagens do velho como decadente, só, pobre, doente e a beira da morte convivem com imagens de rupturas. Assim, os velhos que inventam para si novas velhices afastam-se dessas velhas velhices. Num país de inúmeras desigualdades, muito além da pura desigualdade socioeconômica e, de grande multiplicidade cultural, como o nosso, velhices tão desiguais habitam um mesmo tempo e lugar. Contudo, não convivem. Será que essas desigualdades não delimitam espaços e produzem *guetos* em que pessoas com idades iguais não se reconhecem como sujeitos? As diferenças e desigualdades produzem um alheamento tal, que impossibilita enxergar o outro como sujeito moral, com vida e humanidade?

“o alheamento consiste numa atitude de distanciamento, (...) pela *desqualificação do sujeito como ser moral*<sup>134</sup>. Desqualificar moralmente o outro significa não vê-lo como um agente autônomo e criador potencial de normas éticas ou como um parceiro na obediência à leis partilhadas e consentidas ou, por fim, como alguém que deve ser respeitado em sua integridade física e moral.” (Costa, 1997: 70).

Os aposentados insistem em marcar que não são velhos, bobos ou loucos. São ex-trabalhadores, provedores e arrimos de família – “neste discurso, os idosos são os ‘outros’, e não uma categoria identitária mais ampla, da qual fazem parte aposentados e pensionistas militantes” (Simões, 2003: 31). Em geral, a entrada dos “problemas dos idosos” nas falas dos militantes aposentados se dá embasada na perspectiva do “idoso coitadinho”. Do mesmo modo que as participantes do PROVE referiam-se às velhices mais pobres e desassistidas quando do evento PROVE-Pintura ou quando encontravam os pacientes velhos do INDC. São barreiras (im)postas entre (e por) velhas e novas velhices. Para além da pura desigualdade social, possivelmente, está em jogo uma espécie de *eterno retorno* de um imaginário sobre os velhos. Afinal, a experiência de

---

<sup>134</sup> Grifo do autor.

liberdade e faceirice vivenciada pelas mulheres idosas também é verificada em centros de convivência que atingem populações mais carentes (Britto da Motta, 1999).

Ademais, a pluralidade e a mobilidade das experiências atuais são ameaçadoras. Vivemos hoje a derrocada dos pares de opostos. Tentamos, no entanto, sempre voltar a eles: velhos-velhos X novos-velhos. Buscamos assim fracassadamente reconstruir velhas fronteiras, que nos diziam quem éramos nós. Nossas vidas eram mais rígidas, porém eram mais estáveis (Hall, 2003). Os pensamentos de Hilda trazem esse abalo das tradicionais fronteiras, que nos diziam o que e quando poderíamos ser e fazer coisas:

*Nem gosto de pensar muito porque se não fico perdida. É homem casando com homem. Velha namorando rapaz. Isso eu acho ótimo, porque mesmo com os meus 80 e tantos anos eu tenho vontade. Não namoro porque não enxergo mais e poderia acabar namorando qualquer porcaria. Mas antes onde já se viu falar sobre essas coisas. Antigamente era um absurdo uma velha conversar com uma menina como você sobre sexo. Hoje em dia tudo pode. Isso é bom. Não sei onde vai parar, mas é bom.*<sup>135</sup>

Nesse mundo de velhas e novas velhices, os centros de convivência e as associações de aposentados possibilitam a construção de significados e identidades de certo modo mais estáveis para aqueles que ainda não enfrentam alguns dos desafios e limites inerentes a todo processo de envelhecimento. Esses desafios e limites, no entanto, os rodeiam. Pois, estão nas ruas, nos jornais, na televisão, na fala dos que trabalham com e escrevem sobre eles e, muitas vezes, em suas próprias casas, em seus corpos e imaginários. Está na casa de Lídia, ao seu lado na cama:

*Ele [o marido] está muito mal, nem parece mais aquele homem que eu conheci. Não lembra mais de nada e acho que está começando a não controlar mais as fezes. Ele sai e quando volta não lembra para onde foi. (...) eu fui lá no IPUB e estou conversando com aquela médica, como você falou. (...) Eles vão investigar, mas deve ser isso mesmo [Doença de Alzheimer]. Eu não gosto nem de pensar. A vida da gente não é nada. Um dia a gente é forte, saudável, no outro. Velhice é uma merda. Aproveita enquanto você pode.*<sup>136</sup>

Os centros de convivência e as associações de aposentados possivelmente representam reações defensivas e constroem novos códigos culturais e, conseqüentemente, identidades, a partir da história presente e passada de seus freqüentadores. Aqueles que ainda aproveitam enquanto podem.

<sup>135</sup> Fala Hilda, em 2003, recolhida através da observação-participante.

<sup>136</sup> Relato de Lídia, em entrevista psicológica em 2001.

Tomando especificamente o PROVE, é possível verificar que a diversidade e pluralidade da velhice de hoje é minimizada pelo fechamento das fronteiras com outras velhices. Walda fala sobre as diferenças: *Lá [HMRM] é muito diferente daqui. Eu vou, mas não é a mesma coisa. Eu faço a ginástica e me mando. Elas são muito pobrezinhas, não tem muito que conversar. São bem mais velhinhas, sabe? Eu gosto é de ensinar para elas, aí elas podem vender.*<sup>137</sup> Nesses espaços, as mulheres re-inventam suas vidas numa etapa marcada em nossos imaginários pela presença constante do fim. Ali, como elas mesmas dizem não é lugar de tristeza e de falar de morte. É lugar de vida, de invenção das experiências vividas por esse grupo de mulheres: *Eu não gosto desse negócio de palestra sobre velho, sobre morte. Eu venho para cá para me distrair. Gosto da pintura, gostava do inglês, do teatro. As melhores coisas estão acabando.*<sup>138</sup>

### III - Experiências de novas velhices

*A descronologização da vida e a desbinarização dos papéis sexuais*

*“Antes, a mulher completava 40 anos e não podia nem falar em sexo mais. Não, não pode, é feio, não sei o que. Eu não acho nada feio. Tanto que eu botei na cabeça da Alitéia que ela tem que arranjar um namorado. E, ela arranhou um namorado. Tem outra aqui que também arranhou namorado. [...] Meu namorado está com 56. Vou pegar homem velho?! Velho babão?! Não é comigo não. [...] Se a gente arranja um namorado velho, ele não quer sair de casa. Aí, a gente acaba ficando só dentro de casa, dando comidinha para ele, vendo televisão, dormindo cedo. Eu é que não quero isso não. Agora eu quero é viver! Eu saio é muito.”*<sup>139</sup>

Como expressa Laís, nos últimos anos, as mulheres saíram. Os velhos saíram. E, essas saídas não foram só espaciais – da casa para a rua. Envolveram a saída de

<sup>137</sup> Diz Walda, em 2003, durante Oficina, recolhido através da observação-participante.

<sup>138</sup> Fala de Silvia, em 2003, durante Oficina, recolhida através da observação-participante.

<sup>139</sup> Fala de Laís, durante entrevista em 2004.

tradicionais papéis, por tanto tempo, definidores da vida do sujeito – papéis atribuídos e apropriados de acordo com as idades, o sexo, a cor, a classe social dos indivíduos. Novas experiências vividas por homens e mulheres, jovens, adultos e velhos, assim, foram inventadas. Diversos foram os fatores que impulsionaram essas saídas e modificaram as experiências vividas por todos nós. Muito há em jogo. Algumas peças já foram esboçadas aqui. Uma outra dessas possíveis peças, no entanto, é o que muitos têm denominado de descentração do sujeito. Peça que ora move e ora é movida por nossas experiências. A mobilidade das coisas e dos papéis atribuídos e apropriados por nós dá o tom dos tempos atuais. Nada é rígido. Fixo. Uniforme. Tudo é fluido. Flexível. Inconstante: “Tudo que é sólido se desmancha no ar” (Marx e Engels apud Hall, 2003: 14). A Laís que namora e não quer homem velho para privá-la de suas saídas é a mesma que arruma cotidianamente o pratinho e a comida do filho. É a que liga diariamente para saber se os filhos estão bem:

*“E tem uma coisa, eu sempre digo: quando chegar em casa, telefona para mim! É a mesma coisa com a minha filha essa que é promotora. Ela está trabalhando em Jacarepaguá. (...) Mas ela só chega quase 8 horas. Eu fico muito preocupada então todos os dias quando eles chegam em casa me ligam! Se passa das 8 e ninguém ligou, eu começo a ligar, ligo para a casa, para o celular. (...) A gente anda apavorada com essas coisas, a gente que tem filho.”<sup>140</sup>*

O tradicional papel da mulher-mãe-cuidadora, que por tanto tempo limitou as experiências vividas por muitas mulheres, é hoje encenado conjuntamente com tantos outros seja em que idade for. Papéis contraditórios se cruzam e se deslocam mutuamente. A identidade, desse modo, também é transformada.

As identidades são construídas em complexos processos de identificações (reconhecimentos) e não-identificações com os outros. É nesse processo que o sujeito sabe de si. Confronta-se, em seus encontros, com um eu real sempre em busca do ideal. Essa é “sua saga em torno dos ideais [... ] Ama a si mesmo sempre que em suas realizações se aproxima dessa imagem que, idealizada, impõe exigências de performance.” (Py, 1999: 47). Nessas exigências, o ser humano se inventa, se transforma, apropria e re-significa as experiências que o cerca (Roudinesco, 1998). A identidade, então, nunca está fechada, pronta – é processo em andamento, sempre inacabado.

---

<sup>140</sup> Conta Laís, em entrevista, 2004.

Hall (2003) aponta para cinco fatores de influência no descentramento dos sujeitos.<sup>141</sup> Dentre eles está a ascensão do feminismo e dos ‘novos movimentos sociais’ que emergiram por volta da década de 1960 e apelaram para a identidade de seus dinamizadores. A questão de classe, um movimento de massa que uniria pessoas diferentes em torno da desigualdade econômica vivida por elas, é enfraquecida e fragmentada em vários e separados movimentos regidos por questões identitárias. A dinâmica da desigualdade é pluralizada. São diversas as estruturas de desigualdade que atravessam as sociedades. Os ‘novos movimentos sociais’ buscam assim “recrutar seus membros em diferentes classes e grupos sociais a partir de diferenciações variadas, tais como raça, grupo étnico, gênero, idade, orientação sexual, questões ambientais, *status* de cidadania etc” (Vasconcelos, 2003: 100).

Nesses rebuliços, não podemos esquecer do que poderia ser chamado de um ‘novo movimento social’ informal (Mc Laren apud Perrot, 2000) – as novas invenções de velhice. Tomando especificamente o caso do SESC-SP, é possível considerar que a partir de um grupo constituído por uma rede social informal formada por um elo comum: as aposentadorias e pensões – um novo movimento é inaugurado. Esse movimento, como já pudemos verificar, revolucionou os mecanismos de proteção social destinados aos velhos brasileiros. Os velhos desses tempos ensaiaram movimentos de saída dos antigos espaços e papéis destinados e apropriados por eles. Informalmente, eles começaram a mudar seus mundos.

Voltando ao feminismo (e retomando o que já dissemos antes), esse movimento questionou os pares de opostos: dentro X fora; privado X público. Abriu as portas das casas para a arena política: a rigidez das experiências de sexualidade, de reprodução, do trabalho doméstico, dos cuidados caseiros e familiares, etc. foram postas em dúvida. Revelaram micro-poderes, expressos no dia-a-dia. Politizaram a subjetividade, a identidade e os processos de identificação. Puseram em xeque a questão da diferença sexual. As rígidas estruturas femininas (de domínio das mulheres) e masculinas (de domínio dos homens) foram flexibilizadas. As mulheres em suas saídas passaram a se identificar com papéis antes exclusivos aos homens (Hall, 2003): *Viu só o*

---

<sup>141</sup> As teorias de Marx, da psicanálise: os trabalhos de Freud e Lacan, o lingüista Saussure, os estudos e escritos de Foucault e o movimento feminista. A globalização e a cultura do consumo – símbolos do que Hall chama de pós-modernidade também influenciam no processo de descentração do sujeito (Hall, 2003).

*futebol feminino? Medalha de prata! Não fomos ouro porque nos roubaram. (...) Estamos ocupando o lugar dos homens. Quem sabe jogar bola agora é mulher. A seleção masculina que vexame. (...) Não, menina, eles nem foram [às olimpíadas]*<sup>142</sup>.

Essas problematizações fomentadas pelo movimento feminista contribuíram ao descentramento dos sujeitos – ora, os processos de identificação com papéis femininos e masculinos se tornaram mais elásticos. Esse processo de identificação com determinados papéis que estruturariam a vida do sujeito e construiriam sua identidade está se tornando cada vez mais provisório, variável e problemático:

*“Aqui [PROVE], é bom para mente. Agora, eu vou para casa, chegando em casa é outra pessoa que eu vou ser. Eu não sou a mesma pessoa do PROVE lá em casa. (...) Você é cada pessoa em cada lugar.(...) Então quando eu chegar em casa, eu serei outra. O que serei eu em casa? Continuação do PROVE? Não sei, depende do meu programa. Vou mudar totalmente, vou ser uma adolescente com 72 anos? Pode ser que eu seja, depende do programa. Tudo depende.”*<sup>143</sup>

“Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, [geração], etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento e descentração do sujeito.” (Hall, 2003: 9).

São muitos os indícios de que já não há mais uma identidade fixa e coerente. As identidades de um único sujeito são múltiplas. Podem ser aparentemente contraditórias, apontam para diferentes direções, as identificações são assim constantemente deslocadas – descentradas: *Eu adoro! Sair para dançar. É uma maravilha. Eu nem sabia dançar muito bem, aprendi depois de velha e é uma delícia. Quanto tempo eu perdi. [...] Aqui [no PROVE], o que eu mais gosto é a dança do ventre.*<sup>144</sup> Essa mulher é a mesma que pouco tempo depois reduziu os prazeres com a dança para “mimar” seu netinho:

*Eu nem me incomodo. É tão bom ficar paparicando ele. Eu achei que não teria mais neto. Se deixar, eu passo o dia todo só no mimo. Minha filha diz*

<sup>142</sup> Diz Lalá, em Oficina no ano de 2004, recolhido através da observação-participante.

<sup>143</sup> Fala Edna, em entrevista, 2004.

<sup>144</sup> Conta Alitéia, em Oficina no ano de 2003, recolhido através da observação-participante.

*que vou estragá-lo. Vou nada, o que estraga é a gente não cuidar direito. Deixar com qualquer um. Imagina você saber que seu filho, seu neto, foi maltratado. Imagina quanta dor não deve passar os pais e avós daquelas crianças que aparecem na televisão apanhando [sobre reportagens televisivas de crianças maltratadas por babás]. Eu pergunto a ela: você quer passar por isso?*<sup>145</sup>

A mulher-avó-cuidadora dança. Papéis e identidades contraditórios se cruzam e dançam nas experiências vividas por essas mulheres. Esse cruzamento, todavia, “é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. Sem isso, argumenta Laclau, não haveria nenhuma história.” (Hall, 2003: 17). As mulheres administram suas saídas sem negar tradicionais e sacralizados padrões de proteção. Não há a dessacralização da relação avó-netos. Ela apenas se move: *Quando ela [a filha, mãe de seu neto mais novo] ou uma das minhas filhas ou noras está em casa, eu aproveito e vou para os bailes, venho para cá. Não tenho mais todo o tempo que eu tinha, mas estou cuidando de um bem muito mais precioso [o neto]*<sup>146</sup>. Esse descentramento – deslocamento – desarticula identidades e papéis estáveis vividos no passado e abre a possibilidade da invenção de novas tradições.

Essa realidade mutante do tempo presente, entretanto, desestabiliza a idéia que temos de nós mesmos. A pluralidade, ao contrário, dos pares de opostos, das rígidas classificações, é ameaçadora: *Eu posso ter 76 anos, mas não sou velha. Não me sinto assim. (...) Velha para mim é aquela mulher em casa, reclamando de dor nas juntas. Tem é que juntar tudo e jogar fora.*<sup>147</sup> Essa constante diferenciação entre *as velhas* e *eu/nós da Terceira Idade*, possivelmente, é atravessada por uma perda de um ‘sentido de si’. E pelo confronto com sua própria imagem. Inventam-se nomeações, designações buscando fixar identidades, mas “O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença).” (Hall, 2003: 41).

Ademais, parafraseando T. Swain (2001), em sua análise sobre as relações de gênero, não podemos esquecer os investimentos econômicos e midiáticos em torno da ‘Terceira Idade’. São imagens que nos assaltam a todo o momento em torno da velhice

<sup>145</sup> Fala Alitéia, em Oficina no ano de 2004, recolhido através da observação-participante.

<sup>146</sup> Ibidem.

<sup>147</sup> Fala de Laís, durante Oficina em 2003, recolhida através da observação-participante.



jovem, da beleza, do prazer e do bem-estar. A velhice, Terceira Idade, é emergente mercado de consumo (Debert, 1996):

“O indivíduo, assim interpelado, aceita e incorpora a imagem que lhe é oferecida e as opções que lhe são reservadas como sua própria representação; torna-se assim a encenação da representação social, auto-representação de uma identidade que lhe é conferida.” (Swain, 2001: 90).

Esse indivíduo procura e forma coletividades. Forja uma identidade comum entre aquelas que ocupam um mesmo lugar e se apropriam da mesma representação – todavia, elas também são múltiplas. Nas carteiras de identidade, no passe livre do ônibus, as idades são as mesmas. As experiências vividas pelas *velhas* e por *nós da Terceira Idade*, porém, são, para essas mulheres, muito distintas:

*Nós não podemos deixar de vir para cá. Aprender coisas novas. É muito importante estar sempre aprendendo. Não é só criança que aprende, não. Nós da Terceira Idade temos muito a aprender ainda. A gente aprende muito com vocês mais jovens. Se a gente para no tempo, acha que não tem mais nada a aprender, a gente fica velho, caduca.*<sup>148</sup>

Pretendendo encontrar um ‘sentido de si’ – uma identidade mais fixa, coerente e estável – as pessoas se agrupam de acordo com suas aparentes experiências semelhantes – espaços onde a pluralidade pretende ser apartada: “A necessidade de viver segundo classificações [e em espaços] nitidamente delineadas está profundamente arraigada na mente humana” (Gay, 1999: 31).

Porém, mesmo nesses espaços as diferenças e contradições estão presentes. Não apenas nos papéis, tantas vezes contraditórios, desempenhados por essas mulheres, mas, também na representação, no significado, que esse lugar ocupa na vida delas. A mulher que diz: “*Aqui é bom para a mente.*”; “*É muito importante a gente ter esse espaço*”. Fala também:

*“Quando eu entrei pro PROVE, eu nunca tinha pensado em velhice. Eu sempre saí muito. Eu trabalhei 43 anos. Quando eu entrei pro PROVE, eu ainda trabalhava. (...) Eu era normal, para mim tudo era normal. Uma mulher de 68 anos de idade. Sem saber que eu tinha 68. Entrei. Gostei do projeto do PROVE. Combina comigo. Só que, 1 ou 2 semanas depois, eu comecei a me sentir velha. Envelhecer. Porque, eu me lembro, eu estava com uma calça de linho branca. E, uma senhora falou para mim: Sua calcinha está aparecendo. A calça estava um pouco transparente. E, acharam estranho a minha roupa. Eu pensei: não posso mais ir com esse tipo de roupa. Porque lá só tem velho.*

<sup>148</sup> Diz Lalá, em 2004, recolhido através da observação-participante, durante Oficina.

*Gente mais nova do que a minha idade, mas velha. [...] Quando eu venho para cá ponho a vestimenta de velha. Eu já não uso as mesmas roupas*<sup>149</sup>

O lugar que as faz sentir velha é o mesmo que as faz esquecer e as afasta da velhice. A convivência com jovens torna-se essencial para o não se sentir velha: *‘Eu gosto porque aqui [o PROVE] nós estamos num grupo que não participa só pessoas idosas. Participa no meio de vocês que são novos, aí a gente não se sente velha. Eu pelo menos não me sinto velha não.*’<sup>150</sup> Talvez essa convivência revele alguma comunidade (algo comum) entre pessoas de idades tão diferentes. Identificações mesmo que fluidas e parciais entre jovens e velhos.

A idade biológica não alinha todas as diferentes identidades em uma “identidade mestra”, única e abrangente. A idade, (ter mais de 60 anos), *per se*, não aglutina interesses em comum (Hall, 2003). Jovens e velhos podem, então, se identificar. Surgem, todavia, conflitos entre aqueles de uma mesma idade. Enquanto algumas mulheres apesar das permanências, movem-se em suas saídas: *Me atrasei [para o grupo de fonoaudiologia]. Hoje é dia da fisioterapia e eles estavam todos atrasados. Aí, já vii. Atrasei o almoço. O maridão quando cheguei [da fisioterapia] estava morto de fome.*<sup>151</sup> Outras buscam romper radicalmente com antigos papéis destinados e apropriados por elas, talvez na pretensão fantasiosa de uma identidade mais fixa. Walda que sempre lembra dos netos e da filha que hoje moram em outro país, que mima os estagiários com seu doce e artesanato, não quer ver-se presa com os cuidados familiares e caseiros:

*Onde já se vii! (...) o filho foi morar com ela. Aí, já vii (...) Levou mulher, filho, periquito e papagaio (...) Eu é que não deixo de fazer minhas coisas para ficar cuidando de marido, filho, neto. Tenho que aproveitar esse tempo que me resta. Esse é o meu momento!*<sup>152</sup>

Conflitos possivelmente inerentes ao tempo presente, afinal, “a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado” (Hall, 2003: 21). A marca atual é na diferença e não na suposta identidade que a idade ou o sexo biológico poderiam produzir. A idade biológica já não dispõe papéis como antes. É a descronologização da vida. Esse processo nos parece participar de todas essas

<sup>149</sup> Falas de Edna, durante entrevista em 2004.

<sup>150</sup> Diz Laís, em entrevista no ano de 2004.

<sup>151</sup> Fala de Taninha recolhida através da observação-participante, em 2001 durante Oficina.

<sup>152</sup> Diz Walda, em Oficina, recolhido através da observação-participante, 2002.

transformações vividas pelos sujeitos no tempo presente. É uma das peças do jogo da descentração do sujeito.

Na modernidade, o curso de vida fora institucionalizado: “Uma forma de vida, em que a idade cronológica era praticamente irrelevante, foi suplantada por outra, em que a idade é uma dimensão fundamental na organização social.” (Debert, 1999: 50/51). A institucionalização das etapas da vida envolveu tanto dimensões do mundo familiar quanto do trabalho: traçando papéis, direitos e deveres de acordo com as idades. A entrada e saída das crianças na escola, a entrada e saída no mercado de trabalho, a “melhor” idade para ter filhos, para casar, para namorar etc.

As razões que levaram a essa cronologização da vida são atribuídas geralmente a dois fatores: ou à transição de uma economia baseada na unidade doméstica para uma com base no mercado de trabalho, ou enfocam o controle do Estado Moderno na vida privada. Contudo, nos últimos tempos a cronologização da vida é flexibilizada.<sup>153</sup> (Embora ainda represente uma dimensão fundamental na organização social: o direito à aposentadoria, por exemplo.) Falamos então em “sociedade unietária”, “desinstitucionalização do curso de vida”, “descronologização da vida”. As fronteiras entre as idades e seus respectivos papéis e normas a serem desempenhados, característica do modo de vida moderno, são apagadas.

Não conseguimos mais definir nitidamente as diferenças entre jovens e velhos. Embora seus corpos e idades sejam diferentes, embora seus espaços sejam distintos, ainda assim suas experiências se cruzam. Graciara fala sobre isso:

*Dias desse mesmo, eu estava conversando com minha neta. Ela é um pouco mais jovem que você. Eu acho que vou mais para farra do que ela. Antes, tudo era feito para jovem: bar, boate, curso. Agora, não tem mais nada disso não. Tem baile, ginástica, curso, tudo para a Terceira Idade. Você tem ido ao teatro, ultimamente? Só tem gente idosa. A maioria é idoso. E não é peça só para a Terceira Idade não. É qualquer peça. A gente envelhecer e ficar em casa, é coisa do tempo do onça. Agora, tem aquelas vans que buscam a gente em casa, levam para o teatro e deixam em casa. Igual de colégio. Mas, é muito bom, sabe? Nessas vans a gente conhece gente. Faz amizade. Combina novos passeios. E, é isso aí.<sup>154</sup>*

<sup>153</sup> Estas flexibilizações irão variar de acordo com as características e história de cada país, região, classe social, raça/etnia, (...). A descronologização da vida, no entanto, parece expressar-se de diferentes formas, de acordo com distintos e desiguais modos de vida.

<sup>154</sup> Conta Graciara, em Oficina no ano de 2004, recolhido através da observação-participante.

A descronologização da vida, no entanto, parece expressar-se de diferentes formas, de acordo com distintos e desiguais modos de vida. Em geral, nas mulheres de camadas médias, umas das possíveis formas de expressão é através das formas faceiras com que vivenciam suas velhices nos centros de convivência, nos bailes e passeios destinados à Terceira Idade, nos cuidados com o corpo e a pele – a partir da emergência de cremes e procedimentos capazes de evitar ou retardar as marcas da velhice. Enfim, da ascensão de um novo mercado destinado aqueles com mais de 60 anos, agora, não mais entendidos como fontes de miséria e sim de recursos. A fala de Silvia tem esse sentido:

*Velho agora está na moda. Tudo é velho. Esse deputado, não sei se é deputado ou senador, mas esse aí que adora tirar foto com velho. Adora falar de velho. Só falar, né. Tudo que é candidato fala de velho. Em cada esquina agora tem coisa para a Terceira Idade. E, é tudo especial para a Terceira Idade. Já viu essas propagandas de financiamento, empréstimo para a Terceira Idade, para aposentado e pensionista. É porque a gente está dando dinheiro. Eu estava conversando com uma amiga e ela estava lembrando que idoso antes não podia ter crédito, porque eles tinham medo da gente morrer e não teria como pagar as parcelas da dívida. Porque a única coisa boa de morrer é morrer a dívida junto. Agora, está todo mundo tão pobre, tão ferrado pra não falar a outra palavra que idoso é que está com dinheiro. É pouco, mas é dinheiro.*<sup>155</sup>

Sob as novas prescrições neoliberais e o crescente número de jovens desempregados, considerar aposentados e/ou pensionistas o setor mais desprivilegiado da sociedade hoje é uma noção completamente equivocada (Debert, 1996, 1999).

Mas, a descronologização da vida não se expressa somente na faceirice das mulheres dos centros de convivência, é também expressa na permanência ou na busca de retorno ao mercado de trabalho, prática comum, há tempos, entre os mais pobres e que agora atinge também às camadas médias. Os velhos por diferentes razões re-inserem-se no mercado de trabalho: *‘Ele pediu para eu dar uma ajudinha na ótica. Aí, eu fui. Ele é um sobrinho muito querido. É bom porque me ocupa e eu ganho um [dinheiro] extra. É ruim porque não tenho mais tanto tempo para me dedicar às aulas, ao artesanato.’*<sup>156</sup> Grandes redes de supermercado têm atualmente entre seus empregados mulheres velhas que empacotam compras e arrumam prateleiras. E, não podemos esquecer dos "old office boys" e "old office girls", na solução de muitos ritos

<sup>155</sup> Fala de Silvia em 2003 durante Oficina recolhida através da observação-participante.

<sup>156</sup> Conta Walda, em 2002, durante entrevista.

da vida urbana, eles e elas usam direitos diferenciais a favor do sustento – realizam pagamentos em bancos para empresas, consultórios médicos etc. Vários desses homens e mulheres são das camadas médias de nossa sociedade.

Os papéis e normas etários são flexibilizados, assim como os papéis e normas relacionados aos sexos e produzem a possibilidade de sair (Debert, 1999; 2003):

*Eu adoro vir para cá. Esquecer dos problemas, (...) dos meus compromissos com a família. É marido, filhas, netos, tudo na cabeça da gente. Aqui eu espiro. Relaxo. A gente precisa sempre sair de casa um pouco. Eu adoro a minha casa, mas a gente tem que conhecer outras coisas também. Minha mãe coitada passou a vida inteira em casa. Nunca trabalhou, até porque naquele tempo mulher não trabalhava mesmo. (...) No meu tempo mesmo, daqui se você perguntar a maioria foi dona de casa. Algumas têm vergonha de falar isso hoje, mas era tudo “do lar.” Se não tivessem inventado esses grupos para as pessoas idosas se reunirem, a minha vida e delas todas seria o que? Cuidar da casa, do maridinho, dos netos, e só. Não teria mais nada para fazer. (...) E quando os netos crescessem? Os maridos morressem? Hoje, mulher virou matusalém. Os homens morrem tudo antes da gente. Aqui mesmo está cheio de viúvas. Você sabe. E essas então que são viúvas e os netos moram longe? Sabe se lá o que seria da vida delas.<sup>157</sup>*

As mulheres, no entanto, enfrentam os desafios da perda de tantos papéis que antes estabilizaram suas identidades. Correm atrás de novos ao saírem para os centros. Ademais, as mulheres em todas as idades, hoje, podem dividir suas responsabilidades de cuidado com os homens (mesmo que não por muito tempo) para poderem sair: *Meu marido busca ele [o neto] na creche e leva lá para casa. Eu deixo o lanche pronto. Eles lancham e ficam vendo Malhação até eu chegar. Só não deixo os dois sozinhos por muito tempo, porque tenho medo de como a casa vai estar quando eu chegar.<sup>158</sup>* Os homens também se apropriam de papéis antes quase exclusivos das mulheres: *Ih! Eu adoro esse negócio de homem na cozinha. Lá em casa ultimamente quem cozinha são os homens. Meu filho também adora cozinhar. Eu nem ligo para a bagunça. Eles bagunçam, mas depois arrumam.<sup>159</sup>*

Mas, o que essa “descentração do sujeito” – a descronologização e a desbinarização, por exemplo – oferece de novo as relações de poder? (Nossa proposta não é encontrar uma resposta para essa pergunta. E, sim poder pensá-la. Sem a ingênua pretensão de esgotar a questão. Buscaremos desvelar através das experiências vividas

<sup>157</sup> Fala de Taninha recolhida através da observação-participante, em Oficina no ano de 2002.

<sup>158</sup> Conta Nélis, recolhido através da observação-participante em Oficina, 2004.

<sup>159</sup> Diz Marcélia, em Oficina, 2002, recolhido através da observação-participante.

por essas mulheres novos dados, indícios e argumentos para fomentar ainda mais nossa interrogação. Nossa análise, desse modo, é circunscrita a esse grupo de mulheres – sem ambições universais e gerais.)

### **Novos poderes de velhos**

Os ‘novos movimentos sociais’, formais ou informais, desvelaram questões e práticas de poderes cotidianos. Diversos em seus anseios, esses movimentos enfatizaram os poderes construídos da base e suas possibilidades transformadoras. Trouxeram à tona os poderes dos diferentes, das pessoas comuns. Pessoas e não marionetes de um poder coercitivo e central. Como nos diz Foucault (2004), o poder é relação. Não é coisa. É prática entre seres humanos e, portanto é construído historicamente. Nada é isento de poder. O poder se espalha por todos os cantos de nossas vidas. Nas ruas e nas casas há poder. Onde há homens e mulheres há poder. Esse poder, no entanto, não é único. É plural. Falaremos então em poderes. Os poderes são expressos de tantos modos, de acordo com as possibilidades vividas por mulheres e homens. Podem, todavia, ser transformadores. Podem mudar experiências. Eles circulam. Não estão na mão de um ou de outro, mas nas relações entre um e outro:

“O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.” (Foucault, 2004: 183).

As arrumações sociais do tempo presente abrem as portas das casas para novas possibilidades de ser. A vida e os papéis encenados tornaram-se mais plásticos. As mulheres inventaram novos fazeres e poderes, pois seus antigos já não lhe serviam mais. E assim ampliam suas redes de relação e conseqüentemente de poder. Nessas suas invenções ganharam novos lugares e perderam outros. Preenchem essas faltas promovidas pelas novas configurações sociais de muitos modos. Algumas repetem antigos padrões. Reinventando relações filiares e exercendo um tipo de poder tão comum a elas – o cuidar: *Esse aqui [doce] é só para vocês [estagiários do PROVE]. Elas [as outras idosas] acabam com tudo e vocês acabam não tendo o que comer. E*

*depois vocês ficam aí até tarde estudando que eu sei.*<sup>160</sup> Outras ainda nos arregalam os olhos, descobrindo poderes nada comuns as mulheres mais velhas – seduzir e namorar:

*“Quando eu falei que tinha namorado, as pessoas ficaram tudo: Laís, Laís... todo mundo de olho arregalado. (...) Era um congresso lá na Barra, na Barra não, em São Conrado. Era num hotel muito chique. Aí, quando chegou lá, eles perguntavam, faziam perguntas para gente e tudo. Aí, eu falei, na época eu tava com uns 70 anos e falei: Tenho 70 anos, estou com um namorado, sou viúva. Ficou todo mundo de olho arregalado. Sempre ficam. As pessoas me perguntam quando eu digo que tenho namorado: mas, o que você sente? Você sente alguma coisa? Eu digo: a mesma coisa! É a mesma coisa de quando eu era jovem.”*<sup>161</sup>

A invenção dos centros de convivência ampliou as redes de relação das mulheres mais velhas. Elas podem exercer antigos e inventar novos poderes nesses e em outros espaços. Esse movimento de saída do tradicional lugar da mulher velha pode promover o empoderamento. O empoderamento aqui deve ser compreendido em seu sentido intransitivo: uma ação do sujeito (Vasconcelos, 2003). Não são os centros de convivência que promovem o empoderamento dessas mulheres, mas as infinitas relações que elas estabelecem com esses lugares. O significado desses lugares é múltiplo e variável, depende de como os que participam desse espaço o significam.

O movimento de empoderamento dos idosos emergiu impulsionado por profissionais da área e sob a perspectiva que a velhice representaria um momento de *desempoderamento* individual e coletivo (Myers, 1993; Cusack, 1999; Thurz, 1993; Teixeira, 2002). Esse movimento serviria para o fortalecimento do movimento do idoso e assim a luta pela invenção e garantia de direitos. Os Conselhos e muitos centros de convivência atuam nessa proposta: os Conselhos em suas relações com o Estado, com tendência mais macro-social, e os centros em suas relações com a sociedade, com tendência mais micro-social. Ambos, no entanto, afetam e promovem transformações culturais, subjetivas, sociais, nas políticas públicas, etc.

À nós vem interessando perceber a invenção e re-invenção de poderes expressos no dia-a-dia dessas mulheres. Essas micro-invenções cotidianas quando se tornam invenções de muitos produzem mudanças em larga escala. Apesar das tantas diferenças entre elas, essas mulheres têm em suas experiências a invenção de uma nova possibilidade de ser na velhice. Invenções sempre plurais é claro. Nessas re-invenções

<sup>160</sup> Fala de Walda, em Oficina, recolhido através da observação-participante, 2002.

<sup>161</sup> Relato de Laís, em entrevista no ano de 2004, recolhido através da observação-participante.

de si mesmas, tantas vezes, essas mulheres empoderam-se: *Quem diria, eu que não dava nem um traço na minha vida, virei pintora*<sup>162</sup>.

Nas tramas da rede que se constrói entre essas mulheres, elas inventam nesse lugar o poder de ensinar. Dentre os que atuam no projeto, atualmente, estão as professoras de dança egípcia e de alongamento, ambas com mais de 60 anos. A entrada de uma delas, em 2001, ocorreu através de sua inscrição no PROVE. A outra foi convidada, cerca de 2 (dois) anos depois, por um dos responsáveis pelo projeto a ministrar as aulas, após uma exibição sua num evento destinado ao público idoso. Essas duas mulheres são exemplos dos modos pelos quais a descentração dos sujeitos se materializa nesse processo de invenção e valorização de uma nova tradição da velhice. Nessa participação, essas mulheres provam com a flexibilidade de seus corpos as possibilidades de superar limites (físicos e sociais) antes fixados para o envelhecimento – não só elas, mas todos os outros participantes dessas atividades, sempre as mais desejadas. Nessas atividades, as mulheres re-descobrem um poder tão comum às mulheres mais jovens e tão incomum às mais velhas – seduzir e mostrar seus corpos:

*Eu me sinto muito bem dançando. No início, fiquei com um pouco de vergonha. Aquela roupa com a barriga de fora, achei que nunca teria coragem de usar. Eu conversava com a Alitéia e com a Laís e elas estavam super animadas. Me animei também. Mas, logo no início não coloquei a barriga aparecendo não. Comprei a saia e usava com uma camisetinha. Eu engordei muito, né. Ficava com vergonha. Agora deixei pra lá. Me acho o máximo dançando por aí, de barriga de fora e tudo. É super sensual. (...) Não, a vergonha não passou, mas procuro não pensar muito nisso não.*<sup>163</sup>

Nas reuniões do grupo para escolha da programação a ser oferecida, as atividades físicas destacam-se como as mais requisitadas. São elas também as mais freqüentadas. A participação no Grupo de Encontro, grupo com caráter informativo-reflexivo, é, geralmente, menor quando comparada às outras atividades.<sup>164</sup> Essa procura por exercícios físicos e, conseqüentemente, um corpo sadio adia a chegada de um tempo em que o corpo já não possa mais. A ausência de um corpo sadio limita as redes de

---

<sup>162</sup> Diz Graciara recolhido através da observação-participante, em Oficina no ano de 2004.

<sup>163</sup> Conta Gláucia, recolhido através da observação-participante, durante Oficina em 2004.

<sup>164</sup> Nesse grupo, busca-se informar os idosos sobre seus direitos e deveres de cidadãos (privilegiando, informações sobre saúde) e abordar temáticas relacionadas à situação do país e do mundo. Profissionais gabaritados de diferentes áreas do conhecimento são convidados a palestrar para os idosos. Ao mesmo tempo, pretende-se uma incessante reflexão sobre o processo de envelhecimento, através da interpelação e discussão dos idosos e profissionais (Py, 1996). Durante cerca de quatro anos (1996-2000), as reuniões desse grupo ocorriam semanalmente. Porém, a freqüência nessa atividade se tornou cada dia mais escassa.



relação e o exercício de poderes: “nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder...” (Foucault, 2003: 147). Corpos doentes, todavia, ainda expressam poderes em íntimas relações. É o caso de Gláucia com seus pais: *O papai já bem velhinho, já muito doente, só olhava e a gente já sabia o que fazer. Tínhamos o maior respeito por ele. Sempre tivemos, até o fim. (...) Mesmo ele doente, eu aprendia com ele. E com a mamãe foi a mesma coisa.*<sup>165</sup>

Cuidados com o corpo, expressos também em formas de aproximação ao padrão da juventude, atuam na descronologização da vida, como numa luta pela superação do estigma que acompanha a aparência do velho e sua rejeição. As rugas e a flacidez devem ser combatidas com os cremes, dietas, vitaminas ginásticas e plásticas. Edna fala desse combate:

*“A minha mão enrugou terrivelmente de dezembro para cá. Hoje, eu estou escondendo as minhas mãos. Por que os artistas fazem tantas plásticas? Para os outros. Eu vou fazer plástica na mão, porque está me incomodando. Eu acordei outro dia e digo ah... vou ficar na cama mais um pouquinho. Quando eu levantei assim a mão para ver a hora no relógio da parede. Que eu olhei assim! Vi essas rugas todas! Disse: minha mãe santíssima, deixa eu levantar que ainda estou viva. (risos) Me arrumei e não quero nem saber e saí. É isso, a carcaça incomoda. Incomoda porque você tem que se apresentar bem para uma sociedade. Ou porque você é artista, ou porque você quer arranjar um namorado. Por que a gente se arruma para ir a uma festa? Para verem que você está bonitinha. Agora, se imagina toda enrugada, cheia de pelanca.”*<sup>166</sup>.

Esses cuidados possivelmente também estão relacionados à crueldade cometida àqueles, que ousam se afastar do *padrão* imposto pela burguesia. Segundo Costa (1994), os ricos, brancos, “heterossexuais”, poderosos, bem-sucedidos, jovens e inteligentes representam a nata do núcleo burguês, ou seja, são os verdadeiros representantes da essência ética da humanidade; “Suas vidas são protegidas, e seus sofrimentos respeitados.” (: 124). Às minorias/maiorias desviantes resta aproximar-se desse padrão, seja até mesmo pela afirmação da sua diferença. No caso da velhice, é possível considerar que através dessa aproximação, reinventada cotidianamente nas atividades mil promovidas pelos centros de convivência, torna-se possível um novo olhar ao envelhecimento e a conquista de certo espaço social.

Nessas dinâmicas de escolhas de atividades, os participantes do PROVE reivindicam desejos e expressam poderes, expondo decisões grupais cujos sentidos têm

<sup>165</sup> Relata Gláucia, em atendimento psicológico no ano de 2001.

<sup>166</sup> Conta Edna durante entrevista em 2004.

sido ainda pouco examinados. Atividades, historicamente, desempenhadas pelos mais jovens são sempre as preferidas. Para além da conservação do corpo, está em jogo uma espécie de conservação do *fazer*. Ao fazer, o outro não me reconhece como inútil (um quase sinônimo de velho). Eu não me reconheço como inútil:

“Tudo que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe) etc., e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão a formação original da representação que terei de mim mesmo.” (Bakhtin apud Freitas, Souza e Kramer, 2003: 65-66).

Fazer arte: teatro, pintura, dança. Fazer novas conquistas: aprender uma nova língua, criar laços de amizade e de reconhecimento. Fazer/inventar novos papéis – expressar novos poderes em tempos e lugares antes não ocupados.

Inventam-se novos papéis expressos nas histórias de algumas das participantes do PROVE e novos olhares para a velhice. Essas mulheres revelam a flexibilização que papéis sociais assumem na contemporaneidade. Fragmentos da história de Laís:

*negócio de crochê não é comigo não! Isso é coisa do passado! Eu gosto é de sair, de passear, de ir ao teatro. Nós temos uma turmazinha e vamos para os lugares. Estamos agora fazendo a dança do ventre. (...) hoje, completar 50, 60 anos é outra coisa.*<sup>167</sup>

Nessa experiência, informam, sem censura, a recuperação do prazer no exercício dos jogos sexuais:

*(...)Semana passada ele [o namorado] tinha ido lá para Juiz de Fora e quando voltou, estava cheio de saudade. Chegou lá em casa era meu amor pra lá, meu amor pra cá, me jogou pra lá, pra cá. Eu falei assim: olha, você está fazendo de mim uma perereca! Joga na parede, joga pra cá, joga pra lá.(...)*<sup>168</sup>

A descentração dos sujeitos presentifica-se também nos modos de vestir – as barreiras entre o vestuário de velhos e jovens tornaram-se fluidas: *‘Tinha uma moça no meu prédio que dizia: você não tem vergonha, se veste igual as suas filhas! Queria o que? Que eu colocasse aqueles vestidos lá em baixo, não pintasse meus cabelos, minhas unhas! Sai dessa!’*<sup>169</sup>

<sup>167</sup> Fala de Laís, durante Oficina em 2003, recolhida através da observação-participante.

<sup>168</sup> Relato de Laís, em 2004 durante entrevista.

<sup>169</sup> Ibidem, 2004.

As possibilidades de ser abrem-se para infinitas invenções. Walda antes aluna, reinventa-se como professora:

*“Eu nem estava muito interessada nas aulas, mas com o tempo fui me apaixonando. Quando a professora precisou sair, não poderia dar mais as aulas, tivemos uma aula com uma estagiária. Depois, eu comecei a dar as aulas [...] passei de aluna para professora, foi rápido, nem percebi direito. Quando dei conta, era eu quem estava ensinando. [...] Um dia perguntaram se alguém sabia fazer artesanato, eu disse que fazia. Perguntaram se eu gostaria de ensinar, aí comecei a ensinar lá. Adoraram as minhas aulas!”<sup>170</sup>*

Novos projetos sociais são abertos por essas invenções, ampliando as redes de relações e poder. Walda inventa um sentido social para sua experiência de velhice. Usa sua invenção para que os outros também possam se re-inventar:

*“As pessoas lá são mais pobres, então começaram a aprender para vender, ganharam um bom dinheirinho. Comecei também a dar aulas onde minha filha havia lecionado. Eu me sinto muito bem porque percebo que estou ajudando essas pessoas. O dinheiro que elas recebem com a venda do artesanato não é muito, mas já é alguma coisinha. Elas também começam a ensinar para os outros e essas pessoas também começam a ganhar o seu dinheirinho. Eu é que não vendo nada. Não preciso do dinheiro. Gosto é de dar de presente.”<sup>171</sup>*

Revelam poderes encobertos por representações cristalizadas. Afinal, quando poderíamos imaginar a potencialidade de jornais velhos:

*“Eu adoro o que faço. Tirar o lixo, o que vai ser jogado na rua e utilizar de uma outra forma. As bijuterias, o papelão, tudo isso iria para o lixo. Eu pego tudo e transformo em castelos, nos baús e em enfeites. Faço presentes. Adoro as aulas, ver as pessoas aprendendo, saber que estou as ajudando. Eu gostaria de encontrar a tia da menina para agradecer o que ela fez por mim, mostrar meus trabalhos.”<sup>172</sup>*

Reinventam filiações em suas descobertas. Gláucia, finalmente, dá um novo sentido ao filho tão desejado, idealizado e assassinado:

*Eu sempre gostei muito de arte. Mas, nunca imaginei ser uma artista. Logo na primeira aula de pintura, tive certeza que tinha me descoberto. [...] A pintura salvou minha vida. Ela ajuda a curar a minha depressão.[...] Eu já sabia que não estava bem, aí na primeira aula, lembra? Ele ensinou umas técnicas de como tratar a tela e logo depois pediu para a gente pintar. Pintar o que quisesse. Livre, sabe? Foi quando eu pinteí, sem pensar em nada. Pinteí meu filho. O filho que não tive [Ela decidiu realizar um aborto, pois ao*

<sup>170</sup> Conta Walda, em entrevista, 2002.

<sup>171</sup> Ibidem, 2002.

<sup>172</sup> Ibidem, 2002.

engravida era solteira e temeu as reações dos pais. Durante tempos (e, talvez até hoje), ela se culpou por essa decisão. Sofre de dores abdominais terríveis e de gases que incham sua barriga *‘como se tivesse grávida’*. *Nossa, quanta coisa se passou pela minha cabeça. É como a gente falou, eu comecei a parir esse filho aquele dia. Mas, eu acho que ainda estou em trabalho de parto, não é? [...] Eu tenho muito orgulho mesmo dos meus quadros. Todo mundo gosta. Gosto de pintar assim, sem pensar. Sair pintando, livre.*<sup>173</sup>

E, assim, em suas tão diversas trajetórias de velhice, velhos e velhas suscitam um constante repensar. Afinal, esses novos fazeres e poderes emergem como

“algo que se impõe mesmo na ausência de qualquer uma dessas observações ou de um objetivo retórico imediato. Algumas pessoas começaram a pensar e a sentir de novas maneiras. Quase a despeito de si mesmos, novos tipos de histórias estão sendo contados, e novas formas de entendimento começam a tornar-se possíveis.” (Laqueur, 1992: 271).

Mais para além, é possível que a reprivatização da velhice, ou seja, a transformação da velhice numa responsabilidade individual (boa aparência e saúde, aí, passam a ser sinônimos), esteja em jogo nessas escolhas pelas atividades físicas (Debert, 1996; 1999). Quando o Estado busca minimizar suas responsabilidades, ele chama os sujeitos para arcarem com elas. Nesse emaranhado de reprivatizar a velhice, práticas de empoderamento atuam numa super-responsabilização dos sujeitos por suas condições sociais e de saúde. Os velhos devem ser empoderados para se cuidarem e não adoecerem, aumentando os gastos públicos. É preciso atentar que o termo e a proposta de empoderamento vem sendo reinventada a todo tempo no amplo campo dos movimentos sociais e dos ideais políticos, submetido ao ponto de vista, do tempo e do lugar de quem o utiliza. Diferentes tradições culturais, sociais e políticas, mesmo num tempo em que esse termo não era nem nomeado, inventam propostas, práticas e ideais diferenciados de empoderamento. A complexidade da proposta de empoderamento está relacionada à complexidade da noção de poder (Vasconcelos, 2003)<sup>174</sup>.

<sup>173</sup> Fala de Gláucia durante atendimento psicológico em 2002.

<sup>174</sup> Nos últimos tempos, podemos perceber grupos sociais com ideologias, enfoques e práticas polarizadas utilizando essa proposta – de um lado, os defensores da globalização regida pelo mercado (neoliberais) e do outro, os críticos das atuais regras de mercado e sua, conseqüente, exclusão de grupos sociais. Essa realidade ocasiona uma total falta de clareza dos objetivos de empoderamento. Além, de trazer desconfiância acerca da utilização desse termo. Desconfiança concreta, pois muitas vezes é perceptível como esse novo termo é usado para legitimar antigas práticas – novos nomes em velhas ações (Romano, 2002).

Vasconcelos (2001) localiza algumas ideologias e movimentos que se apropriam do conceito de *empoderamento*, de formas bem diversas. Entre eles, *o pensamento liberal e individualista* (prioridade

Ao falarmos de empoderamento é importante perceber suas formas de expressão; ao invés, de emancipar os sujeitos, ele pode promover a opressão. O empoderamento como o poder, todavia, passa pelo desejo. As dedicações dessas mulheres aos cuidados com seus corpos não expressam somente o crescimento da onda neoliberal – a reprivatização da velhice – e o padrão imposto pela burguesia – ser jovem a qualquer preço –, mas também o prazer de manter-se bela e saudável. Na voz de Edna: *Eu quero mais é ficar bonita. Só porque eu não sou mais uma garotinha, não posso me cuidar? A gente tem que se cuidar sempre. Manter-se bela. Isso é sinal de amor.*<sup>175</sup> Elas atuam na propagação dessa ordem. Relacionam-se com elas. Elas desejam estar belas. São correlações de poderes:

“O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, (...), [dos velhos], sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado... O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo...” (Foucault, 2004: 146).

Gláucia usa os poderes de ser velha a seu favor. Joga com eles e se empodera:

*Eu dei uma de louca lá no INSS. São anos lutando por essa aposentadoria e ela não sai. Não é muito dinheiro, mas é o meu dinheiro. Eles acham o que? Porque eu estou velha posso ser enrolada, posso ficar para trás. Sou burra? Mostrei que estão muito enganados. Lembrava das conversas que a gente tem aqui no PROVE, nas coisas que sempre falam sobre os velhos e ia ficando com raiva. Mas, comecei falando calmamente, quando começaram com falta isso, falta aquilo. Coisas que eu já entreguei várias vezes, e eles não*

---

lógica do indivíduo, entendido de forma universal e racionalista, em relação ao Estado.); as tradições românticas e populistas e seus movimentos sociais (o movimento romântico valoriza as formas tradicionais e comunitárias de vida e cultura anteriores a Revolução Industrial, e critica os poderes destrutivos das forças econômicas e sociais capitalistas. Algumas perspectivas populistas inspiradas no Romantismo estabelecem relações diretas e pessoais entre os grupos sociais e seus líderes, desconectando, com a supervalorização do micro, o caráter macro dos problemas locais.); as tradições socialistas e marxistas (Marx interessava-se em como as relações de produção poderiam ser transformadas, de forma que os trabalhadores seriam *empoderados* e gestariam seu próprio Estado. Os movimentos socialistas desenvolveram estratégias de *empoderamento* centrados na democracia e participação a nível local.); os novos movimentos sociais (dinâmicas de organização mais horizontais, enfoque em questões culturais e simbólicas.).

<sup>175</sup> Diz Edna, em 2004, recolhido através da observação-participante.

*sabem onde enfiam naquela bagunça. Pedi para falar com o superior dela. Ela não quis chamar. Eu disse que nós duas não estávamos conseguindo resolver, então seria interessante ela chamar outra pessoa. Ela mandava eu ficar calma, com um ar de deboche. Foi me subindo uma coisa. Eu pensei: estão achando que eu sou boba, vão ver que eu sou é louca. Fiz um escândalo. Ameacei de processá-la por falta de respeito à pessoa idosa. E não é que deu certo. Passei o dia inteiro lá, mas eles encontraram tudinho que diziam que faltava. Agora, essa aposentadoria sai.*<sup>176</sup>

As mulheres aprendem nessas saídas a usar a fragilidade do ser idoso em nossa sociedade, e a obter ganhos e compensações, como mostra M. Perrot (2001), em muitas práticas femininas. Essa fragilidade garante direitos diferenciais a elas. Elas assim os usam:

*Eu falei, morrendo de vergonha, mas falei. O lugar não é destinado aos idosos? Então, era eu que tinha que sentar. O rapaz fala de 2 em 2 minutos: os bancos laranjas são preferências a pessoas idosas, gestantes e não sei mais o que. Pedi licença, perguntei se ele se incomodava e sentei. O rapazinho ficou tão sem graça, eu também, mas não perdi a pose.*<sup>177</sup>

“As diferenças entre os corpos que são ligadas ao sexo [e a idade], são constantemente solicitadas para testemunhar as relações e fenômenos sociais (...). Não só testemunhar, mas testemunhar a favor, isto é, legitimar.” (Goldelier apud Scott, 1995: 17). Essa *fragilidade* legitima direitos diferenciais às mulheres e aos velhos. As mulheres velhas recebem, por exemplo, tratamento preferencial nos sistemas previdenciários; podem requerer os benefícios da aposentadoria mais cedo, e as é permitido no Brasil o acúmulo de aposentadoria e pensões – de pais e/ou cônjuges. No ano de 1999, 15,3% das idosas encontravam-se nessa situação. Esse tratamento preferencial é reforçado por justificativas como: compensação por afastamento do mercado de trabalho por causa da gravidez; dupla jornada de trabalho e postos inferiores aos masculinos. De certa forma, reforçam o pressuposto dominação-submissão e o *poder e lugar* das mulheres no espaço privado – cuidadoras e preservadoras dos laços familiares. Ao mesmo tempo, não há como esquecer e negar que, embora vivamos num período de flexibilização dos papéis sociais, essa é a realidade de muitas mulheres brasileiras. E, foi a realidade de várias idosas principalmente de camadas economicamente médias, como as idosas do PROVE.

---

<sup>176</sup> Gláucia durante atendimento em 2001.

<sup>177</sup> Hilda durante atendimento, 2003.

Camarano e Pasinato (2002) nos revelam que a renda das mulheres idosas, seja por aposentadoria ou pensão, está representando um papel imprescindível na renda de muitas famílias. Como ressaltamos, sob as prescrições neoliberais, o desemprego tem atingido amplas faixas da população jovem, o que provavelmente acarreta novas configurações nas relações de dependência entre os velhos e as gerações mais jovens. As aposentadorias e pensões passaram a jogar um papel fundamental na composição da renda familiar – significando tanto apoios efetivos à população jovem e desempregada, como uma resignificação do poder dos velhos. Ao invés de *ninhos vazios*, os *ninhos* estão *cheios* – de filhos, netos, e até mesmo, bisnetos.<sup>178</sup>

Houve também, nos últimos anos, uma redução de idosas classificadas como “outros parentes” – esse termo é, geralmente, utilizado como um indicador de dependência. O número de mulheres chefes de família aumentou e tradicionais responsabilidades permanecem na história de vida de algumas dessas mulheres. É o que expressa as preocupações de Telma:

*Ela nunca quis saber de estudo. Dizia que ia para o inglês e ia namorar (...) agora ganha uma mixaria. O pai da menina pouco ajuda, são as tias dele que tem dinheiro e ajudam, mas ele mesmo não tem onde cair morto. Eu fico pensando quando eu não tiver mais aqui, vou deixar o apartamento para elas, mas como vão pagar as contas?*<sup>179</sup>

É interessante perceber que quando as famílias são chefiadas por mulheres, o número de “agrupados e não parentes” e/ou “outros parentes”, ou seja, o número de dependentes é maior. Além do papel de cuidadoras, as mulheres estão desempenhando também o de provedoras (Camarano e Pasinato, 2002). As mulheres idosas se apropriam e assumem papéis masculinos, como o provento. Ao mesmo tempo, permanecem em papéis femininos de cuidado. Trazem a tona à desbinarização dos papéis sexuais e a descronologização da vida. Elas circulam entre muitos papéis.

Ademais, as relações de dependência são dinâmicas. Ora, os filhos dependem dessas mulheres. Ora, essas mulheres dependem de seus filhos. Quando o Estado e a sociedade falham são inventados novos modelos de proteção, que conjugam signos públicos e privados. Essas formas de proteção podem associar dinheiro e afeto, como na história de Laís:

<sup>178</sup> A expressão “ninhos vazios” é bastante utilizada por estudiosos do envelhecimento para caracterizar as casas e a realidade de muitos idosos, que estariam experimentando a solidão/isolamento na velhice.

<sup>179</sup> Fala de Telma durante atendimento psicológico em 2001.

*“A minha pensão não é muita não. A minha pensão é até bem pouca. Agora, eu estou ganhando uns 800 reais. (...) eu reclamo que eu não queria depender dos meus filhos. Ficar dependendo deles, porque são eles quem pagam meu plano de saúde. Ela diz sempre assim para mim: mãe, nós vamos pagar plano de saúde para a senhora. Ontem, nós estávamos até conversando porque o plano está caríssimo. É uns 600 reais. Ela diz: mãe, mas não é tanto assim não. Eu não pago o plano sozinha, meus irmãos ajudam. Por enquanto, a gente pode pagar. Dá para pagar!”<sup>180</sup>*

Podem expressar também cadeias de proteção social entre gerações, expondo possibilidades de trocas de mútuas responsabilidades. E, novamente Laís: *“Eles dizem assim: você sempre cuidou da gente, por que agora a gente não pode cuidar de você? (...) E estão sempre me ajudando a pagar meu plano.”<sup>181</sup>*

Mesmo à distância persiste a certeza nos compromissos daí decorrentes. É o que expressa Walda:

*“Eles foram para lá em busca de uma vida melhor (...) no início, não que passassem dificuldade, mas nada era muito fácil, eu até emprestei um dinheirinho. Agora, o restaurante deu certo. Ela arrumou emprego como professora (...) já é coordenadora, mas lá eles chamam de outro nome. As crianças estudam nesse colégio que ela trabalha. (...) Eles estão bem agora, se eu precisar, eles me ajudam!”<sup>182</sup>*

As relações de dependência circulam de acordo com os tempos e lugares. Nelas, também estão em jogo relações de poderes. Poderes expressos em ambientes privados que escapam à noção de um poder unificado, coerente e centralizado e se aproximam da concepção de Foucault sobre o poder – “constelações dispersas de relações desiguais constituídas pelo discurso nos ‘campos de força’” (Scott, 1995: 32). São poderes de mulheres e velhos só apreendidos quando olhamos para as relações do dia-a-dia (Costa, 2003). Poderes, muitas vezes, expressos nas muitas práticas e representações de que se fazem os cuidados e prendas do lar: nos cuidados da vovó, nas comidinhas da vovó. Signos antes (e ainda hoje) não desvelados organizam exclusividades de afetos presentes nas práticas mais corriqueiras de cada dia. Habitus de cada dia, como diria Bourdieu, formatam nesses afetos ainda a cronologia da vida cotidiana: *“Meu filho vem sempre almoçar comigo, aí, eu arrumo o pratinho dele (...).*

---

<sup>180</sup> Relato de Laís em 2004, durante entrevista.

<sup>181</sup> Ibidem, 2004.

<sup>182</sup> Fala de Walda em 2002 durante entrevista.



Nela, se normalizam condutas entre gerações: *Ele é muito vaidoso, muito caprichoso, como o pai, então, arrumo sempre tudo bonitinho para ele.*” – conta Laís<sup>183</sup>.

Além dessas novas relações intergeracionais – entre mães e filhos –, o número de mulheres que vivem sós na velhice aumentou no período de 1981 a 1999 (Camarano e Pasinato, 2002). Mas, esse morar só pode desvelar novas facetas e contribuem na descronologização da vida, como acontece com Laís: *“Eu moro sozinha. Nunca morei só, é muito bom, sou eu quem decido o que fazer e quando fazer.”*<sup>184</sup> E mesmo de descoberta do uso da liberdade:

*“[...] pra mim sozinha dá. Moro sozinha, meu apartamento é próprio, os filhos estão todos criados. Agora, você sabe que é agora que eu me sinto feliz. Agora eu faço aquilo que eu quero. Eu pego o meu dinheiro e faço o que eu quero com o meu dinheiro. Então, eu quero fazer uma coisa eu faço. Não devo satisfação a ninguém. Hoje, é que eu percebo que eu sou uma mulher realizada. Eu sou realizada.”*<sup>185</sup>

Também, é um exercício da afirmação da individualidade: *Mas, para morar junto [com o namorado], não tenho vontade de morar com homem nenhum. Prefiro continuar a morar sozinha.*<sup>186</sup> Reconhece-se essa individualidade nas novas relações familiares aí estabelecidas:

*“Eu fui visitá-lo [referindo-se ao neto] nessas festas. Tinha que ver quanta festa. Eles ficaram felicíssimos. Tem um quarto só para mim lá, acredita? Meu bisneto, ele fala português, mas às vezes enrola um pouco a língua, tinha que ver como ele ficou quando eu fui embora. Chorava tanto, e dizia: bisa, você volta logo, não volta? Uma gracinha.”*<sup>187</sup>

Embora descobrindo novos prazeres e poderes na velhice: morar só, fazer o quer com o dinheiro, não dever satisfação, etc, o antigo prazer e poder de ser mãe, avó e bisavó permanece na felicidade dos seus ao recebê-la. As rupturas abertas com as saídas das mulheres idosas para o espaço público coexistem com permanências de antigas práticas no espaço privado, processo nem sempre observado. Práticas profundamente naturalizadas às quais ainda não se concede suficiente atenção, trazem indícios dos modos pelos quais se movem as relações nessa nova ou velha trajetória das mulheres na velhice. Como diria Darnton (1990), mesmo com a permanência de velhos costumes,

<sup>183</sup> Laís, 2004, durante entrevista.

<sup>184</sup> Ibidem, 2004.

<sup>185</sup> Ibidem, 2004.

<sup>186</sup> Laís em 2003 durante Oficina, recolhido através de observação-participante.

<sup>187</sup> Fala de Laís, em 2004, durante entrevista.

essas mulheres estão imprimindo suas idéias na consciência dessa época, ao re-inventarem suas velhices. Elas buscam se permitir

“(...) a reinvenção de mim enquanto outro. É o espaço de mim. Se pensarmos este espaço identitário como estando em ligação com todos os outros espaços de um ‘eu’, que os critica, designa ou reflete, temos aí uma heterotopia identitária. Eu, nômade, sou outra, além daquilo que pareço ou do que falo. Eu sou um espaço de mim, migratório, de transição, nesta cartografia que me revela e me nega. Eu sou um espelho de mim, um lugar sem lugar.” (Navarro-Swain (2000) apud Gandelman, 2002: 12).

## Considerações Finais

*"A porta da verdade estava aberta, mas só deixava passar meia pessoa de cada vez.*

*Assim não era possível atingir toda a verdade, porque a meia pessoa que entrava só trazia o perfil de meia verdade. E sua segunda metade voltava igualmente com meio perfil. E os meios perfis não coincidiam.*

*Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta. Chegaram ao lugar luminoso onde a verdade esplendia seus fogos. Era dividida em metades diferentes uma da outra.*

*Chegou-se a discutir qual a metade mais bela. Nenhuma das duas era totalmente bela. E carecia optar. Cada um optou conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia." Carlos Drummond de Andrade.*

A cada dia envelhecemos. No entanto, a velhice ainda assusta a maioria de nós. Nós, brasileiros, fomos acostumados a viver num *país de jovens*, no *país do futuro* – no país do vir a ser. Mas, o *país do futuro* envelhece. E, a velhice, em nossos imaginários,

carrega consigo a limitação e a escassez dos dias. Nos deparamos, então, com nossa finitude: com o fim de dias em que tudo poderíamos ser. A velhice nos provoca. Provoca nosso Estado, nossa sociedade e a construção de nossas identidades, que agora, *apesar dos pesares*, têm que se haver com o presente de milhares de brasileiros e, principalmente, brasileiras envelhecidas.

Assim, vamos inventando ciências, políticas, lugares e nomes para melhor atender aos mais velhos. Vamos reinventando a mesma velhice que nos reinventa. Reinvenções das mais variadas possíveis e que nos surpreendem sempre. Reinvenções que nos impelem a rever antigos imaginários. Afinal, os velhos e velhas que estão aí teimam em nos mostrar quanta vida há na velhice. Eles e elas, que no presente e num constante vir a ser, estão se re-descobrimdo e se reinventando graças às ciências, às políticas, aos espaços e nomes que com eles tivemos que criar.

Este trabalho reúne, assim, algumas reflexões sobre as reinvenções de mulheres em suas velhices. Buscamos revelar os paradoxos e contradições vividas por algumas idosas de camadas médias, da Cidade do Rio de Janeiro. Mulheres que, entre outras coisas, têm em comum a participação num centro de convivência para idosos – o PROVE. Suas histórias passadas e presentes foram todas recolhidas nesse espaço. Olhamos, então, para o micro – na tentativa de pensar um pouco além. Pelas suas histórias, pensamos sobre algumas transformações sociais vividas, atualmente, pelas mulheres de mais de 60 anos; sobre relações de gênero e poder e sobre a pluralidade de ser humano. Quanto mais nos aproximávamos dessas mulheres, mais encontrávamos suas metades diferentes, umas das outras. Como dissemos logo no 1º capítulo, elas são e não são como antes. Algumas se movem entre saídas e privações. Outras tentam romper definitivamente com as privações de outrora. Outras ainda já não têm ninguém em/de casa e não vivem as privações e os prazeres de cuidar.

Muitas, no entanto, rompem com representações e práticas do passado. E, suas rupturas são repletas de continuidades. Continuam. E lá estão tantas rupturas. Tantos são os novos e velhos papéis encenados (ou desejados) por elas. Quantos são seus ‘entre-lugares’.

Há também, não podemos esquecer, aquelas ainda privadas do nosso olhar. Essas, entretanto, não podemos conhecer. Elas não estão nas ruas, nos centros. Embora com a mesma idade, habitando a mesma cidade, não convivem e nem vivem com as

novas experiências de velhice. Aquelas que saem e foram parar no PROVE, nos revelaram suas tantas invenções de velhice.

Com suas histórias passadas e presentes, visamos fortalecer o escopo teórico da gerontologia ao nos ocuparmos da pluralidade de suas identidades e falar sobre seus conflitos – quase um “*ser ou não ser*”: Sou velha ou sou da Terceira Idade? Sou avó que cuida ou que sai? Sou ambas as coisas? Não sou avó, quem cuidará de mim?

*“Eu é que cuido de mim. Quantas vezes, eu doente em casa e por que você não foi para o hospital? Eu é que me cuido. [...] Não vejo ela [a filha] há 10 anos. [...] eu não gosto de pensar se eu adoecer, onde vou parar. Quando começo a pensar nisso, me arrumo e saio de casa.”*<sup>188</sup>

Ademais, tentamos descobrir por que estão presentes nos centros de convivência. Novamente, nos deparamos com seus conflitos e ambigüidades e a única consideração a ser feita está na voz delas: *A gente vem para cá para não pensar.*<sup>189</sup> Lugar do não pensar, mas também do encontrar e inventar novos poderes. Nos centros elas se re-descobrem. Tornam-se pintoras, embora nunca tenham dado um traço na vida. Inventam novas formas de parir. Têm filhos numa idade que pela biologia jamais poderiam ter: *Meus quadros são os filhos que eu não pude ter.*<sup>190</sup> Há horas que mandam a biologia às favas e se imortalizam em suas invenções: *Eu tiro o lixo do lixo e faço castelos.*<sup>191</sup> Quem diria que poderiam tanto? Desvelamos, então, novos e antigos poderes de velhas mulheres.

Aos estudos de gênero buscamos contribuir com reflexões sobre algumas novas facetas e dilemas vividos por mulheres mais velhas. Mulheres que conheceram – pela própria vivência ou pelas recordações, muito próximas, das vivências de suas mães e avós – as privações das mulheres brasileiras, em especial, de camadas médias. Tentamos fomentar ainda mais a discussão sobre os poderes exercidos de formas tão íntimas e privadas; e por isso mesmo tão difíceis de olhar. E, também pensamos mais sobre a tradição do poder de cuidar das mulheres – tão difícil de ser abandonada e os modos pelos quais elas conjugam novos e velhos poderes; infinitas são as formas.

Nessas tramas de poderes, apontamos para continuidades e rupturas nos sistemas de proteção social quando as avós saem. As tradicionais práticas protecionistas

---

<sup>188</sup> Edna, em 2004 durante entrevista.

<sup>189</sup> Ibidem.

<sup>190</sup> Gláucia, em 2001 durante atendimento psicológico.

<sup>191</sup> Fala de Walda em entrevista 2002.

brasileiras – o cuidado em casa e pelos próximos – continuam, mas muitas rupturas estão sendo desenhadas. A sacralização das avós-cuidadoras começa a se mover. Há outros lugares para estar, para ser, para exercer poder. E, será preciso inventar novos lugares (com e) para algumas mulheres estarem e serem quando seus corpos já não estiverem tão fortes. Lugares em que elas possam continuar inventando velhices e poderes. Em que possam viver – para além do sentido fisiológico – o tempo de suas vidas. É preciso flexibilizar a sacralização dos cuidados domésticos, pois ela já se move. E, assim, re-inventar um novo sinônimo para asilar: *Tudo que eu não quero e peço é para não me porem num asilo. Imagina ficar lá [...] ficar isolada.*<sup>192</sup>

Nosso trabalho, assim, se situa “naquela fronteira em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e da sua cultura” (Bosi, 1994: 37). Embora essa fronteira nem sempre seja de interesse dos estudos da política social, é ela que nos guiou para pensar os dilemas postos pelas saídas das mulheres velhas. Não custa lembrar, é para e por sujeitos que políticas são construídas. Ao olharmos mais atentamente para eles, poderemos inventar – com eles – representações, práticas e políticas mais justas. Ao nos aproximarmos de suas realidades, quem sabe, conseguiremos adensar a luta. Fortalecer o movimento. Garantir direitos. Escritos em papel e ainda vividos na utopia: *“Política do Idoso, Estatuto do Idoso, isso tudo é lindo. Mas nada disso funciona. Quem é desses políticos, que está realmente aí para o velho? Velhice só é bonita no papel.”*<sup>193</sup>.

Dar voz a essas mulheres é o que tentamos. Saber de seus prazeres, poderes e dores. Conhecer o que fica e o que sai. Suas invenções. Conhecer suas demandas e pensar juntos em novos rumos para as políticas de proteção social. Estivemos juntas. Rimos e choramos. Foram muitas nossas histórias. Algumas foram contadas aqui. E, agora corro atrás e me confronto com outras histórias. Histórias de pobres mulheres velhas que lutam contra uma doença que Telma nunca ousou dizer o nome<sup>194</sup>: *Nunca disse para ninguém o que ele tinha. Ninguém entendeu muito bem do que ele morreu.*<sup>195</sup> Lutam pela melhoria de lugares onde a falta parece estar presente em todo lugar. Com elas, agora, descubro novos poderes em velhices. Quantas são as surpresas. Ainda bem!

<sup>192</sup> Fala de Lalá em 2004 durante Oficina recolhida através da observação-participante.

<sup>193</sup> Edna, em 2004 durante Oficina recolhida através da observação-participante.

<sup>194</sup> Refiro-me as lideranças comunitárias da Rede de Comunidades na Luta contra a AIDS.

<sup>195</sup> Fala de Telma em atendimento psicológico, 2002.

### Referências Bibliográficas:

- ALVES, A. M. *A dama e o cavaleiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, 10º ed..
- AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro*. Rio de Janeiro: Musa Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. "A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica" **In:** Ciências humanas e pesquisas: leituras de Mikhail Bakhtin. Freitas, M. T., Jobim e Souza, S. e Kramer, S. (orgs) São Paulo: Cortez, 2003, 11-25.
- ARRILHA, M. "Contracepção, empowerment e entitlement: Um cruzamento necessário na vida das mulheres" Disponível em: <<http://www.fhi.org/sp>> Acesso em: 12 de setembro de 2004.
- ÁVILA, M. B. Feminismo, cidadania e transformação social. **In:** *Textos e imagens do feminismo: mulheres construindo a igualdade*. Ávila, M. B. (et. Al.) Recife: SOS CORPO, 2001, 13-70
- AZEVEDO, C. "Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão" **In:** ABREU, M E SOIHET, R. (org.) *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias*. 1.ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, pp. 38-54.
- BARROS, M. M. L. *Autoridade e Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- BEAUVOIR, S. de *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BERNSTEIN, A. "O segredo da longevidade do sexo (dito) frágil.". Trabalho apresentado no 1º Congresso de Saúde, Gênero & Corpo. 25 de agosto de 2003 – CMS Waldyr Franco.
- BLAY, E. Um Caminho Ainda Em Construção: A Igualdade De Oportunidades Para As Mulheres. Revista da USP nº 49, 2001: 82-97. Editada pela Universidade de São Paulo.
- BOCK, G. "Pobreza feminina, maternidade e direito das mães na ascensão dos Estados: providência". In: DUBY, George; PERROT, Michelle. *A história das mulheres no Ocidente: o século XX*. Tradução: Maria Helena da C. Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL. p. 435-503.
- BORGES, J. V. O mito da "explosão demográfica" e a experiência das mulheres brasileiras com os contraceptivos modernos (1960 – 1990) OUTRA - Revista Eletrônica de História. Disponível em: <http://www.revistaoutra.com.br>> Acesso em: 12 de setembro de 2004.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Política Nacional do Idoso – Lei Federal nº 8842. Brasília.

\_\_\_\_\_. (MRE – Ministério das Relações Exteriores) “Relatório Nacional Brasileiro sobre o envelhecimento da população brasileira”, 2002. Disponível em: [www2.mre.gov.br/relatorio\\_envelhecimento.doc](http://www2.mre.gov.br/relatorio_envelhecimento.doc). Acesso em: 25 mar. 2003.

BRITTO DA MOTTA, A. “Chegando pra idade” *In*: BARROS, M. M. L. de (org.) *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, pp. 223-235.

\_\_\_\_\_. “Geração, a ‘diferença’ do feminismo”. Trabalho apresentado no I Simpósio Internacional: *O desafio da diferença*. – Salvador, Bahia: Universidade Federal da Bahia, 9-12 de abril de 2000. Disponível: <http://www.desafio.ufba.br/gt7-001.html> Acesso em: 04.03.2001

\_\_\_\_\_. “As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento”. *Cadernos Pagu*, 13 (1999), pp. 191-222.

\_\_\_\_\_. “Palavras e convivência – idosos, hoje” *Rev. Estudos Feministas*, 1(1997), vol. 5, p.129-139, 1997.

CAMARANO, A. A. e PASINATO, M.T. “Envelhecimento, Condições de Vida e Política Previdenciária: Como ficam as mulheres?”. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, MG, 4 a 8 de novembro de 2002, p. 1-30.

CARVALHO, J. A. M. DE & GARCIA, R. A. “O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico” *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19(3): 752-733, mai-jun, 2003.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, R. *O mundo como representação*. *Estudos Avançados*, v.11, n.5,p.173-191, 1991.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

COSTA, N. E. da; MENDONÇA, J. M. e ABIGAIL, A. “Políticas de assistência ao idoso: a construção da política nacional de atenção à pessoa idosa no Brasil” *In*: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORZONI, M. L.; ROCHA, S. M. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 1.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, pp. 1077-1082.

COSTA, J.F, PINHEIRO, PE. J. E. “A ética democrática e seus inimigos: o lado privado da violência pública.” *In*: Nascimento, E.P.(org.). *Ética*. Rio de Janeiro/Brasília: Garamond/Codeplan, 1997: 60-86.

COSTA, S.G. "Proteção social, maternidade transferida e lutas por saúde reprodutiva” *Revista Estudos Feministas*, Vol 10 N. 2/2002. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, 2002.

\_\_\_\_\_. “Desventuras de ser doutora” 2004, *no prelo*.

\_\_\_\_\_. *Metáforas do tempo e do espaço doméstico*. Rio de Janeiro: século XIX. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História/UFF, 1996.

\_\_\_\_\_. "Repensando o PAISM" In: *Em Pauta* - Revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ. N. 1 (nov. de 1993) Rio de Janeiro: UERJ, 1993, p. 116.

CUSACK, S. & THOMPSON, W. *Leadership for older adults: aging with purpose and passion*. Philadelphia: Brunner/Mazel, 1999.

DARNTON, R. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

DEBERT, G. G. "A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade" **In:** BARROS, M. M. L. de (org.) *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, pp. 49-68.

\_\_\_\_\_. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_. "As representações (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual." Trabalho apresentado no Seminário Internacional: *Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século*. Brasília, 1 a 3 de julho de 1996.

\_\_\_\_\_. "Gênero e envelhecimento". *Revista Estudos Feministas*, CIEC/ECOIUFRRJ, v. 2, 1994.

ELIAS, N. *A solidão dos moribundos*. Seguido de *Envelhecer e Morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ERGAS, Y. "O sujeito mulher: o feminismo dos anos 1960-1980". In: DUBY, George; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres no Ocidente: o século XX*. Tradução: Maria Helena da C. Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leotina Ventura e Guilhermina. Mota. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1994. v. 5. p. 583-611.

FERREIRA, E. F. *Mulheres, Militância e Memória*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

FLEURY, S. "La expansion de la ciudadanía". Disponível em: <[www.ebape.fgv.br/academico](http://www.ebape.fgv.br/academico)> Acesso em: 14 set. 2002.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. 19ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001, 17ª ed..

FREITAS, E. V. "Demografia e epidemiologia do envelhecimento" **In:** Py, L.; Pacheco, J. L.; Sá, J. L. M.; Goldaman, S. N. *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU, 2004

GANDELMAN, L. "Gênero e ensino: parâmetros curriculares, fundacionalismo biológico e teorias feministas" **In:** ABREU, M. e SOIHET, R. (org.) *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003, p. 209-220.

GAY, P. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. Tradução de Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.



GIDDENS, A. Trad.: Magda Lopes. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GÓIS, J. B. H. “A construção das ONGs/AIDS brasileiras: história, idéias e auto-representações (1985-1998)”. *Revista Ser Social*, nº 7, 2001.

GOLDANI, A. “Mulheres e Envelhecimento: desafio para novos contratos intergeracionais e de gênero” Disponível em: <[www.uninstraw.org/en/research/ageing/docs/IPEAcapitulo.pdf](http://www.uninstraw.org/en/research/ageing/docs/IPEAcapitulo.pdf)> Acesso em: 14 ago. 2002.

GOLDMAN, S. N. “Envelhecimento Populacional: fatores demográficos, demandas sociais e políticas sociais”. Texto apresentado como suporte pedagógico para a aula da disciplina de Psicologia do Envelhecimento no Instituto de Psicologia da UFRJ no dia 8 de janeiro de 2002.

\_\_\_\_\_. “As dimensões sócio-políticas do Envelhecimento” *In*: Py, L.; Pacheco, J. L.; Sá, J. L. M.; Goldaman, S. N. *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU, 2004, pp. 61-82.

GOMES, A. C. “Venturas e desventuras de uma república de cidadãos”. *In*: Abreu, M. e Soihet, R. (org.) *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003, pp. 152-167.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOBSBAWN, E. “Introdução: a invenção das tradições” *In*: HOBSBAWN, E. e RANGER, T. (org.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, pp. 9-23.

HOUAISS, A. e Villar, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). “Tabela – população residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de idade”. Curso Demográfico 2000 – Resultados do Universo. 2000, Brasil. 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.net/ibge/estatistica/populacao/censo2000/tabelabrasil111.shtm>> Acesso em: 9 mar. 2003.

JOBIM e SOUZA, S. “Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas” *In*: Ciências humanas e pesquisas: leituras de Mikhail Bakhtin. Freitas, M. T., Jobim e Souza, S. e Kramer, S. (orgs) São Paulo: Cortez, 2003, 77-94.

LÉFAUCHEUR, N. "Maternidades, família e Estado". In: DUBY, George; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres no Ocidente: o século XX*. Tradução: Maria Helena da C. Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1994. p. 479-503.

LEON, M., 2000. Empoderamiento: Relaciones de las mujeres con el poder. *Estudios bFeministas*, 8:191-207.

MEIRELES, C. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

\_\_\_\_\_. *Obra em prosa — Volume 1*", Editora Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Editora Hucitec, São Paulo, 2000.

MONTEIRO, M. F. G. & ALVES, M. I. C. "Aspectos demográficos da população idosa no Brasil" **In:** VERAS, R. P.(et al) *Terceira idade: o envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, UnATI/UERJ, 1995, p. 65-78.

NERI, A. (org). *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. "O fruto dá sementes: processos de amadurecimento e envelhecimento" **In:** NERI, A. (org.) *Maturidade e Velhice*. Campinas: Papirus, 2001, pp. 7-11.

NICHOLSON, L. "Interpretando gênero" **In:** *Rev. Estudos Feministas*, vol.8, 2 (2000), p. 9-41.

NUNES, A. T. G. L. "Serviço social e universidade de terceira idade: uma proposta de participação e cidadania para os idosos" **In:** *Textos sobre envelhecimento UNATI/UERJ*. ano 3, n. 5, 2000, p.1-97.

NUNES, S. A. "A medicina social e a questão feminina" **In:** *PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva* vol. 1 nº 1, 1991: 49-76.

PAZ, S. F. *Dramas, cenas e tramas: a situação de Fóruns e Conselhos do idoso no Rio de Janeiro*. Campinas, 2001. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

PEIXOTO, C. "Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade..." **In:** BARROS, M. M. L. de (org.) *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 69-84.

\_\_\_\_\_. "De volta às aulas ou De como ser estudante aos 60 anos". **In:** VERAS, R. (org.) *Terceira Idade: desafios para o Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ UNATI/UERJ, 1997, p. 41-74.

PERROT, M. "Sair" **In:** *História das Mulheres no Ocidente. O século XIX*. Porto/São Paulo: Edições Afrontamento/EBRADIL, 1994: 503-539.

\_\_\_\_\_. (Orgs.). "A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia". Tradução: Rachel Soihet, Suely Gomes Costa e Rosana Soares. *Gênero*, Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero (NUTEG), v. 2, n. 1, p. 7-30, 2. sem. 2001.

PY, L *Testemunhas Vivas da História*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. "Projeto de Valorização do Envelhecer". Rio de Janeiro: UFRJ/INDC, 1996.

QUINTANA, M. *"Do Caderno H"*, Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

ROCHA, S. M.; GOMES, M. G. C.; FILHO, J. B. L. "O protagonismo social da pessoa idosa: emancipação e subjetividade no envelhecimento" **In:** FREITAS, E. V.; PY, L.;

- NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORZONI, M. L.; ROCHA, S. M. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, pp. 1030-1036.
- ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SAFFIOTI, H. I. B. *A mulher na sociedade de classe: mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes, 1969
- SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Tradução de B. Sette. Rio da Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- SANTOS, W. G. *Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro, Campus, 1979.
- SCOTT, J. W. “Gênero: uma categoria útil da análise histórica” *Educação e realidade*, vol. 20, n.2 (jul/dez 1995), pp. 71-99.
- SEMINÉRIO, F. P. “Existência e Finitude”. **In:** PY, L.(org.) *Finitude: uma proposta para reflexão e prática em gerontologia*. Rio de Janeiro, Nau Editora, pp.21-31, 1999.
- SESC-SP. *Serviço Social do Comércio – São Paulo*. Disponível em: <www.sesc-sp.br> Acesso em: 01 fev. 2004.
- SIMÕES, J. A. “‘A maior categoria do país’: o aposentado como ator político” **In:** BARROS, M. M. L. de (org.) *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, pp. 13-34.
- SWAIN, T. N. "Para além do binário: os *queers* e o heterogênero". *Gênero*, Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero (NUTEG), v. 2, n. 1, p. 87-98, 2. sem. 2001.
- TODOROV, T. *Nós e os Outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. vol. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*, Livro I, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THURZ, D. “The possibilities of empowerment”. **In:** *Ageing International*, XX (1), pp. 1-2. 1993.
- VASCONCELOS, E. M. “A proposta de empowerment e sua complexidade: uma revisão histórica na perspectiva do Serviço Social e da saúde mental”. **In:** *Serviço Social & Sociedade* n° 65, ano XXII, *Seguridade Social e Cidadania*, Rio de Janeiro, Ed. Cortez, pp. 5-49, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teorias e estratégias*. São Paulo: Paulus, 2003.
- VERAS, R. P. & CAMARGO Jr., K. R. de. Idosos e universidade: parceria para a qualidade de vida. **In:** *Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*, 1995: 11-28.

WHO – OMS. “Women, Ageing and Health”. Fact sheet nº 252, 2000. Disponível em: <[www.who.int/inf-fs/en/fact.252.html](http://www.who.int/inf-fs/en/fact.252.html)> Acesso em: 09 out. 2001.

WOORTMANN, K. *A família das mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987: 88.

### **Bibliografia:**

AZEVEDO, C. E ALMEIDA, M. R. C. de “Identidades plurais” **In**: ABREU, M E SOIHET, R. (org.) *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, pp. 25-26.

BARROS, M. M. L. de (org.) *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

\_\_\_\_\_. “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice” **In**: BARROS, M. M. L. de (org.) *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 113-168.

BLEGER, J. “Temas de Psicologia: entrevista e grupos”. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BORGES, C.M.M. “Gestão participativa em Organizações de idosos: instrumento para a promoção da cidadania” **In**: Freitas, E. V.; Py, L.; Neri, A.L.; Cançado, F.A.X.; Gorzoni, M.L.; Rocha, S. M. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, pp. 1037-1041.

COSTA, J. F. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

COSTA, S. G. “Gêneros, Biografias e História”. Trabalho apresentado no X Encontro Regional de História. Rio de Janeiro/UERJ, 17 de outubro de 2002.

\_\_\_\_\_. “Repensando o PAISM”. *Em Pauta* - Revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ, n. 15, p. 109-122, jul./dez. 1999.

\_\_\_\_\_. “Alice por Alice: as amarras femininas em O Tronco do Ipê”. *Tempo*, UFF, Departamento de História, v. 5, n. 9, p. 29-42, jul. 2000.

DA MATTA, R., *A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

D’ÁVILA NETO, M. I., PIRES, C. “Empoderamento: uma questão no projeto de equidade de gênero no Brasil”. **In**: UCLA Journal of Latin American Studies – *Perspectives on Latin*

*American for the New Millennium*. California, USA, pp.1-5,1999. Internet:  
<http://www.generation99.org/journal/Empoderamento.htm> Acesso em

FOX, J. "The Cultural Implications of Democracy, Empowerment and Citizenship".  
 Trabalho apresentado na World Commission on Culture and Development United Nations  
 Educational, Scientific and Cultural Organization. 19 de Abril, 1995. Internet:  
[www.lals.ucsc.edu/Fox/Unesco.pdf](http://www.lals.ucsc.edu/Fox/Unesco.pdf)

GEERTZ, C. *O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa*. Petrópolis:  
 Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed.Guanabara, 1989.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido  
 pela Inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras,  
 1987.

GOMES, A. C. *Burguesia e trabalho: política e legislação social no Brasil. 1917-1937*.  
 Rio de Janeiro: Campus, 1979.

PAZ, S. F. "A situação de Conselhos e Fóruns na defesa dos direitos dos idosos" **In:**  
 FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORZONI, M. L.; ROCHA,  
 S. M. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, pp.  
 1042-1047.

POLANYI, K. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Tradução: Fanny  
 Wrobel. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

PRATT, H.. "The Emergence of Seniors' Organizations: An International Perspective." **In:**  
*Ageing International*, XX(1), pp. 9-11. 1993.

PY, L. *Velhice nos arredores da morte: a interdependência na relação entre idosos e seus  
 familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_; Pacheco, J. L.; Sá, J. L. M.; Goldaman, S. N. *Tempo de envelhecer: percursos e  
 dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU, 2004

SCOTT, J. "A mulher trabalhadora". In: FRAISSE, Genevieve; PERROT, Michelle  
 (Orgs.). *A história das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Tradução: Maria Helena da  
 Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota. Porto:  
 Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1994. p. 443-475.

\_\_\_\_\_. "Deconstructing Equality - versus - Difference: Or the Uses of Poststructuralist  
 Theory for Feminism." *Feminist Studies*, 14, Spring 1988, p 33-50.

\_\_\_\_\_. "História das mulheres". In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas  
 perspectivas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p 63-96.

SINEAU, Mariette. "Direito e democracia". In: DUBY, George; PERROT, Michelle  
 (Orgs.). *História das mulheres no Ocidente: o século XX*. Tradução: Maria Helena da Cruz  
 Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota. Porto:  
 Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1994. p. 551-581.

SOBRINHO, D. F. *Estado e população: uma história do planejamento familiar no Brasil*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/FNUAP, 1993.

SOIHET, R. "A história das mulheres". In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 2000. p. 275-296.

Strey, M. N. e Mattos, D. R. Prehn y Flora. "O trabalho e a mulher da Terceira Idade: um estudo preliminar." **In:** II Congresso Iberoamericano de Psicologia, 1998. Internet:

<http://copsa.cop.es/congresoiberoa/base/social/soct56.htm>

VALENTE V. V. "Una reflexion feminista de la ciudadanía". **In:** *Estudos Feministas*, vol.8, n.2/2000. CFH/CCE/UFSC.

VARIKAS, E. "O pessoal é político: desventuras de uma promessa subversiva". *Tempo*, v. 2, n. 3, p.59-80, jun. 1997.

VELHO, G., *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VERAS, R. P. "Atenção Preventiva ao Idoso – Uma abordagem de Saúde Coletiva". **In:** Papaléo, M.. *Gerontologia*. São Paulo, Atheneu, pp. 383-393, 1996.

Veras, R. et alii. "Terceira Idade: desafios para o Terceiro Milênio". Rio de Janeiro, Relume Dumará/ UNATI/ UERJ, 1997.

WALLERSTEIN, N. & BERNSTEIN, E. "Introduction to Community Emporwerment, Participation, Education, and Health". **In:** *Health Education Quarterly: Special Issue Community Emporwerment, Participatory Education, and Health - Part I*. Vol 21 (2) Summer, pp. 141-148. 1994.